

ADRIANA TIGRE LACERDA NILO

**INTERTEXTUALIDADE E POLIFONIA NAS TELEVISÕES
PÚBLICA E PRIVADA:**

**ANÁLISE TEXTUAL-DISCURSIVA DOS TELEJORNAIS CULTURA
NOITE (TV CULTURA) E JORNAL NACIONAL (TV GLOBO).**

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de Campinas,
para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientador: Prof^a Dr^a Anna Christina Bentes da Silva

CAMPINAS

2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

N598i

Nilo, Adriana Tigre Lacerda.

Intertextualidade e polifonia nas televisões pública e privada: análise textual-discursiva dos telejornais Cultura Noite (TV Cultura) e Jornal Nacional (TV Globo) / Adriana Tigre Lacerda Nilo. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Anna Christina Bentes da Silva.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Intertextualidade. 2. Gênero. 3. Telejornalismo. 4. Polifonia. I. Bentes, Anna Christina. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Intertextuality and Polyphony in Public and Private TV Broadcasters: a discursive textual assessment of TV Cultura's Cultura Noite and TV Globo's Jornal Nacional TV news programs.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Intertextuality; Genre; News broadcasts; Polyphony.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

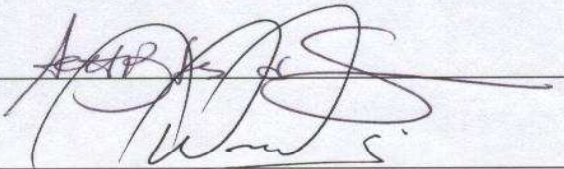
Banca examinadora: Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva (orientadora), Prof. Dr. João Wanderley Geraldi, Profa. Dra. Ingedore Grunfeld Villaça Koch, Profa. Dra. Roseli Figaro e Prof. Dra. Astrid Sgarbieri..

Data da defesa: 27/02/2008.

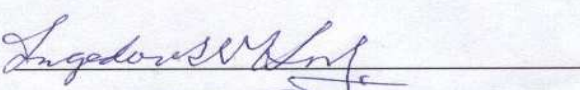
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

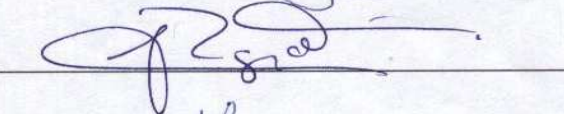
Anna Christina Bentes da Silva



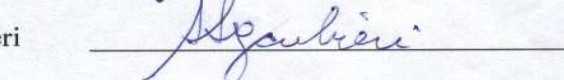
João Wanderley Geraldi



Ingedore Grunfeld Villaça Koch



Roseli Aparecida Figaro Paulino



Astrid Karin Elisabeth Lilly Nilsson Sgarbieri



Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira Andrade



Jonas de Araújo Romualdo



Edwiges Maria Morato



IEL/UNICAMP

2008

Ao meu pai, de quem herdei a vocação acadêmica.
À tia Mauiza (*in memoria*) pelo exemplo de uma vida dedicada à Educação.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sylvia Tigre e Luiz Lacerda, pela formação que me possibilitou, desde cedo, o acesso às diversas expressões de arte e cultura e não só a oportunidade de uma educação formal. Meu muito obrigado pelo incentivo e demonstrações de afeto. Extensivos agradecimentos ao meu irmão, Filipe, às tias Lacerda e as Tigre, a Mirinha, a Ana Antunes, a D^a Lurdes e a Ir^a Zefinha.

Aos acadêmicos Ana Mariana Assunção, Fernanda Sousa Silva, Antônio Fabrício e a Rafael Ângelo Santana pela valiosa contribuição na transcrição e formatação do corpus. A Marco Antonio Rosa Machado e Marta Maria de Moraes, pela predisposição em formatarem este trabalho em plena contagem regressiva. A Marta, agradeço ainda, pelo empenho na edição do vídeo do corpus e da apresentação da Tese.

Aos grandes amigos Enildo Pessoa e Gracinha pelos encaminhamentos e aconselhamentos durante minha permanência em Campinas e até hoje, também.

A Vanessa Santos e a *todos os Santos* da família pelo apoio logístico e pela forma acolhedora com a qual me receberam em várias das minhas vindas a Campinas.

Às queridas irmãs Dominicanas pela receptividade, em um ambiente tão propício à introspecção, bastante necessária no período de finalização deste trabalho.

Às meninas pensionistas pelos momentos de descontração e solidariedade, e, especialmente, a Ana Carla e a Meryn pelo ânimo e pelo incentivo constantes.

Às queridas amigas Mara Santos, Marisa Moraes, Valquíria Guimarães, Janyza Falcão, Zeleide Albuquerque e a toda família Brasil pelas palavras de encorajamento e por todo apoio e acolhimento nos momentos de fato difíceis.

À Lucélia Alves Moura e Isabel Cristina da Silva, fiéis guardiães da casa e dos meus filhotes.

Ao Colegiado do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Tocantins, representado na pessoa da prof^a Marluce Zacariotti, a quem agradeço pelo tratamento que recebi não só nas questões institucionais, mas principalmente naquelas que incidiram à minha pessoa. A confiança e a solidariedade têm um valor inestimável, sobretudo, em momentos difíceis.

À banca de qualificação (Prof^a Dr^a.Ingedore Koch e Prof^a Dr^a Astrid Sgarbieri) pela disponibilidade, pelos chamamentos e ensinamentos, meu muitíssimo obrigado.

Ao Instituto de Estudos da Linguagem-IEL/Unicamp, pela oportunidade.

Enfim, em nome da intertextualidade, *os últimos serão os primeiros*: a Anna Christina, pela orientação norteadora e por tudo o que puder imaginar que eu possa agradecer! Principalmente, pela sensibilidade de enxergar a alma humana e as contingências pessoais de cada um, enquanto lida com a figura *pesquisadora* e o seu respectivo objeto de estudo. Esta postura foi fundamental para que eu me mantivesse firme e seguisse adiante.

A DEUS, pelo universo que criastes, pelas oportunidades que nos destes e por sua infinita misericórdia.

*Somos o que fazemos, mas somos principalmente o que fazemos para mudar o que
somos. (Eduardo Galeano)*

RESUMO

Este trabalho é desenvolvido no campo da lingüística textual e tem a sua fundamentação baseada, ainda, em teorias das ciências sociais, nas áreas da história social e da sociologia da comunicação. Teve por objetivo analisar algumas formas de ocorrência da intertextualidade temática, por meio do estudo da centração tópica, e da polifonia, a partir do entendimento dos processos de produção e edição do discurso reportado, no sub-gênero telejornal, um dos principais integrantes da variada gama de gêneros da TV. O objeto da análise é constituído por telejornais veiculados no horário nobre da televisão brasileira: o jornal Cultura Noite, da TV Cultura e o Jornal Nacional, da TV Globo. Mais especificamente, o universo da pesquisa é formado por cinco edições de cada um dos telejornais, das respectivas emissoras, exibidos entre os dias 07/05/07 e 11/05/07. A questão norteadora indaga em que medida os procedimentos de definição do foco relevante da notícia, bem como a mobilização das vozes sociais enunciadas para a construção do gênero telejornal, estão ligados aos modelos público e privado de televisão. Em princípio, partimos da hipótese de que as respectivas funções sociais de cada uma dessas emissoras tivessem uma influência mais significativa, no modo pelo qual ocorre o estabelecimento de relações intertextuais, de natureza temática, e polifônicas. A análise dos telejornais, tanto no seu recorte sincrônico, por meio do estudo comparativo de tópicos abordados em edições do mesmo dia, quanto no recorte diacrônico, por meio do estudo da enunciação polifônica, bem como da organização tópica, ao longo da semana, possibilita concluir que tais interferências ocorrem com maior evidência no nível macro-estrutural destes gêneros. É, portanto, no nível textual discursivo que se encontra a força geradora dos diferentes modos de se constituir gêneros telejornalísticos que, entendidos como prática social, encontram-se relacionados aos seus contextos de produção, não sendo deles, porém, de todo dependentes para construírem uma identidade.

Palavras-chave: Intertextualidade; Gênero; Telejornal; Polifonia.

ABSTRACT

This paper has its axis in the field of textual linguistics, having its basis also set on theories of the social sciences, specifically in the subfields of social history and communication sociology. It aims at assessing a variety of different possible occurrences of theme intertext relationships through a deeper look onto concepts as *topic centration* and *polyphony*, by the means of comprehending the processes of producing and editing the *reported discourse* in the TV News broadcasting genre. The object of such analysis embraces specifically prime time Brazilian tv news: TV Cultura's jornal Cultura Noite and TV Globo's Jornal Nacional. This study comprises five subsequent presentations of each of the object programs, namely those broadcasted from May 07th, 07 to May 11th, 07. This study revolves around an issue: the connection between the private and public established standards of tv producing and both the process of definition of what's relevant for the news and the mobilization of the enunciated social voices. At first we hypothesized each of these tv stations' social roles would significantly influence the entanglements of how intertext relationships - thematic by nature - are developed, as well as the polyphonic relationships. Analyzing the tv news programs - either synchronically, through a comparative assessment of the issues presented in their respective editions on single different days; or diachronically, by the means of studying their distinct polyphonic enunciation and topic ordering during the entire week - one can conclude such interferences occur more evidently at the level of the macro-structure of these genres. It's therefore within the discursive textual level that resides the boosting power that generates the most diverse tv news genres. And as far as their social roles are concerned, such genres can be said to be related to their respective production contexts, although the genres are not thoroughly dependent on their social roles when it comes to building their own identity.

Keywords: Intertextuality; Genre; Tv News; Polyphony.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. A MÍDIA E A (RE)ORGANIZAÇÃO SOCIAL	5
1.1 Contexto histórico da mídia	5
1.2 Contextos interativos: da interação face a face às mediadas	21
1.3 Modelos de TV e linhas editoriais: escrevendo suas funções sociais.	34
CAPÍTULO 2. CONCEITOS TEÓRICOS FUNDAMENTAIS PARA A ANÁLISE DO GÊNERO TELEJORNAL	47
2.1. Sobre a natureza multimodal dos gêneros televisivos	47
2.2. Gêneros televisivos e formatos de telejornais	54
2.3. Intertextualidade e Polifonia na perspectiva dialógica	68
CAPÍTULO 3. APRESENTANDO A METODOLOGIA GERAL DA PESQUISA	90
3.1. Procedimentos gerais da pesquisa	90
3.2. Caracterizando o objeto (os telejornais JN e CN) e delimitando a amostra	94
CAPÍTULO 4. ANÁLISE TEXTUAL-DISCURSIVA DOS TELEJORNAIS	99
4.1. Apresentando diferentes abordagens sobre categorias temáticas: os enfoques da comunicação social e da lingüística textual	99
4.2. Apresentação geral dos supertópicos trabalhados nos telejornais JN e CN no período de 07 a 11/05/2007	110
4.3 Análise da <i>centração tópica</i> nos dois telejornais sobre a <i>Virada Cultural</i> : um recorte sincrônico	118
4.4. Análise da <i>centração tópica</i> sobre <i>aborto</i> e das formas de citação do discurso reportado, no noticiário da visita do Papa Bento XVI ao Brasil, nos dois telejornais: um recorte diacrônico	126
CONCLUSÕES	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	161
ANEXOS E APENDICE	170

ANEXO A- Normas do NURC	171
ANEXO B- Glossário de Telejornalismo	173
ANEXO C- Espelhos dos Telejornais CN e JN entre os dias 07 e 11/05/07 (Encarte do CD)	177
APENDICE-Painéis dos telejornais CN e JN entre os dias 07 e 11/05/07	178

INTRODUÇÃO

Inscrito no campo da lingüística textual e baseado ainda em estudos do discurso da mídia, este trabalho tem por objetivo analisar algumas formas de ocorrência da intertextualidade e da polifonia no gênero telejornal da TV aberta brasileira, mais especificamente nos modelos privado e público da televisão. Pretende, particularmente, identificar as estratégias adotadas para definição dos aspectos relevantes na notícia e dos pontos de vista acerca dos fatos retratados.

Partimos da hipótese de que o modo pelo qual ocorre o estabelecimento de relações intertextuais e de natureza temática e a mobilização de diferentes vozes sociais no interior do gênero telejornal e dos seus vários subgêneros poderia ser bastante diferente, considerados um ou outro modelo de televisão.

Ao contrário do que apontam alguns estudos da comunicação social, dedicados à análise da recorrência temática na cobertura jornalística, com base na teoria do agendamento, pressupõe-se aqui que os aspectos temáticos semelhantes ou mesmo distintos dependem significativamente mais do processo de hierarquização tópica, definidora da centração (foco) e tensão (tendência à exacerbação do extraordinário, sensacional, trágico, conflituoso ou espetacular), do que do teor do material jornalístico veiculado.

Iniciaremos, no primeiro capítulo, apresentando alguns aspectos do contexto histórico, relativos ao surgimento da mídia e a sua interferência na (re)organização social. Longe de recorrer à abordagem historicista, que evidencia a linearidade de eventos e datas, pretendemos obter da sociologia da comunicação e da história social determinados pressupostos teóricos, imprescindíveis à reflexão e ao redimensionamento acerca do papel da mídia na sociedade, como um dos principais agentes responsáveis pela construção da realidade em termos lingüísticos e cognitivos.

Em seguida, dedicaremos uma breve atenção às relações de poder entre a mídia e demais instituições sociais, por considerar que o gênero telejornal não deva ser entendido à revelia do modelo de televisão ao qual pertence, seja público ou privado. Em princípio, acreditamos que cada um destes segmentos esteja mais relacionado a determinados tipos de poder, responsáveis pela definição dos princípios de gestão, dos quais, por sua vez, originam-se a missão e a visão das emissoras de televisão analisadas.

Abordamos ainda os contextos interativos nos quais atuam os meios de comunicação de massa, destacando características tanto conceituais quanto técnicas da mídia televisiva e, mais especificamente, dos telejornais. Também aprofundamos questões relativas à mídia em estudo, a televisão. Tivemos o interesse de refletir sobre a aparente clarevidência da linguagem audiovisual, tão acessível ao público brasileiro, considerando-se que uma parcela significativa da população não tem acesso à chamada cultura letrada.

Por fim, abordaremos os modelos de televisão vigentes no país, relacionando-os com a discussão anterior acerca dos tipos de poder que interferem nas linhas editoriais das emissoras e, conseqüentemente, na montagem da grade de programação das televisões que operam no circuito do sinal aberto. Estas aqui entendidas, conforme define Dominique Wolton, como sendo televisões generalistas (Wolton,1996) ou geralistas (Wolton, 2004), por estarem acessíveis (do ponto de vista operacional, não necessariamente lingüístico e/ou cognitivo) a todos os segmentos sociais.

Chegamos, então, no segundo capítulo, à discussão dos gêneros televisivos e dos formatos de telejornais, para a qual buscamos fundamentação em Bakhtin e filiados, com intuito de fugir da limitação teórico-metodológica perceptível em vários estudos do campo da comunicação social, cuja abordagem predominante tem um forte viés tecnicista e cuja visão de linguagem é circunspeta à quantificação de dados acerca do espaço reservado e do tempo atribuído aos textos jornalísticos.

No campo lingüístico, escolhemos os fenômenos da intertextualidade (temática) e da polifonia cujas presenças são marcantes no discurso jornalístico, eminentemente reportado. Esta primeira será verificada por meio do estudo do processo de hierarquização tópica, aqui definido como uma das categorias de análise. No caso da polifonia, buscamos em Ducrot (1984), na teoria da enunciação, embasamento para compreensão e identificação das vozes (locutoras e enunciantes) presentes nos telejornais.

Nosso corpus é composto por dez telejornais de abrangência nacional, veiculados durante a semana, no horário nobre da televisão brasileira. Reunimos cinco edições da TV Globo (Jornal Nacional) e cinco da TV Cultura (Cultura Noite), exibidas entre os dias 07 e 11 de maio de 2007, que resultam em cerca de sete horas e meia de gravação. Dada a especificidade do corpus audiovisual, para a transcrição integral dos dados e o manuseio da amostra, tomamos como referência tanto as normas do NURC quanto as regras dos manuais de telejornalismo para preenchimento de laudas e elaboração de espelho, no qual consta a descrição do material veiculado pelas emissoras. Criamos, ainda, uma espécie de folha de rosto, em forma de painel contrastivo das edições dos dois telejornais, para cada um dos dias cinco dias de documentação. Este procedimento tem o objetivo de facilitar o conhecimento prévio e mais resumido dos dez espelhos, cuja transcrição integral chega ao número de vinte e cinco páginas, totalizando cerca de duzentas e cinquenta no seu conjunto.

Na análise, procederemos a um recorte sincrônico para a apreciação de materiais exibidos, em um mesmo dia, por ambas as emissoras. Este é o caso da reportagem sobre o tumulto no show dos Racionais, em São Paulo e das notas sobre a III virada cultural paulista, na qual ocorreu tal incidente. Paralelamente, no recorte diacrônico, predispomo-nos a investigar a condução da abordagem jornalística diante de fatos, cujos desdobramentos renderam a sequência da cobertura diária, ao longo da semana, conforme o ocorrido com a visita do Papa Bento XVI ao Brasil, em maio de 2007.

Diante da complexidade do assunto e do volume do material obtido, temos consciência da contribuição teórica e metodológica pretendida, por este estudo, bem como das limitações, de diversas naturezas, a ele impostas. Certamente, estudos futuros poderão abarcar propostas aqui não contempladas.

Deste modo, partimos do pressuposto de que a observação da recorrência a determinados super-tópicos e, possivelmente, a ocorrência da polifonia, via o procedimento de citação, em ambas as emissoras, relacionam-se a um contexto mais amplo, no qual incidem o modelo de gestão das televisões, como também a linha editorial adotada por cada uma delas.

CAPÍTULO 1. A MÍDIA E A (RE)ORGANIZAÇÃO SOCIAL

1.1 Contexto histórico da mídia

Sabemos que vivemos, cada vez mais, em um mundo equipado por inúmeros aparatos tecnológicos que interferem – substancialmente – na organização social¹. Postos a serviço de diversos setores da sociedade, tais como o da Saúde, o da Segurança, o de Transporte, o da Economia, o da Educação, entre outros é, no entanto, no campo da Comunicação que tais recursos têm influenciado sobremaneira – ao longo dos séculos – os processos de interação social, tanto no âmbito interpessoal, quanto institucional.

Uma notícia sobre um incidente ocorrido, em dezembro de 2006, em São Paulo, e que em tempos de globalização foi veiculada pelas diversas mídias, em todo o mundo (literalmente), ilustra bem os dias de hoje: *“Empresário flagra assalto em sua casa através da internet. Ele estava na Alemanha e foi alertado pelo sistema eletrônico instalado em sua casa no Guarujá”*².

A manchete, acima citada, na verdade refere-se a dois acontecimentos; o assalto e o seu flagrante *online*, sendo este último fato o que possibilitou, inclusive, ao proprietário da casa tomar as devidas providências, por meio de um simples telefonema à polícia brasileira, providências estas, tomadas a uma longa distância geográfica, mas em tempo real! Ritmo, aliás, em que atuam não só a internet, mas também a televisão (quando entra ao vivo) e demais gêneros híbridos, como o das WebTVs.

Mais do que estar cientes deste fato, bastante visível à realidade cotidiana, no âmbito da pesquisa acadêmica precisamos refletir justo sobre o que

¹ Este fenômeno é identificado por alguns autores como o “panóptico”. Para Miller (2000,p.77): O panóptico não é uma prisão. É um princípio geral de construção, o dispositivo polivalente da vigilância, a máquina óptica universal das concentrações humanas”.

² O fato foi noticiado pela Agência Estado (20/12/06). Disponível in www.linkestadao.com.br

não está evidente. Isto significa investigar e tentar entender a complexidade dos processos histórico-sociais, responsáveis pela evolução e pela (re)elaboração das formas de comunicação que, por sua vez, interferem direta e indiretamente no discurso da mídia, de modo geral, e do telejornalismo, objeto específico deste estudo.

Somente a partir de uma abordagem que relacione linguagem (humana e midiática) e sociedade³, teremos condições de compreender de quais modos e em que bases os meios de comunicação de massa assentam, constituem e reproduzem os seus discursos, que interferem na nossa consciência de ser integrante de uma sociedade global e, conseqüentemente, a nossa forma de agir no mundo.

Não temos dúvida, conforme observam Kovach e Rosenstiel de que:

precisamos de notícias para viver nossas vidas, para nos proteger, para nos ligarmos uns aos outros [...] Por isso nos preocupamos com a natureza das notícias e do jornalismo de que dispomos [pelo fato de que]: influenciam a qualidade de nossas vidas, nosso pensamento, nossa cultura (Kovach; Rosenstiel, 2004, p. 18).

No entanto, embora os citados autores alinhem-se aos pensadores norte-americanos dedicados ao *media criticism*, desenvolvendo análises críticas da mídia, adotam uma perspectiva um tanto quanto sistemática que pode resvalar no reducionismo, quando afirmam, por exemplo, que “[...] o jornalismo é **simplesmente** o sistema criado pelas sociedades para fornecer essas notícias” **Grifo nosso.** (Kovach; Rosenstiel, 2004, p.18). Por considerarmos tal questão complexa, como foi dito anteriormente, a exploraremos melhor, mais adiante, no item dedicado às coerções sociais e relações de poder.

³ A comunicação e os sistemas comunicativos representam um dos elos estabelecidos entre os indivíduos e os grupos numa sociedade (cf. Bazerman, 2006) Baseado em Luhmann (1989), Bazerman defende que “a noção de ordem social e de ambiente organizado para a ação individual faz sentido [...] se vemos a sociedade e a ordem social não nos indivíduos ou nos grupos, mas naquilo que existe entre os indivíduos e os grupos” (Bazerman, 2006, p.139-140).

Assim sendo, com base na argumentação de Silverstone (2004), teórico inglês dedicado ao estudo da mídia, entendemos que as ciências sociais, principalmente a História e a Sociologia, contribuem não só para uma análise sincrônica da interferência da mídia na interação social, como também para uma leitura diacrônica do modo pelo qual, no campo específico da comunicação, chegamos a diferentes modelos de televisão, com princípios e linhas editoriais - em tese - distintos e, possivelmente, gêneros televisivos⁴ e enunciações telejornalísticas características de cada um dos modelos delineados.

Para contextualizar esta discussão, é necessário retroagirmos, brevemente, ao contexto que possibilitou o surgimento de tais recursos interativos. Com base nos autores que trabalham com a história da mídia, como Briggs & Burke (2004) e, ainda, em alguns sociólogos da sociologia da comunicação, como Castells (1999) e Thompson (1998), encontramos uma pertinente fundamentação teórica para a análise da relação dos meios de comunicação com as demais instituições sociais.

Thompson, autor - entre outros títulos - de uma teoria social da mídia, apresenta como marco histórico o que chama de “mediação da cultura”, iniciada na segunda metade do século XV, com a passagem da sociedade feudal para os chamados Burgos, origem dos estados modernos na Europa. Segundo o citado autor, foi a partir do uso da tipografia que “os modelos de comunicação e interação transformaram-se de maneira profunda e irreversível” (Thompson, 1998, p.49).

A respeito do desenvolvimento das organizações da mídia, no que tange à avaliação do impacto desta técnica no contexto histórico em questão, o historiador inglês Peter Burke (2004) ressalta que esta não deve ser entendida como agente de mudança e sim como efeito catalizador de tais transformações.

Sugere, o referido autor, que “talvez seja mais realista ver a nova técnica - como aconteceu com outros meios de comunicação em séculos

⁴ Adiante, em capítulo específico, trabalharemos este conceito, com base em teorias do gênero que possibilitam uma ponte entre as abordagens da micro e da macrosociologia.

posteriores - (a televisão, por exemplo) [...] mais ajudando as mudanças sociais do que as originando” (Burke, 2004, p.32).

Os procedimentos de produção e reprodução em larga escala, significativamente ampliados após a Revolução Industrial na segunda metade do século XVIII e na primeira do século XIX, trouxeram significativas contribuições, que modificaram o processo de interação social. Um dos aspectos técnicos de maior influência na mídia, principalmente para os gêneros multimodais⁵, como a televisão, a Internet e atualmente para todas as mídias convergentes, foi a quebra da tradicional ligação entre transporte [físico] e comunicação de mensagens, ocorrida com a invenção do telégrafo, em 1837, como pontua Burke (2004)⁶.

Iniciava-se aí o redimensionamento, por parte da mídia, das referências básicas de “tempo” e de “espaço”, das quais nos utilizamos tanto para termos consciência individual da própria existência, quanto, sobretudo, para obtermos um parâmetro da convivência social. Em termos culturais, conforme observa Machado, “enquanto o espaço é social, o tempo é sempre histórico” (Machado, 2005, p.159)⁷.

Na avaliação de Thompson (1998) os acontecimentos relacionados ao desenvolvimento das indústrias da mídia, durante o século XIX, tiveram como

⁵ Este conceito, referente aos gêneros textuais que se apresentam por meio de várias linguagens; falada escrita, sonora, etc, será desenvolvido adiante em capítulos específicos.

⁶ Neste âmbito, inserem-se desde as primeiras experiências com telégrafo eletromagnético entre 1830 e 1840, na Europa; às transmissões eletromagnéticas da fala, também nos Estados Unidos, entre 1870 e 1899, intensificadas posteriormente, durante a primeira metade do século XX, na I Guerra mundial e, por fim, o subsequente desenvolvimento dos sistemas de transmissão radiofônica, com o uso do rádio, a partir de 1920 e a televisão, a partir de 1940. Na concepção de Castells (1999), se a primeira Revolução Industrial foi britânica, a primeira Revolução da Tecnologia da Informação foi norte-americana, com tendência californiana. Nos dois casos, cientistas e industriais de outros países tiveram um papel muito importante tanto na descoberta como na difusão das novas tecnologias. A França e a Alemanha foram fontes importantes de talentos e aplicações da Revolução Industrial. As descobertas científicas originadas na Inglaterra, França, Alemanha e Itália constituíram a base das novas tecnologias de eletrônica e biologia. A capacidade das empresas japonesas foi decisiva para a melhoria do processo de fabricação com base em eletrônica e para a penetração das tecnologias da informação na vida cotidiana mundial mediante uma série de produtos inovadores como videocassetes, fax, videogames e bips.

⁷ Esta perspectiva será imprescindível, posteriormente, à nossa abordagem da teoria da enunciação. Adiante, ao tratarmos dos contextos interativos, mencionaremos também como tais referências são reelaboradas pelos meios de comunicação e, em especial, pela televisão.

principais conseqüências: a transformação das indústrias da mídia em interesses comerciais de grande escala, a globalização da comunicação e o desenvolvimento das formas de comunicação eletronicamente mediadas⁸.

Um dos fatores decorrentes desta primeira tendência foi a concentração de recursos nas indústrias jornalísticas, com poucas organizações monopolizando o mercado. Outro fator decorrente deste cenário é a ampliação dos suportes usados nas atividades da comunicação midiática.

Os processos de crescimento e consolidação assumem cada vez mais um caráter multimídia à medida que grandes corporações vão adquirindo participação crescente nos vários setores da indústria da mídia, desde as edições de jornais locais e nacionais às transmissões televisivas via satélites, das publicações de livros e revistas à produção e distribuição de filmes (Thompson, 1998, p. 74).

Ainda segundo o referido autor, “estas grandes concentrações de poder econômico e simbólico fornecem as bases institucionais para a produção de informação e conteúdo simbólico e sua circulação em escala global” (Thompson, 1998, p.75). Assim sendo, o fenômeno da globalização possibilitou não só uma ampliação, mas uma intensificação do fluxo internacional de informação, graças ao surgimento das novas agências internacionais de notícias sediadas nas principais cidades da Europa⁹.

⁸ Configurava-se assim, de forma embrionária, a lógica de mercado que predomina nas instituições da mídia, até os dias atuais, salvo as raras exceções daqueles países, cujos regimes socialistas atribuem ao Estado o papel não só de outorgar, mas também deter majoritariamente a exploração do sistema de radiodifusão.

⁹ Em princípio, como observa Burke, “as agências nasceram para levar as notícias através das fronteiras, a primeira delas sendo a Havas, fundada em Paris em 1835” (Burke, 2004, p. 142), seguida pela Reuter Telegram Company, fundada em Londres, em 1851 e, em 1892, pela norte-americana Associated Press (AP). Porém, o objetivo, inerente à dinâmica da economia informacional era bem mais pretensioso. De acordo com Thompson, para equacionar a concorrência entre as três maiores agências, até então preocupadas em ter novos clientes e ampliar a esfera de operação, foi firmado o chamado Tratado de Agências Aliadas: Reuteurs, AP, UPI e AFP. A partir deste acordo, em 1869, houve a divisão do mundo em esferas de operação exclusivas. Reuter obteve os territórios do império britânico e o Extremo Oriente; Havas ficou com o império francês, Itália, Espanha e Portugal; e Wolf ganhou exclusividade na Alemanha, Áustria, Escandinávia e nos territórios russos (...) Cada agência trabalhava estreitamente ligada às elites políticas e comerciais das nações que lhes serviam de sede, desfrutando de certo grau de patronato político e fornecendo informações que eram valiosas para a administração do comércio e da diplomacia” (Thompson, 1998, p.140)

Esta prática de “cartorialismo midiático” é responsável - entre outros fenômenos- pelo denominado *agendamento*, que observa a coincidência dos assuntos abordados pela mídia, inclusive pela televisão, pautada principalmente pelos jornais e pela internet, cujas principais fontes de informação são justo as agências de notícia.

Com relação às agências de notícia, fonte de informação da mídia em geral e das televisões, ressaltamos nosso interesse no que diz respeito à compreensão do que Thompson (1998) denomina *padrões globais de comunicação*, que são alguns mecanismos transnacionais que regem macro-sistemas à revelia da dinâmica interna das instituições nacionais de cada país.¹⁰

É importante destacar que na visão de Thompson: “o processo de globalização [...] **envolve mais do que a expansão de atividades** além das fronteiras de estados nacionais particulares” (Thompson, 1998, p. 135 – grifo nosso). A rigor, o sociólogo condiciona a globalização ao surgimento de atividades que, além de serem organizadas, planejadas ou coordenadas e acontecerem num cenário global, envolvam algum grau de reciprocidade e interdependência, ou seja, que as atividades locais situadas em diferentes partes do mundo sejam modeladas umas pelas outras.

Tomando como referência de análise o nosso *corpus*, podemos vislumbrar¹¹ a relação de desigualdade entre o fluxo de informações do exterior para o Brasil e vice-versa. Em termos técnicos,¹² a globalização proporciona a dinâmica da permuta, possibilitando às emissoras brasileiras noticiarem fatos internacionais, sem terem efetivado a cobertura jornalística no local em que tais

¹⁰ 1) A emergência de conglomerados transnacionais de comunicação, como peças centrais no sistema global de comunicação e difusão de informação. 2) Impacto social de novas tecnologias, especialmente aquelas associadas à comunicação via satélite. 3) O fluxo assimétrico dos produtos de informação e comunicação dentro do sistema global. 4) As variações e desigualdades no acesso às redes de comunicação global. (Cf. Thompson, 1998, p.142-147)

¹¹ A relativização deve-se ao fato do nosso corpus ser constituído apenas 10 edições de dois telejornais brasileiros, não contando- portanto- com noticiários estrangeiros, o que nos impede de estabelecer um quadro comparativo devidamente dimensionado em termos metodológicos.

¹² Conforme Wolton (1996), existe a ideologia técnica e a ideologia política na televisão.

acontecimentos se sucederam, assim como, permitindo às diversas TV's do mundo inteiro o acesso à (re)produção das notícias sobre o Brasil.

No entanto, não podemos desconsiderar que, em termos discursivos e enunciativos, a chance dos EUA ou dos países do Oriente Médio serem alvo de notícias no Brasil são bem maiores que o contrário¹³, salvo raras exceções, a exemplo das notícias sobre a visita do Papa ao Brasil, em função da própria notoriedade de uma personalidade pública internacional ou ainda de reportagens referentes à política econômica ou a assuntos relacionados ao Ministério de Minas e Energia, a exemplo da prospecção do petróleo ou do investimentos em biodiesel, entre os combustíveis alternativos.

Além deste aspecto, há também a constatação de que as notícias que vêm do “além mar” produzem uma espécie de homogeneização das editoriais internacionais do telejornalismo brasileiro, porque tal mecanismo de recepção, por parte das emissoras brasileiras, tende a atenuar ou disfarçar as prováveis diferenças na interpretação dos fatos ocorridos no estrangeiro. Em outras palavras, tais televisões encampariam - de modo geral- as versões recebidas pelas agências.

Percebemos que tanto a TV Globo quanto a TV Cultura veiculam matérias semelhantes, relativas aos mesmos episódios, a exemplos de notícias sobre política internacional (as eleições na França), sobre catástrofes da natureza (tais como a passagem de um tornado nos EUA ou a erupção de um vulcão na Itália), sobre pesquisas científicas (descoberta da tumba de Herodes) ou ainda curiosidades, como no caso dos comentários sobre a gafe de Bush diante da rainha Elizabeth.

O que consideramos significativo ressaltar é que tal ‘coincidência’, na forma de se reportar a tais fatos, ocorre apesar das diferentes missões e visões,

¹³ Em termos geopolíticos, a tendência é que os países integrantes do G-8, onde funcionam as maiores agências de notícias, tenham poder mais efetivo na definição da política de pauta do cenário mundial.

respectivamente, de uma emissora privada (de caráter comercial) e outra pública (de caráter cultural/educativo).

No âmbito geopolítico, tanto o sociólogo espanhol, Manuel Castells (1999), quanto o inglês Thompson (1998), avaliam que a globalização, de modo geral, trouxe avanços tecnológicos, mas reforçou a concentração dos poderes político e econômico das nações do chamado primeiro mundo, cujas estruturas sociais já se encontravam em uma situação privilegiada:

A globalização da comunicação tem sido também um processo estruturado e desigual que beneficiou mais a uns que a outros, e que incluiu mais rapidamente algumas partes do mundo nas redes de comunicação global do que outras. (Thompson; 1998, p.143).

A propósito, justamente com o intuito de não depender das agências de notícias internacionais, que enviam às redes de TV estrangeiras uma determinada visão de Brasil de acordo com a perspectiva de empresas privadas, é que o atual Governo brasileiro lançou o projeto de uma Rede Pública de televisão- RPTV, unificando as estruturas da TVE, no Rio de Janeiro, e da Radiobrás, em Brasília, na TV Brasil.

Antes de adentrar nas questões mais especificamente relacionadas à linguagem, retomaremos aspectos da teoria social da mídia, proposta por Thompson, a partir da qual analisaremos a relação da mídia com as demais instituições sociais. Recorreremos também a algumas idéias do sociólogo francês Pierre Bourdieu, de quem, inclusive, Thompson adota alguns conceitos ligados à interação e às formas de poder.

Conforme ressalta o autor “[...] se a comunicação é uma forma de ação, a análise da comunicação deve basear-se, pelo menos em parte, na análise da ação e na consideração do seu caráter socialmente contextualizado” (Thompson, 1998, p. 21). Assim, sendo, a perspectiva aqui adotada é a de que “[...] os fenômenos sociais podem ser vistos como ações intencionais levadas a cabo em contextos sociais estruturados” (Thompson, 1998, p. 20).

Para abordar o conjunto de circunstâncias que envolvem as relações sociais, Thompson adota o conceito de “campos sociais” de Bourdieu, com base no qual concebe que

Os indivíduos se situam em diferentes posições dentro destes campos, dependendo do tipo e da quantidade de recursos disponíveis para eles. Em alguns casos estas posições, quando institucionalizadas, adquirem uma certa estabilidade - isto é, tornam-se parte de um conjunto relativamente estável de regras, recursos e relações sociais. (Thompson, 1998, p. 21).

Thompson destaca o aspecto *posição*, ou seja, lugar onde se situa o indivíduo, num campo ou instituição, para associá-lo ao tipo de poder que ele possui ou exerce. Para o autor, poder é definido como sendo “[...] a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas conseqüências” (Thompson, 1998, p. 21).

Analisando a diversidade da manifestação do poder no conjunto das relações sociais, o sociólogo identifica quatro formas básicas de poder, que são: o *político* (representado pelo Estado, visto como instituição paradigmática, que determina e regulamenta os padrões de interação social, definindo as políticas públicas, inclusive a da comunicação), o *coercitivo* (representado por instituições militares e para militares que reforçam a autoridade do poder político, por uso de força ou sua ameaça), o *econômico* (representado pelas empresas privadas, estatais ou mistas que desenvolvem atividades produtivas e lucrativas) e, por fim, o poder *cultural* ou *simbólico*, verificado em todas aquelas instituições educativas ou midiáticas, que lidam com a divulgação de informação e/ou a produção do conhecimento.

Por envolver as instituições da mídia, mencionaremos o poder simbólico de forma recorrente, dada sua relação com o interesse principal deste estudo. Esta fundamentação contribuirá na contextualização da análise, no capítulo especificamente dedicado à apreciação lingüística/enunciativa dos telejornais, razão pela qual é imprescindível perceber o que diz Thompson, quando tece

considerações sobre o raio de ação deste poder, em específico. Ele afirma que “as ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e descrever, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revolta coletiva” (Thompson, 1998, p. 24).

O autor adota o conceito de “poder simbólico”, de Bordieu, para se referir justo “[...] a esta capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas” (Thompson, 1998, p. 24). Tais formas são entendidas pelo autor como “[...] a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que *são significativos* para os indivíduos que os produzem e os recebem” (Thompson, 1998, p. 19).

Para entendermos melhor a inter-relação de tais poderes, no contexto da comunicação, podemos nos reportar a qualquer notícia que se refira à mídia e às demais instituições sociais. A mídia jornalística constitui um discurso incondicionalmente reportado¹⁴ e é constituída, ideologicamente, pela realidade circundante, na qual se encontram - em relação de conflito ou de cooperação, as diversas forças sociais e seus respectivos poderes. Nas suas notícias e reportagens, os meios de comunicação abordam os diversos fatos e fenômenos da realidade social, inclusive as questões da própria mídia ou que envolvam políticas da comunicação.

A propósito, um fato ocorrido na Venezuela, com repercussão internacional, possibilita-nos compreender a pertinência das reflexões de Thompson. No dia 22 de janeiro de 2007 “Chávez anuncia cancelamento de licença de canal de TV privado”¹⁵. A medida refere-se à RCTV- Radio Caracas Televisión, em funcionamento desde 1953. A emissora é comercial e fez crítica ao Governo Chávez. Segundo esta notícia, no final de 2006, o presidente

¹⁴ No capítulo dedicado aos gêneros, adiante, abordaremos tal característica dentro da perspectiva dialógica da intertextualidade e da polifonia.

¹⁵ Divulgado pela Agência EFE e disponível em: www.comunique-se.com.br. Acesso em: 22/01/07

venezuelano Hugo Chávez teria afirmado diante da Força Armada Nacional (FAN) que “não haverá [haveria] nova concessão para esse canal golpista de televisão”.

O fato teve repercussão no exterior, levando a Federação Internacional de Jornalistas a se pronunciar a respeito. Para o secretário-geral da IFJ, Aidan White, “este fechamento, num momento no qual o governo está intensificando seu controle sobre os meios de comunicação do país, tem o potencial de se transformar numa catástrofe para o pluralismo e os direitos sociais”.

Jornalistas da Telesur (ou telesul), canal televisivo de integração latino-americana, cujo principal acionista é o governo da Venezuela, contra-argumentaram. Segundo este mesmo portal de comunicação, os profissionais ligados à estatal alegaram que a RCTV e demais canais de oposição ao governo venezuelano apoiaram o golpe de 2002, em função do qual Chávez ficou 48 horas fora do poder. Embora conte no seu conselho editorial com personalidades como o Nobel da Paz argentino Adolfo Pérez Esquivel, o jornalista paquistanês Tariq Ali e o escritor uruguaio Eduardo Galeano, o Telesur já ganhou o apelido de Al Bolívar, em alusão à TV Al Jazeera e a Simon Bolívar¹⁶.

Presumindo tratar-se de um plano do Governo Chávez a formação de uma rede estatal de comunicação na Venezuela, a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) sugeriu a RCTV que apresentasse o caso à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA).

O desenrolar deste episódio aponta para o poder político do Estado, responsável pela concessão pública de um canal de televisão. A emissora, por sua vez, pela atividade de veiculação/enunciação do discurso jornalístico, representa o chamado poder simbólico. Este, porém, é superposto ao econômico, devido a RCTV constituir-se como uma empresa administrada pelas diretrizes da iniciativa privada, cujas atividades são lucrativas. Na mesma seara estão todas as empresas anunciantes que veiculam as publicidades, de onde vem a maior parte

¹⁶ Divulgado no dia 19/01/7 e disponível em: www.comunique-se.com.nr. Acesso em 22/01/07

da receita das instituições de mídia de natureza político-jurídico-administrativa privada.

Assim sendo, podemos dizer que, independente de quais forças políticas estejam no poder, salvaguardadas as especificidades de cada contexto histórico (e seu respectivo sistema de governo), o Estado exerce seu poder eminentemente político (por vezes movido mais por questões ideológicas, que pelas jurídico-administrativas), assim como fazem os chamados “grupos de pressão”, representantes do terceiro setor.

No que tange às instituições da mídia, de modo geral, estas representam o poder simbólico, desempenhando – concomitantemente - outros poderes, conforme ilustra o exemplo anteriormente citado. Quando se constituem como empresas privadas, estas instituições exercem tanto o poder econômico quanto o político e sofrem as coerções deste último, em específico no que diz respeito às imposições, de âmbito federal, das normativas provindas do poder executivo e das leis, estabelecidas pelo poder legislativo, investido do qual diversos segmentos da mídia privada legislam em causa própria, como é possível perceber na referência feita a determinadas situações de comunicação e aos seus respectivos contextos sociais. Por outro lado, os segmentos de mídia estatais exercem, além do poder simbólico, notadamente o poder político. Por sua vez, ressentem-se das coerções não somente deste âmbito, mas sobretudo das esferas do poder econômico, empenhadas na propagação da lógica de mercado além das fronteiras dos territórios privados.

Ainda sobre as relações de poder, que envolvem este episódio na Venezuela, consideramos pertinente mencionar a repercussão que este teve no Brasil, no campo da política e da mídia, por vezes, estrategicamente irmanados. Em um artigo intitulado “Sarney defende para Venezuela o que não pratica no

Brasil”, Valente (2007) ¹⁷ comenta a idiossincrasia do Senador José Sarney que, no dia 01 de junho, demonstrou repúdio às atitudes do presidente Hugo Chavez.

Valente relembra que, à frente da presidência da República, Sarney distribuiu cerca de mil concessões a aliados políticos, com o objetivo de receber, em troca, o apoio à prorrogação do seu mandato de quadro para cinco anos. Segundo alega o autor, teria sido deste modo que o senador conseguiu erguer um considerável patrimônio midiático no Maranhão, apoiado na hegemonia de seis famílias deste estado.

Com base nos resultados de uma pesquisa realizada por Douglas (*apud* Valente, 2007), sobre o poder da família Sarney, no Maranhão, proprietária da emissora afiliada a Rede Globo,¹⁸ Valente destaca que “[...] o senador é um dos maiores exemplos daquilo que ele se propõe a criticar”. Para Douglas, “a liberdade defendida por José Sarney [...] é a dele próprio e seus pares detentores de concessão manterem suas as emissoras e seu uso para a reprodução do poder político em seus respectivos Estados”.

A propósito, conforme pontua Arnt:

No capitalismo liberal, a mídia veicula [vincula] liberdade de imprensa à empresa privada, permitindo que grupos mais ou menos associados aos centros de dominação econômica e política administrem a comunicação de forma a obter rentabilidade nas suas inversões, reforçando ou corroendo as ideologias que lhes convêm, escorando a hegemonia conquistada e induzindo os grupos sociais

¹⁷ Divulgado pela agência Carta Maior, disponível em 07/06/07 em www.direitoacomunicacao.org.br. Acessado em 28/06/07. Dados a serem acrescentados: o grupo Mirante, da família Sarney, além da emissora de TV afiliada da Globo, detém 20 das 57 rádio do estado e o maior jornal da região, o Estado do maranhão. “O segundo maior grupo de mídia, Difusora, é encabeçado pelo senador Edson Lobão, (DEM-MA), principal sucessor de Sarney e governador durante o quadriênio 1991-1994, e abrange a filiada do SBT e uma rede de rádios. O grupo Manuel Ribeiro, que possui a TV Praia Grande (afiliada a Rede bandeirantes), é encabeçado pelo político que lhe dá nome, ex-líder da Assembléia legislativa do MA e também ligado ao clã. A família Vieira da Silva, também de ex-deputado vinculado aos Sarney, possui a retransmissora da Rede TV. O único grupo que não possui relação direta, a família Zildêne Falcão, tem importantes negócios no Estado e mantém boa relação com os apadrinhados do senador [...] A única emissora educativa [e portanto; pública] do Maranhão, a TVE, é ligada ao Governo Federal”

¹⁸ A esse respeito vale ainda conferir o artigo “Globo em pé-de-guerra”, divulgado no 29/05/07 e disponível no <http://edu.guim.blog.uol.br> Acessado em 29/05/07. Seu autor, Eduardo Guimarães, comenta o posicionamento da Rede Globo, cuja enfática cobertura televisiva expressou repúdio à atitude de Chávez e “[...] além disso, valendo-se de técnicas de filmagem, inflou manifestações contra o fim das atividades da RCTV que ocorreram em Caracas [...]”. Na avaliação de Guimarães, principalmente a TV Globo, dada a sua audiência de cerca de 90% nas residências brasileiras, “[...] é o veículo mais perigoso [...] apesar de ser apenas um entre os vários da grande mídia que trabalham furiosamente contra o processo de esquerdização da América Latina [...]”

a consumos proporcionais à demanda inoculada no mercado.(Arnt,1991, p.172)

Afora esta questão das imposições do sistema, Bourdieu acrescenta uma das decorrências deste processo, que é auto-censura deflagrada nos profissionais da imprensa :

É verdade que há intervenções políticas, um controle político (que se exerce sobretudo através das nomeações para os postos dirigentes); é verdade também que – particularmente em um período no qual, como hoje, há um exército de reserva e uma enorme precariedade de emprego nas profissões da televisão e do rádio- a propensão ao conformismo político é maior.As pessoas se conformam por uma forma consciente ou inconsciente de autocensura, sem que haja necessidade de chamar a sua atenção (Bourdieu, 1997, p. 19-20).

Trata-se de uma constatação bastante pertinente à reflexão, dos exemplos mencionados anteriormente, sobre a influência, respectivamente, do poder político do Governo brasileiro e, principalmente, do Governo venezuelano. Da mesma forma, presta-se à análise das diversas manifestações de poder dos segmentos privados da mídia, seja na Venezuela ou em qualquer outro país latinoamericano, a exemplo do Brasil, no que diz respeito à entrada em cena das vozes apoiadoras e das críticas às medidas do Presidente Chávez¹⁹.

Dedicado a desvendar o que chama de “uma censura invisível”, Bourdieu (1997) tece considerações ainda sobre a validade e a extensão das

¹⁹ Cf. Emir Sader, publicado pela Agência Carta Maior e disponível em <http://desabafo.país.blogspot.com>. Acessado em 29/05/07. Sader apresenta uma análise interessante da questão, na qual denuncia a frente continental de oposição aos governos da América latina, formada inclusive pelas empresas da mídia privada, em defesa dos seus interesses corporativistas, pondo em risco o processo democrático pelo qual deve se formar a opinião pública. Segundo o autor, “atualmente, 80% dos canais de televisão aberta e das emissoras de rádio na Venezuela pertencem ao setor privado, cujas opções políticas são amplamente minoritárias no país, conforme atestam as eleições, certificadas na sua lisura por todos os organismos internacionais presentes nas eleições presidenciais que reelegeram a Hugo Chávez para a presidência do país. Das 709 rádios, 706 pertencem a empresas privadas e três a entidades estatais. Dos 81 canais de televisão, 2 são estatais e 79 privados. Dos 118 jornais, dos quais 12 são de caráter nacional e 106 regionais, todos são privados. Sader ressalta que o governo venezuelano não agiu imediatamente ao golpe fracassado de 2002. pois esperou cinco anos, até que terminasse o prazo do contrato da RCTV, para substituí-lo por uma TV pública, a TEVES (Você se vê, em castelhano) – Televisão Venezuelana Social. Na sua avaliação: Com isso, avança o pluralismo, se enfraquece a ditadura dos monopólios privados da comunicação. Ao contrário do que propagam as expressões nacionais desse oligopólio em cada um dos nossos países que, como sempre, principalmente quando afeta diretamente sua posição monopolista, reflete a realidade de cabeça para baixo.”.

imposições dos poderes político e econômico como parâmetros determinantes à explicação do discurso da imprensa.

É verdade que, em última instância, pode-se dizer que o que se exerce sobre a televisão é a pressão econômica. Dito isto, não podemos nos contentar em dizer que o que se passa na televisão é determinado pelas pessoas que a possuem, pelos anunciantes que pagam a publicidade, pelo Estado que dá subvenções, e se soubéssemos, sobre uma emissora de televisão, apenas o nome do proprietário, parcela dos diferentes anunciantes no orçamento e o montante das subvenções, não compreenderíamos grande coisa” (Bourdieu, 1997, p. 19-20)

A objeção do sociólogo francês à explicação do que se passa no jornalismo, pelo viés econômico, deve-se à sua convicção de que “o mundo do jornalismo é um microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte dos outros microorganismos” (Bourdieu 1997, p.55).

Para o autor, acreditar nesta autonomia relativa “[...] significa dizer que o que nele se passa não pode ser compreendido de maneira direta a partir de fatores externos”. De acordo com seu argumento, “é evidente que uma explicação que não levasse em conta [tais fatores] seria insuficiente, mas a que levasse em conta apenas isso não seria menos insuficiente. E o seria talvez ainda mais porque teria aparência de ser suficiente” (Bourdieu, 1997, p. 55).

Como meio de resolver a tensão entre essa autonomia relativa da mídia e a influência indireta, sobre ela, de fatores externos, que, na sua visão, não chegariam a ser determinantes, Bourdieu reporta-se ao valor simbólico da dinâmica jornalística numa economia de troca.

A concorrência econômica entre as emissoras ou os jornais pelos leitores e pelos ouvintes ou, como se diz, pelas fatias do mercado realiza-se concretamente sob a forma de uma concorrência entre os jornalistas, concorrência que tem seus desafios próprios, específicos, o *furo*, a informação exclusiva, a reputação na profissão etc., e que não se vive nem se pensa como uma luta puramente econômica por ganhos financeiros, enquanto permanece sujeita às

restrições ligadas à posição do órgão de imprensa considerado nas relações de força econômicas e simbólicas (Bourdieu, 1997, p. 57-58).

Em que pese às delimitações apresentadas por Bourdieu, ao dimensionar a procedência e a intensidade da influência de fatores externos na produção jornalística, não podemos relativizar o fato de que as ditas “leis próprias”, assim denominadas pelo autor para se referir à dinâmica do mundo jornalístico, constituem-se, na verdade, senão numa reprodução, no mínimo em uma adesão à lógica de mercado, que, sem muitos pruridos, representa a interferência do poder econômico.

Na concepção de Thompson:

Os sistemas dominantes (que alguns costumam chamar de “*ideologias*” e outros preferem chamar de “*discursos*”) não definem cada movimento do indivíduo. Como num jogo de xadrez, o sistema dominante definirá que movimentos estão ou não abertos aos indivíduos – com a diferença não trivial de que, ao contrário do Xadrez, **a vida social é um jogo que não se pode deixar de jogar**” (Thompson, 1998, p. 183 - grifo nosso).

Por isso mesmo, longe de repetir a justificativa da própria mídia, quanto à sua pretensa postura neutra, imparcial ou isenta, não podemos esquecer que o critério de relevância social passa pela gama de interesses e valores destas empresas e/ou instituições de comunicação nas quais atuam os jornalistas.

Quando mencionamos, como exemplo, o polêmico cancelamento do canal venezuelano e a sua repercussão no Brasil, não pretendemos apresentar, de forma isolada, uma “análise de conjuntura”, pura e simplesmente. Tal procedimento tem por objetivo ressaltar o modo pelo qual as instituições da mídia relacionam-se com as demais instituições tanto no nível social, quanto no textual-discursivo. Este último aspecto, porém, será pormenorizado apenas no capítulo exclusivamente dedicado à análise dos telejornais, corpus específico deste trabalho.

1.2 Contextos interativos: da interação face a face às mediadas

Retomando o recorte diacrônico da presença dos meios de comunicação na sociedade, percebemos que hoje em dia dispomos - cada vez mais - de inúmeros recursos, aos quais podemos recorrer simultaneamente para participar dos diversos contextos interativos. Da conversação espontânea até à chamada convergência tecnológica, com a televisão e o computador acoplados a um, até então simples, aparelho de telefone celular, tudo pode coincidir (literalmente) ou, por vezes, concorrer para interagirmos na convivência social.

Tal fenômeno, bastante evidente nos dias atuais, e nem sempre devidamente percebido, representa para Thompson a ampliação dos “contextos interativos”, cujo significado maior, em termos qualitativos, é o de interferir na reorganização dos padrões de interação social. Esta é a categoria de análise na qual o autor baseia boa parte da sua teoria sobre a atuação da mídia junto à sociedade, a partir do pressuposto de que “[...] o desenvolvimento dos meios de comunicação cria *novas* formas de ação e de interação e *novos* tipos de relacionamentos sociais” (Thompson, 1998, p. 77).

Sem explorar especificamente as novas tecnologias, tais como a internet e ainda os chamados contextos híbridos, que fazem a convergência entre determinada mídia convencional (a TV, por exemplo) e a Internet, nas webTV’s, o autor dedica-se especialmente aos três tipos básicos de interação, vivenciados pela maior parte da população. São eles; a interação face a face, a mediada e a quase-mediada, ora também chamada pelo autor de quase interação mediada.

Para observar os três contextos acima mencionados, Thompson elege quatro características (categorias de análise), cujas formas de manifestação variam, quantitativa e qualitativamente, em cada tipo de interação. São elas; a relação estabelecida pelos interlocutores com as referências “espaço-tempo”; a

possibilidade de “deixas simbólicas”, entendidas como o “feedback” da comunicação verbal e não verbal entre os participantes da interação; “a orientação da atividade” comunicativa, mediante o conhecimento ou não do destinatário ou público receptor e, por fim, o caráter participativo da interação: se dialógico ou monológico.

Em se tratando da interação quase mediada, que acontece através dos meios de comunicação de massa, também ocorre a separação dos contextos de produção e recepção, intitulada pelo o autor de “disponibilidade estendida no tempo e no espaço” (Thompson, 1998, p. 79). Este aspecto, aliado ao fato da comunicação ser orientada a um número indefinido de receptores, acarreta uma maior limitação das possibilidades de deixas simbólicas.

Na visão de Thompson, isto configura o caráter monológico²⁰ da interação, considerando-se ainda que o fluxo da comunicação é predominantemente de sentido único. Esta é a razão pela qual o autor refere-se à interação quase mediada, relativizando seu caráter interativo, ou seja, conceituando-a como sendo uma *quase* interação. O autor ressalta que as interações não devem simplesmente ser encaixadas ou enquadradas em um dos três tipos específicos, dado o fato de, ocasionalmente, ocorrer a superposição de tais contextos, que evidenciam um caráter híbrido de algumas formas de comunicação.

Antes de partirmos para a abordagem da interferência dos meios de comunicação na reorganização social, vamos ainda tecer mais algumas considerações sobre demais aspectos da interação quase mediada, que explicam – inclusive - porque a televisão pode exercer tamanha influência no comportamento social. Como observa Thompson:

A quase-interação televisiva cria assim o que podemos chamar de *experiência espaço-temporal contínua*. Os indivíduos que assistem à televisão suspendem, até certo ponto, as coordenadas de espaço e

²⁰ Adiante discutiremos em que medida esta perspectiva entra em conflito com a tese do dialogismo em Bakhtin

de tempo do cotidiano e temporariamente se transportam para um diferente conjunto de coordenadas espaço-temporais; tornam-se viajantes no espaço e no tempo envolvidos numa transação com diferentes estruturas espaço-temporais e num intercâmbio de experiências mediadas de outros tempos e lugares com suas próprias experiências cotidianas (Thompson, 1998, p. 86).

Para refletir mais detalhadamente sobre os possíveis efeitos da *disjunção temporal*, o autor distingue três conjuntos de coordenadas espaço-temporais:

As que incidem sobre contexto de produção da notícia, no qual se encontram os comunicadores, quando pautam, redigem e, posteriormente, fazem a edição do que será veiculado pela televisão.

As que incidem sobre a própria ocorrência do fato, cujas características podem coincidir ou não com as da produção da notícia, a depender das técnicas usadas para gravação, edição e veiculação.

As que incidem sobre os diversos contextos de recepção da notícia, ou seja, quando e em que circunstâncias as notícias foram recebidas pelo telespectador, cujo conhecimento prévio do assunto pode abarcar desde nenhuma informação a respeito até um repertório bem mais consistente inclusive do que aquele veiculado pela reportagem (Thompson, 2002, p. 85).

A partir de tais referências, podemos dizer que mediando as relações entre as pessoas e os contextos sociais, a televisão nos coloca em contato com realidades díspares e distantes. Não é à toa o clichê, que atribui à TV o *status* de “janela para o mundo”²¹. Por seu intermédio, tanto nos deparamos com realidades próximas, por vezes, até então desconhecidas, como também somos levados a universos remotos, cujo conhecimento, provavelmente, de outra forma não ocorreria.

²¹ Expressão recorrente, provavelmente relacionada ao título *Television: your window to the world*, do sociólogo americano Hutchinson (1946) apud Brasil (2005,p.31).

Como observam Kovach e Rosenstiel, referindo-se ao instinto de percepção inerente às pessoas:

Elas precisam saber o que acontece do outro lado do país e do mundo, precisam estar a par de fatos que vão além da sua própria experiência . O conhecimento do desconhecido lhes dá segurança, permite-lhes planejar e administrar suas próprias vidas. Trocar figurinhas com essa informação se converte na base para a criação da comunidade, propiciando as ligações entre as pessoas (Kovach; Rosenstiel, 2004, p. 36).

A respeito deste contexto interativo em específico, Thompson ressalta que:

[...] assistir a um noticiário, ou a outros programas que procuram apresentar ou retratar pessoas ou eventos, exige um certo tipo de interpolação espaço-temporal, precisamente porque os espectadores presumem que as pessoas ou os eventos existem de fato no espaço e no tempo reais- embora num espaço e num tempo não contíguos nem contemporâneos às coordenadas espaço-temporais dos contextos de recepção (Thompson, 1998, p. 88).

Com relação à segunda categoria de análise das interações quase mediadas, às chamadas *deixas simbólicas*, observa o autor que:

[..] enquanto a maioria dos meios técnicos restringe a [sua] variedade [...] a um único tipo de forma simbólica (a palavra falada ou escrita), a televisão tem uma riqueza simbólica com as características da interação face a face: os comunicadores podem ser vistos e ouvidos, movimentam-se através do tempo e do espaço da mesma forma que os participantes na interação social cotidiana (Thompson, 1998, p. 85).

Embora compare a disponibilidade das deixas simbólicas de uma interação quase mediada com aquela da interação face-a-face, Thompson ressalta que “a variedade de deixas simbólicas disponíveis aos espectadores é diferente das que são acessíveis aos participantes de uma interação face a face” (Thompson, 1998, p.85). O autor atribui esta diferença à capacidade da televisão

de direcionar a atenção do receptor e ainda à disponibilidade de determinados recursos técnicos.

Na verdade, o diferencial não está propriamente na disponibilidade de recursos, tais como *flashbacks*, mixagens e uso de material de arquivo, conforme defende o sociólogo. Está, sim, no modo pelo qual estes recursos incidem na interação. Por exemplo, de modo geral, os editores apresentam os telejornais, lendo/falando, mas não ouvem a resposta dos telespectadores. O retorno das deixas simbólicas somente ocorre quando a emissora realiza uma gravação externa, mantendo na rua uma Unidade Portátil de Jornalismo (UPJ), da qual o repórter pode comunicar-se ao vivo com os apresentadores que, por sua vez, terão o retorno do próprio repórter e daqueles que estiverem ao seu redor, durante a realização de um boletim, por exemplo²².

No entanto, predomina nos telejornais a veiculação de materiais jornalísticos, tais como notas cobertas e reportagens²³, previamente editados. Desta forma, os comunicadores não mantêm contato direto com seu público, cujo perfil é desconhecido; assim como não têm um número definido dos seus receptores, podendo destes obter apenas um retorno posterior, via outro meio técnico ou eletrônico. É, portanto, com base no caráter predominante unilateral deste contexto interativo que Thompson o identifica como monológico²⁴.

Devemos lembrar que todas estas características, sejam as dos tipos de interação ou sejam aquelas dos meios de comunicação em questão, variam conforme o contexto social e o respectivo perfil sócio-demográfico dos segmentos da população, que constituem o público receptor.

²² Tratado também como *stand-up* pelos manuais de telejornalismo para se referirem ao estado de prontidão do repórter enquanto espera para entrar ao vivo.

²³ Ainda segundo os manuais de telejornalismo, as Notas Cobertas correspondem àquelas notícias curtas, cujos textos são cobertos por imagens relativas ao que é dito verbalmente. Já as reportagens são mais completas, na sua forma de abordagem e divulgação de um fato, trazendo, necessariamente, as entrevistas, além do texto em off, similar ao da NC.

²⁴ Tal discussão será retomada adiante em outros termos, pois a análise não incidirá mais no modo pelo qual as características do contexto interferem na interação. A partir da perspectiva da teoria da enunciação, abordaremos a interferência dos contextos interativos enquanto dimensão constitutiva da linguagem produzida pela mídia. No item 2.3, intitulado “Intertextualidade e polifonia”, discutiremos a tese do dialogismo de Bakhtin (1997), assim como o questionamento levantado por Tezza (2003) quanto a sua argumentação de que a existência de *um centro de valor espacial e temporal* configura o caráter monológico.

Thompson considera que a ausência do que chama de *monitorização reflexiva* é característica dos dois lados participantes da interação quase-mediada, presumindo que tanto os produtores quanto os receptores sabem adaptar-se a tais circunstâncias. Porém, avaliamos que nem sempre acontece deste modo. Em países com alto índice de analfabetismo e, o mais significativo, pouca leitura crítica de mundo, os telespectadores do segmento menos favorecido da população limitam-se a indagar a que horas vai ao ar a gravação. Na maior parte das vezes, a expectativa do receptor é de ver no vídeo exatamente tudo que, por ventura, tenha acompanhado *in loco*.

O referido autor ainda pondera sobre as implicações da ausência da *monitorização reflexiva*, no processo de construção da notícia, partindo do pressuposto que os comunicadores desconhecem o perfil do público e não têm o retorno de sua eventual participação.

Do ponto de vista dos produtores, ela lhes possibilita determinar o curso e o conteúdo da quase-interação sem ter que levar em consideração a resposta do receptor. Isto dá aos produtores mais liberdade do que eles poderiam ter numa interação face a face. Eles não precisam prestar atenção aos receptores nem tentar verificar se estes estão seguindo o que está sendo dito e, mais ainda, não têm que responder a intervenções de outros. Mas a ausência da monitorização reflexiva é também uma fonte potencial de incerteza e preocupação para os produtores, pois eles são privados daquele *feedback* contínuo e imediato que lhes permite verificar o grau de recepção e de entendimento das mensagens (Thompson, 1998, p. 90).

Diante das reflexões apresentadas até então, percebemos que o processo de construção do discurso das mídias é complexo no que tange às suas características (em parte intrínsecas às especificidades de cada meio de comunicação e em parte extrínsecas, relativas às influências recebidas do contexto social) assim como, no que diz respeito ao efeito da sua veiculação mediante um mundo globalizado.

Numa espécie de moto-contínuo, as notícias e reportagens divulgadas pelos meios de comunicação transformam-se em “matéria-prima” tanto para o público receptor, que se baseia em boa parte de tais informações para elaborar seus pontos de vista e interagir no mundo, quanto para as instituições sociais, inclusive, as da própria mídia, que retomam os fatos, seja para reproduzi-los, seja para redirecionar o enfoque da discussão acerca dos temas abordados.

Mesmo concebendo as linguagens como *formas simbólicas* mais do que propriamente como *texto, intertexto ou discurso*, a sociologia da comunicação, na linha desenvolvida por Thompson, contribui apresentando uma teoria social da mídia, por meio da qual nos possibilita entender a função dos meios de comunicação na sociedade e, mais especificamente, a ocorrência dos gêneros televisivos²⁵.

Tendo como pressuposto que: “[...] os indivíduos planejam suas atividades em parte baseados nas imagens e informações recebidas através da mídia”, (Thompson, 1998, p.107), o autor estuda os desdobramentos dos processos de recepção, por meio do que chama de “ação à distância (1): representando para outros distantes”. Num primeiro momento, tal fenômeno interativo teria quatro formas de ocorrência distintas: “o destino receptor”, “as atividades cotidianas mediadas”, “os eventos da mídia” e, por fim “a ação ficção”.

O noticiário televisivo é o principal exemplo, apresentado por Thompson, de “destino receptor direto”, para o qual a leitura de notícias é planejada para acontecer regularmente em tempos fixos. Deste modo, veiculado em horários previamente estabelecidos, com uma duração também delimitada, os telejornais incorporam-se ao cotidiano da população.

O destino receptor direto é uma forma uma tanto austera de ação e é raramente usada hoje sem algumas alterações. O antigo repórter televisivo foi substituído em muitos casos por uma dupla ou por uma equipe de apresentadores que podem conversar entre si para

²⁵ Entedemos, conforme Barzeman (2006, p.55-56) que os gêneros devem ser concebidos como uma ponte entre a micro e a macrosociologia.

quebrar a monotonia de um monólogo apresentado para outros ausentes. Filmagens ao vivo são usadas para atrair a atenção dos espectadores e fornecer-lhes alternativas visuais à “cabeça falante” (Thompson, 1988, p. 93)²⁶.

Por paradoxal que pareça, o autor considera “direto” o chamado “destino receptor”, objeto da interação quase mediada, na qual ocorre a disjunção espaço-temporal, que distancia os interlocutores e delimita a participação efetiva do público receptor. Deste modo, o conceito de “direto” só contempla o sentido de “sem intermediação” se relativo ao diálogo estabelecido, durante a exibição do telejornal, entre os interlocutores que o apresentam.

Por outro lado, Thompson atribui o conceito de destino receptor “indireto” tanto às situações comunicativas nas quais a audiência de fato é constituída pelos espectadores ausentes, como também, estranhamente, àquelas situações nas quais a audiência é formada pelos participantes co-presentes à interação. São incluídas, neste contexto; as entrevistas televisadas, entrevistas coletivas à imprensa, mesas-redondas, painéis de debate, convenções partidárias televisadas, transmissões de debates parlamentares ou de CPIs especiais.

Para explicar a distinção entre os conceitos nos quais baseia sua análise dos contextos interativos, justifica o autor, referindo-se ao *destino receptor indireto*:

Embora os produtores se orientem diretamente para os que lhe estão mais próximos, eles sabem que estão simultaneamente voltados para os outros ausentes e distantes, e os deixam perceber, da melhor forma possível, pelo modo como se apresentam, e expressam (Thompson, 1998, p. 94).

Ainda assim, devemos questionar a pertinência de tais definições de Thompson, visto que em ambas as situações (seja a do *destino receptor direto* ou a do *indireto*) os repórteres de telejornais sempre terão tanto um interlocutor

²⁶ Para abordar a nova opção por cenários transparentes, nas emissoras, o autor recorre aos conceitos de região frontal e de fundo de Goffman, que os diferencia, respectivamente, como sendo o que nas interações evidenciamos, trazendo à tona, e o que ocultamos, deixando para atrás.

presencial, no contexto da interação face-a-face, quanto um virtual, no contexto da *interação mediada* ou no da *quase interação*, conforme alterna o próprio autor.

Basta, para tal reflexão, considerarmos que tais exemplos, mencionados pelo autor, não ocorrem isoladamente da forma como ele propõe, ou seja, assim como não há exibição de um telejornal sem entrevistas, também não acontece a veiculação destas sem a participação de um apresentador, que as apresente, ou de um repórter, que faça a abertura da matéria jornalística. Portanto, a rigor, não existe uma contraposição propriamente dita, nos tais termos em que foi proposta pelo citado autor. Assim sendo, nas duas situações sempre existirão receptores diretos e indiretos.

A razão desta inconsistência, digamos assim, talvez se deva ao fato de a diferença relacionar-se mais à natureza de cada evento a ser “coberto pela mídia”. Enquanto que no modelo predominante de reportagem, o repórter busca informações junto a diversas fontes, entrevistando representantes dos vários segmentos sociais em ambientes diferentes, em situações mais específicas, ele se depara com o fato circunscrito numa determinada ocasião, na qual se encontram as possíveis fontes a serem entrevistadas.

Para exemplificar do que se constituiria o “*destino receptor indireto*”, Thompson menciona apenas comunicações planejadas, cujos protocolos - em princípio - não se alteram diante da presença ou da ausência dos meios de comunicação. Afinal, eventos como uma “mesa-redonda” ou uma “CPI”, por exemplo, cumprem as suas respectivas programações independentemente da presença de repórteres para a realização de uma reportagem.

Façamos apenas algumas ressalvas quanto às alterações que podem ocorrer. A primeira delas é a de que pode acontecer uma adequação da forma de cumprimento das atividades previstas, em função de contingências da mídia televisiva. De modo geral, as equipes de reportagem têm o procedimento habitual de captar imagens e gravar entrevistas antes da abertura da programação oficial, com o objetivo de não depender do seu encerramento para a realização da

reportagem. A outra é que os participantes destes eventos, mediante a presença da mídia, ajustam seus discursos para a “dupla platéia”, ou seja, aquela formada pelos presentes e a outra a ser composta pelos telespectadores, conforme destaca o autor ao analisar as *atividades cotidianas mediadas*.

Aliás, esta autonomia relativa à presença da mídia é o que diferencia o “*destino receptor indireto*” de outro conceito apresentado pelo autor para definir “*os eventos da mídia*”, também caracterizados como situações pré-estabelecidas e planejadas, porém dependentes -sobremaneira- da presença da mídia, sem a qual não obteriam o efeito pretendido. Assim, segundo os exemplos de Thompson, os principais eventos esportivos, tais como Jogos Olímpicos e Copas do Mundo, e ainda os grandes acontecimentos políticos; como a assinatura do acordo de Camp David, em direção à paz no Oriente Médio ou, ainda, a liberação de Nelson Mandela, na África do Sul, têm as suas dimensões ampliadas, de fatos nacionais para internacionais, mediante a amplitude de divulgação atingida pela mídia.

Conforme explica o próprio autor: “Embora normalmente sejam organizados por instituições fora da mídia, eles são concebidos, entretanto, como eventos da mídia, e por isso as instituições da mídia são invariavelmente envolvidas no processo de planejamento” (Thompson, 1998, p. 98). Em contrapartida estariam as *atividades cotidianas mediadas* que, por serem corriqueiras, poderiam permanecer simplesmente circunscritas àqueles ambientes originais e, assim, passarem despercebidas para as pessoas mais distantes, não fosse o fato de serem gravadas e, por vezes, posteriormente transmitidas pelos meios de comunicação de massa, no contexto da interação quase mediada.

Assim, por exemplo, os soldados que patrulham as ruas na Irlanda do Norte ou os territórios palestinos ocupados em Israel podem não saber quando estão na mira de alguma câmera distante, mas certamente já pensaram que isto pode acontecer a qualquer momento e ajustaram o próprio comportamento a esta possibilidade (Thompson, 1998, p. 97).

Na forma de configurar tais ações mediadas, o autor reconhece que estas terminam implicando no que ele denomina de *destino receptor*. No caso do *receptor indireto* quando, por exemplo, nas conferências, os palestrantes sabem que estão sendo gravados e, posteriormente, transmitidos para receptores ausentes àquela platéia presencial. E no caso do *receptor direto*, quando a atividade mediada for orientada para o receptor ausente e seus protagonistas tiverem intuito de chamar a atenção para as suas causas, como ocorre nos atentados e seqüestros.

Novamente, alguns conceitos definidos por Thompson não parecem substancialmente distintos. Se o autor estabelece uma relação de implicatura é porque admite que a ocorrência de um depende da do outro. Assim sendo, por que tratar isoladamente de *destino receptor* (seja direto ou indireto) e de *evento de mídia*, se ambos configuram-se como elementos integrantes da mesma ação comunicativa, com ou sem a superposição de contextos interativos?

Do mesmo modo poderíamos questionar os limites tênues apresentados pelo autor para distinguir um tipo específico de *atividade cotidiana mediada*, a chamada *simulada* da *ação ficcional* propriamente dita. Thompson refere-se, por exemplo, às filmagens de cenas de treinamentos militares ou paramilitares de ataque ou resgate. O autor destaca que “os indivíduos envolvidos na produção de uma atividade simulada não podem dar nenhuma indicação de que a situação é imaginada, porque, se o fizerem, a ação não atinge seus objetivos” (Thompson, 1998, p. 98).

No seu entendimento, a ação ficcional, propriamente dita, apresenta o caráter de ficção de forma explícita porque “é a construção de uma história inteiramente inventada e representada por indivíduos que sabem que estão representando e que são percebidos pelos receptores distantes da mesma forma” (Thompson, 1998, p. 99). Definido assim, este tipo de ação estaria mais ligado à representação artística de subgêneros do entretenimento, tais como filmes para TV, cinema ou novela.

Enfim, para Thompson, a *ação mediada simulada* é distinta da *ação ficcional* “[...] precisamente porque ela acontece num contexto de vida real e é apresentada como se fosse real” (Thompson, 1998, p. 98). Dado o teor da argumentação calcada no conceito de real, tão ambíguo quanto complexo, em princípio poderíamos perguntar; em que medida isto também não ocorre com a ficção? Afinal, faz parte da retórica artística parecer verdade, assim como é real a sua existência enquanto arte!

Mais uma vez, nossa reflexão incide nos termos da distinção estabelecida pelo autor. Nos parece mais plausível contemporizar o fato de que na *ação cotidiana mediada* os implicados sejam os cidadãos, na condição de atores sociais, enquanto que na chamada *ficção* os cidadãos envolvidos, na condição de artistas profissionais, desempenhem outros papéis que não o da sua própria pessoa²⁷, como defende Penafria (2001) na análise do ponto de vista no filme documentário. Conforme admite o próprio Thompson:

[...] na prática atual televisiva a distinção entre ação ficcional e não ficcional pode ficar difícil de se estabelecer.[...] Além disto, há alguns programas que procuram explicitamente disfarçar os limites entre a ficção e não ficção, como os ‘dramas-documentários’ (Thompson, 1998, p. 99).

Um exemplo típico deste caráter híbrido no panorama da televisão brasileira é o programa *Linha Direta*, que mescla investigação policial, jornalismo investigativo e simulação, que comumente reconhecemos como *ficção*. A questão de gêneros e formatos televisivos será discutida, especificamente, mais adiante.

Dando continuidade a abordagem da teoria do autor quanto à segunda parte das chamadas *ações responsivas*, agora relativas à resposta dada pelo público em contextos distantes, adotaremos os conceitos de *mediação estendida* e

²⁷ Cf. Manuela Penafria in “O ponto de vista no filme documentário”, Universidade da Beira Interior, Portugal. Disponível em www.bocc.ubi.pt. Acessado em 09/10/2004. Já na leitura enunciativa, a ser vista mais adiante, estes atores, na *ficção*, seriam locutores com maior probabilidade de encarnarem diversos enunciadores.

elaboração discursiva, a serem questionados, posteriormente, quanto à própria pertinência da distinção estabelecida pelo autor entre ambos. Para Thompson

num mundo caracterizado por múltiplas formas de transmissão da mídia é também comum que as mensagens da mídia sejam recebidas por outras organizações e incorporadas em novas mensagens, num processo que pode ser descrito como “*mediação estendida*” (Thompson, 1998, p. 100).

Ainda como explica o citado sociólogo para se referir ao discurso reportado:

[...] as mensagens da mídia adquirem o que chamarei de ‘*elaboração discursiva*’: elas são elaboradas, comentadas, clarificadas, criticadas e elogiadas pelos receptores que tomam as mensagens recebidas como matéria para alimentar a discussão ou o debate entre eles e com os outros (Thompson, 1998, p. 100).

No caso da elaboração discursiva, por exemplo, a partir do que o público receptor, da interação quase mediada, viu na televisão, pode ser gerada uma audiência adicional de receptores secundários. Deste modo, pessoas que não tiveram um contato direto com o fato, nem com a sua divulgação pela mídia, tomam conhecimento por meio do que lhe reportam aqueles que assistiram ou leram algo a respeito.

A distinção que pode ser feita, entre este fenômeno e o da *mediação estendida*, é que neste último – incondicionalmente - ocorre o que Thompson chama de *auto-referenciamento* dentro das organizações da própria mídia, isto é, uma notícia ou reportagem uma vez divulgada leva à divulgação de outra similar, seja por intermédio do mesmo tipo de mídia ou não (de TV para TV ou de Jornal para TV), seja dentro da mesma empresa de comunicação ou não (do JN, da Rede Globo, para o Fantástico, programa da mesma emissora ou então, da Folha de S.Paulo, do grupo Folha, para o Jornal Hoje, da Rede Globo).

Conforme argumenta Thompson, na sua tipologia da *ação responsiva*, outro aspecto relevante a ser considerado é que

[...] os indivíduos envolvidos nestes acontecimentos podem estar bem conscientes do papel construtivo (ou destrutivo) da mídia. Eles sabem que o que eles dizem no rádio ou na televisão poderá ser ouvido por milhares ou milhões de outros que podem responder de formas concertadas ao que é dito. Eles sabem que, ao assistir à televisão ou escutar ao rádio, eles [os receptores] podem descobrir algo - ainda que parcialmente- do que está acontecendo além de seus contextos sociais imediatos, e [...] podem usar esta informação para orientar suas próprias ações (Thompson, 1998, p. 106).

1.3 Modelos de TV e linhas editoriais: escrevendo suas funções sociais.

Buscando um equilíbrio entre as duas correntes teóricas que predominaram nas ciências sociais; a *teoria empirista*, considerada pouco crítica, por se dedicar, de modo geral, apenas aos estudos da dimensão técnica da TV, e a *teoria crítica*, mais conhecida por ressaltar os aspectos negativos do conteúdo veiculado pela mídia televisiva, Wolton (1996; 2004) identifica-se com o *empirismo-crítico*.

Nos seus estudos, que resultaram na elaboração de uma teoria crítica da televisão, na década de 90, o pesquisador francês dedicou-se à análise das relações desta mídia com o espaço público. No seu “Elogio ao Grande Público” (1996), o autor retoma o contexto histórico do surgimento das televisões públicas, na década de 50 na Europa, no qual se inspirou boa parte das experiências das emissoras brasileiras.

Todo o mundo ainda tinha em mente, na época, a utilização que fizeram do rádio os fascistas alemães e italianos, sem esquecer os ecos distantes, vindos da América Latina, de sua utilização no Brasil por Getúlio Vargas e, sobretudo, na Argentina, por Perón. As mídias de massa eram, por isso, consideradas perigosas e deviam, **portanto**, ser controladas pelo poder público (Wolton, 1996, p.25 - grifo nosso).

Que a instância do poder público fosse considerada a mais adequada ao controle da mídia, em função da sua principal atribuição ser a elaboração e gestão das políticas públicas, é compreensível. No entanto, o intrigante é que os perigos causados pelos meios de comunicação, citados pelo referido autor, são oriundos do abuso de poder por parte de representantes do próprio Estado, ainda que consideremos tratar-se de um regime de exceção, como é o totalitário.

A estranheza que ressaltamos deve-se à relação estabelecida entre o fato mencionado e conseqüência apontada como solução. Diante de tais circunstâncias, parece-nos incoerente que o poder público, tendo sido o responsável pelo uso deliberado da mídia, em momentos cruciais da história do Brasil e do mundo, seja apontado como “portanto” a melhor alternativa para o controle dos meios de comunicação; ainda que saibamos ser o Estado, a instituição paradigmática da sociedade moderna (Thompson, 1998).

Então, neste caso, devemos considerar que, em princípio, este deve ser o procedimento mais adequado, desde que estejamos nos referindo à sociedade no chamado Estado de Direito Democrático e não às ditaduras como foram o Peronismo (.....) ou o Estado Novo, de 37 a 45, no Governo Vargas, entre outras. O paradoxal destes casos é que aqueles que, de forma arbitrária, ocupam o Poder destituem o Estado, anteriormente constituindo, porém não dispensam o uso da mídia, independentemente do tipo de legislação em vigor. Isto é, não parece haver medidas legais refratárias ao abuso político.

Desencadeamos esta reflexão para trazer à tona exatamente o quão difícil foi tomar uma decisão acerca de que modelo de televisão adotar, para os países europeus que tiveram o primeiro contato com a mídia televisiva, enquanto vivenciavam os seus efeitos nocivos em determinados acontecimentos históricos.

Pensamos ser esta a melhor forma de entender Wolton (1996) quando afirma que tanto no meio televisivo quanto no intelectual europeu havia uma resistência ao modelo privado da TV norte-americana, voltado ao mercado, e, em contra-partida, uma expectativa nas potencialidades do uso da TV para

democratização cultural, na perspectiva do modelo público, com variações na sua forma de gestão. Conforme destaca o citado autor, por esta razão;

Nem todos os países reagiram da mesma maneira diante da “ameaça da comunicação”. Se a França, assim como a Itália e a Bélgica, escolheram a lógica administrativa, política, centralizadora, a Alemanha Ocidental preferiu uma estrutura pública descentralizada. Enquanto os países latinos confiavam no Estado para garantir o bem público e a “independência” da televisão, a Grã-Bretanha e, sobretudo, a Alemanha, que acabava de experimentar os piores excessos cometidos em nome do Estado, tiveram uma atitude menos estatal (Wolton, 1996, p. 26).

Os ingleses adotaram um sistema híbrido de gestão do capital. Para Wolton, apesar de terem sido considerados vendidos ao modelo privatizante norte-americano e sofrido o quase desmantelamento da Companhia Britânica de Radiodifusão na era Thatcher, a BBC - British Broadcasting Corporation -, até hoje é tida como a melhor televisão do mundo, no modelo público.

Tendo estudado o modelo de televisão britânico, Leal filho explica que:

[...] Desde a forma de concessões de canais até o controle da qualidade dos programas, há mecanismos do Estado atuando. No centro do processo está o Parlamento. É a partir dele que se estrutura todo o sistema com três órgãos centrais de direção: a British Broadcasting Corporation (BBC), responsável pelo serviço público; a Independent Television Commission (ITC), que dirige o setor privado de televisão terrestre, por cabo e satélite; e a Radio Authority, que controla o rádio comercial. São órgãos administrados por conselhos diretores nomeados pela rainha, mas indicados pelo governo. Eles prestam contas ao parlamento por intermédio do Ministério do Patrimônio Nacional, responsável pelo setor de rádio e televisão na Grã-Bretanha (Leal Filho, 1997, p. 35).

Já nos Estados Unidos, conforme observa Cavalcante a realidade é diferente daquela do modelo britânico:

[...] as emissoras integrantes da televisão pública não têm necessariamente uma programação em comum, o que não a caracteriza exatamente como uma rede. São cerca de trezentos e cinquenta emissoras locais e duas nacionais de maior porte (PBS –

Public Broadcasting System e CPB – Corporation for Public Broadcasting). Os telespectadores da televisão pública norte-americana contribuem cerca de três a quatro vezes por ano, incentivados por campanhas das emissoras locais com essa finalidade. Dessa contribuição decorre a maior parte do orçamento desse veículo (Cavalcante, 2007, p. 11).

Na análise que fez sobre a convivência dos dois principais modelos de televisão, no cenário internacional, Wolton identifica as três mais importantes fases, que são; a de 1950 a 1970, aquela na qual dominou o modelo de televisão de serviço público; a de 1970 a 1980, quando houve o confronto dos dois modelos e, por fim, a de 1980 a 1990, a partir da qual houve a predominância do modelo privado, em vigor até hoje.

Na primeira, a diretriz ideológica consistia na prestação de serviço público, com a elaboração de programas culturais e educativos, e na resistência à veiculação de publicidade, que perdurou até 1968. De acordo com Wolton, o confronto dos dois modelos evidenciou os limites da TV pública, levando a TV privada a tornar-se não só irresistível, quanto desejável:

O público não contestava a televisão pública, até a apreciava, e queria somente mais imagens à medida que aumentava o número de aparelhos vendidos. Não foi senão mais tarde, diante da reticência da televisão pública em se abrir e renovar-se, que o público, a princípio bastante fiel, começou a sonhar com o fruto proibido (Wolton, 1996, p. 28).

Além destes fatores que envolvem questões técnicas e administrativas, conforme ressalta o citado autor, outras questões, de ordem política relacionadas aos princípios da comunicação, vieram a acentuar tal embate. Ele menciona, por exemplo, que na França, em 1980, até mesmo as emissoras regionais e comunitárias eram consideradas privadas, pelo simples fato de fugirem do controle estatal da gestão pública.

Os conflitos chegaram a tal ponto que, como observa Wolton; “Nada mais parecia capaz de se opor à idéia de que a televisão privada talvez não fosse

o pesadelo por tanto tempo descrito” (Wolton, 1996, p. 29). Deste modo, chegou-se à fase que perdura até hoje, com a mudança de paradigma do modelo dominante, do político para o econômico.

O público, saturado de discurso, e menos amnésico do que pensamos a respeito dos múltiplos exemplos de controle político, reclamou imagens, mais imagens, sempre imagens. Que elas fossem públicas ou privadas, pouco lhe importava. E a hostilidade ao modelo público se traduziu por um esquecimento sobre os inconvenientes do dinheiro privado (Wolton, 1996, p. 30).

Neste sentido, um dos inconvenientes a ser considerado é a adoção do princípio da concorrência, que é a força-motriz das leis de mercado, despertado naquelas emissoras, cujos modelos, até então, não se pautavam por tais valores. Conseqüentemente, este inconveniente gerou outro, que foi a margem dada à interferência dos anunciantes e dos índices de audiência na grade da programação.

Por esta razão, a programação não pode ser entendida como a soma aleatória do conjunto de programas veiculados. Na concepção de Manuel Pinto “[...] estes são como que tecidos e articulados num plano estratégico, manobrado num espaço de mercado concorrencial” (Pinto, 2000 *apud* Brandão, 2002, p.31).

Seguindo esta mesma linha de pensamento, na análise da grade da programação, principalmente, de televisões privadas, Brandão (2002) conclui que

[...] tornou-se num instrumento de fidelização do público, oferecendo, para maximizar a sua audiência, praticamente o mesmo tipo de programas, o que faz com que a grelha [grade] de programas seja hoje feita apenas em função de resposta à concorrência do que de alguma estratégia individual de cada estação. O resultado é os diferentes canais oferecerem produtos semelhantes em horários idênticos, visto que visam os mesmos públicos, os mesmos níveis de audiência, o que resulta uma crescente uniformização do panorama audiovisual generalista (Brandão, 2002, p. 32).

Enquanto que para Brandão (2002) este fenômeno da uniformização²⁸ pode comprometer a função social das chamadas TV's generalistas, para Wolton (1996; 2004), o fato de atuar em circuito aberto é o suficiente para que este tipo de televisão seja democrática e proporcione a integração entre os diversos segmentos sociais. É neste universo que o autor identifica a força da televisão e fundamenta a tese de laço social.

Dizer que a televisão é uma das formas de laço social é, pois, uma retomada de certa tradição sociológica²⁹, mesmo que a perspectiva seja sensivelmente diferente. Em que a televisão constitui um laço social? No fato de que o espectador, ao assistir à televisão, agregasse a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste simultaneamente, estabelecendo assim, como ele, uma espécie de laço invisível. É uma espécie de *common knowledge*, um duplo laço e uma antecipação cruzada. 'Assisto a um programa e sei que outra pessoa o assiste também, e também sabe que eu estou assistindo a ele (Wolton, 1996, p.124).

Para o autor, a TV generalista ocupa um espaço não mais preenchido pelas demais instituições sociais, nas mais diversas áreas do trabalho à família.

Os laços primários, ligados à família, ao vilarejo, ao trabalho, desapareceram e os laços sociais ligados à solidariedade de classe e de pertinência religiosa e social desmoronaram. O resultado é que não sobra grande coisa entre a massa e o indivíduo, entre a massa e as pessoas. Poucos laços perduram. É nesse contexto de ausência de espaço intermediário sociocultural entre o nível de experiência individual e a experiência em escala coletiva que se situa o interesse pela televisão. Ela oferece justamente um laço estruturante entre essas escalas e esses espaços (Wolton, 2004, p.134).

Com relação a um possível contra-ponto a ser oferecido pela mídia televisiva segmentada, Wolton mostra-se restritivo, argumentando que

²⁸ Cf. Indústria cultural; teóricos da escola de Frankfurt, tais como Horkheimer, Adorno e Marcuse; posteriormente, Jürgen Habermas.

²⁹ O conceito formulado por Durkheim é oriundo da escola francesa de sociológica.

A experiência da televisão temática atualmente serve mais como um estímulo à televisão geralista do que como um questionamento desta, e os problemas teóricos que coloca, do ponto de vista do papel da televisão num espaço ampliado de comunicação, são menos percebidos, na medida em que a televisão fragmentada parece, muitas vezes, uma televisão geralista, mas em escala reduzida. (Wolton, 1996, p. 106)

Deste modo fica claro que para Wolton, somente a programação da tv generalista apresenta responsabilidade global com a realidade sociocultural do público. “Se a tv geralista foi muitas vezes chamada de ‘espelho’ da sociedade, a televisão fragmentada é um espelho quebrado” (Wolton, 1996, p.107).

Nesta perspectiva, fica explicado o seu *elogio ao grande público*, não por outra razão, título da sua obra dedicada à proposição de uma teoria crítica da televisão. Na opinião de Wolton (1996), as duas principais críticas feitas à televisão voltada ao *grande público* são a de uma possível passividade deste diante do caráter genérico da programação e a do risco de standardização da oferta e da demanda.

A tais colocações, o autor rebate, apresentando, respectivamente, os seguintes argumentos:

a) A televisão não engendra a passividade, como pelo contrário, desenvolve o senso crítico, pois ao se dirigir a todos, obriga todo mundo a estar à altura de um determinado olhar;

b) Responsabilizar a TV pela standardização “significa atribuir a ela um poder muito acima das suas competências [...] quando existem fatores que são “objetivamente” mais responsáveis por isso, como aqueles ligados à economia de massa” (Wolton, 1996, p. 126).

A partir de tais pressupostos teóricos, fica mais fácil compreender a tese central de Wolton ao defender que “a televisão de grande público perde em “definição” aquilo que ganha em “integração”, quer dizer, na manutenção de uma certa representação da consciência coletiva de um país” (Wolton, 1996, p.132).

É por esta razão que, para o autor: “Há uma vinculação direta entre a noção de grande público e a função de *“laço social”* da televisão. A televisão só pode desempenhar esse papel quando se trata de uma televisão de grande público, ou seja, uma televisão de massa, caso contrário desempenhará um papel mais limitado.”

No que diz respeito à relação *indivíduo x massa*, Wolton observa o caráter paradoxal de duas características encontradas na TV geralista, oriundas da própria dinâmica social: “A televisão geralista procede diretamente desse duplo movimento contraditório: nela censuramos, simultaneamente, a homogeneização - todo mundo assiste a mesma coisa - e a atomização - cada um assiste sozinho” (Wolton, 1996, p. 133).

Analisando ainda o binômio *indivíduo x massa* diante da variação dos circuitos; aberto ou fechado, analisa o autor:

A televisão de massa é mais democrática, mas concilia mal a relação indivíduo-massa, pois a dimensão coletiva prevalece sobre a dimensão individual. A televisão fragmentada, pelo contrário, mais forte do ponto de vista da satisfação individual, o é menos quanto à identidade coletiva (Wolton, 1996, p. 13).

Em outras palavras, “se a televisão temática pode ser uma forma de laço social no seio de uma comunidade restrita, compreendemos que é na sua dimensão geralista que a televisão exprime melhor essa característica” (Wolton, 1996, p. 124). Conclui Wolton:

Ao fim de tudo, **o único espetáculo ‘grande público’ de um país é a televisão**, que é ao mesmo tempo uma das formas sutis dessa solidariedade diáfana que se instaura entre indivíduos que tudo separa, salvo terem visto, ao mesmo tempo, por razões diferentes, imagens a que aceitam assistir, criando assim uma comunicação sem dúvida um pouco estranha, mas provavelmente típica da nossa sociedade ‘individualista de massa’ (Wolton, 1996, p. 127 - Grifo nosso).

Ao ampliar a tese de laço social, numa revisão da própria literatura, em que inseriu os conceitos de modernização e identidade nacional no que denomina de *tripla função*, Wolton reconhece que o modelo público de televisão desempenha melhor este papel que o privado.

É claro que o conceito central segue sendo o da TV generalista, mas os seus custos e os seus obstáculos são tamanhos que a televisão generalista privada corre sempre o risco de baixar o nível, em outras palavras, de se manter com programas garantidos de sucesso [...]Ao contrário, a TV pública generalista, quando faz bem seu trabalho, oferece um maior leque. Ou seja, se existe a real vontade de garantir a qualidade da TV generalista, é preciso preservar o estatuto e o papel da TV pública (Wolton, 2004, p. 149).

Neste sentido, uma das principais preocupações de teóricos e gestores de TVs públicas está na atual tendência destas emissoras adotarem os princípios e as estratégias das emissoras privadas, arriscando-se a perderem a própria identidade e a se assemelharem, assim, ao modelo comercial dominante. Conforme constata Brandão,

[...] o que hoje cada vez mais se verifica é que, face à crescente competitividade na busca de maiores audiências, a 'audiência como público' está a se transformar também na 'audiência de mercado', isto é, as televisões públicas estão a adquirir a relação comercial das televisões privadas, em que passam a visar o espectador mais como consumidor e menos como cidadão, na procura constante da maximização das suas audiências (Brandão, 2002, p. 63)

O autor chega a tal conclusão com base nas idéias de Ang, que estabelece uma relação entre tipos de audiência e modelos de televisão, para quem “[...] audiência como mercado e audiência como público são assim duas configurações alternativas de audiência, cada uma ligada a um dos arranjos institucionais- comercial e serviço público de televisão” (Ang *apud* Brandão, 2002, p. 63).

O desafio maior, então, das emissoras ligadas ao modelo público de televisão está na prestação de um serviço público que as legitime na condição de

públicas e as diferencie das privadas, para as quais a audiência não implica em uma responsabilidade social na mesma dimensão e com igual intensidade.

A propósito, de acordo com Coelho:

Não se pode pensar que serviço público é dar ao público aquilo de que ele neste momento mais gosta (essa é a função das privadas), mas não se pode deixar de considerar que é necessário fazer tudo para que o público em geral goste cada vez mais daquilo que se considera de interesse público (Coelho, 2000 *apud* Brandão, 2002, p. 64).

Com intuito de estabelecer uma linha de atuação geral para as televisões públicas, Blumler e Hoffman-Rien estabelecem os seguintes três parâmetros:

1. Suas relações com a competência privada - a televisão pública deve estabelecer uma 'relação tanto competitiva como complementar' [...] .Como 'competitiva', deve procurar, através dos seus programas, ter telespectadores, mas que isso não represente o único factor em causa, pois deve sempre procurar outras dimensões para lá das audiências, tais como: 'qualidade, inovação, profissionalismo, critérios, relevância social, serviço a uma variedade de interesses'. Como 'complementar', a televisão pública deve 'oferecer uma variedade realmente distintiva de programas [...] dignos para a participação do gosto das 'massas' como também programas dirigidos a gostos mais definidos para audiências menores, mas mais comprometidas'.

2. "Prioridades de programação"- a televisão pública deve assim ter cada vez mais presente um certo sentido de prioridades, ou seja, potenciar a satisfação de necessidades públicas sintonizadas com os telespectadores, em que as 'as prioridades qualitativas' sejam, no fundo, a marca de distinção face às televisões privadas.[...] Assim o entretenimento deve existir, mas aspirar a estimular a 'imaginação e o pensamento, e não a apagá-los'. Deve ocupar-se das 'necessidades culturais', como marca distintiva e de acordo com a sua vocação, mas sobretudo através de 'inovação e capacidade para surpreender', com uma filosofia 'pioneira' e 'distintiva', e estimular a 'criatividade', a 'capacidade para gerar debate' e a 'autenticidade', em vez de promover o 'efeito dramático' como forma de manter a atenção dos seus telespectadores. Deve ainda manter uma forte 'presença internacional', através de diversos correspondentes no

estrangeiro,[...] de modo a familiarizar os telespectadores com as diversas perspectivas que se passam no mundo.

3. “Caráter social da televisão pública”- (...) a televisão pública deve definir-se a si mesma como ‘um fator influente na reprodução e renovação cultural’, o que implica manter laços estreitos com os diferentes sectores artísticos da sociedade, como apoiar os produtores independentes, bem como criar e preservar os seus arquivos de programas. Como ‘instituição política’, a televisão oferece uma imagem da vida política e suas actividades [...] Como ‘instituição social’, deve ter preocupações acrescidas com a ‘programação infantil’, com a ‘orientação normativa’ e com a ‘compreensão multicultural’ da nossa sociedade pluralista (Blumler; Hoffman-Rien, 1993 *apud* Brandão, 2002, p. 24-25).

Tal reflexão vem a calhar com o atual cenário brasileiro, no qual discute-se justo o papel das televisões públicas³⁰. Este momento de prospecção, de alguma forma, provoca uma retrospectiva, no sentido de se rever as origens, bem como as trajetórias, dessas emissoras que atuam numa mesma linha, porém em condições sócio-político e econômicas bastante específicas e, em alguns casos, discrepantes.

Devido a alguns fatores de ordem sócio-político-econômica, que incidem nos processos históricos de assimilação cultural, mediante os quais ocorre a incorporação e reprodução de determinados valores ideológicos, os países da América Latina incorporaram os modelos de comunicação oriundos da América do Norte e da Europa.

No Brasil, entretanto, vivemos uma inversão do que ocorreu em muitos países desenvolvidos, onde o [modelo] público antecedeu o privado, ou foi simultaneamente a ele, países onde a cidadania antecedeu o consumidor de massas, e onde se afirmou com mais facilidade o lugar da televisão pública. Aqui, primeiro surgiu a televisão privada e depois o Estado veio exercer o papel tradicional na organização do espectro limitado e na organização dos canais públicos (Gil, 2006 p. 02).

³⁰ Entre 08 e 11/05/07 realizou-se o I Fórum das TVs Públicas, em Brasília. Para sua realização foram elaborados os cadernos de debate (vol 1 e 2), publicados pelo MINC, organizador do evento, no qual foi lançada a “Carta de Brasília”, contendo os princípios norteadores da rede pública de televisão, projeto do Governo Federal .

Quando se refere à inversão ocorrida no país quanto ao processo de adoção dos dois principais modelos de televisão, o Ministro Gilberto Gil busca, nas origens do surgimento da televisão brasileira, a explicação para o fato inexorável das emissoras públicas (sobre)viverem tentando (re)construir a sua identidade, bem como (re)definir a missão que têm a desempenhar na sociedade.

Tendo surgido, entre as décadas de 70 e 80, como contra-ponto às televisões privadas, as emissoras públicas inicialmente representaram a antítese do que o sistema capitalista, no âmbito da comunicação social, estabeleceu como paradigma às TVs abertas. Se considerarmos, porém, o fim da restrição à veiculação de propaganda³¹ aos canais culturais e educativos, hoje talvez estes signifiquem mais uma alternativa que uma oposição, propriamente, ao circuito comercial.

Alguns pensadores, e gestores de TVs públicas brasileiras, situam suas reflexões nesta perspectiva. Ao contrário de Blumler e Hoffman-Rien (1993) que admitem a concorrência salutar, Bucci (2006) defende que estas emissoras não devem competir com as emissoras privadas. Ele não considera que os modelos sejam diametralmente opostos, mas complementares, conforme sugere a metáfora a qual recorre para argumentar seu ponto de vista.

As emissoras comerciais e as públicas deveriam funcionar como os dois pratos da balança, e essa balança é o espaço público democrático. As primeiras se organizam com base em demandas do mercado, que atuam por vários caminhos e se refletem, por exemplo, na preferência dos anunciantes em patrocinar um tipo de programa e não outro – o que vai interferir no próprio formato das grades de programação [...] Aí é que entra o papel das emissoras públicas. Estas não deveriam atrelar-se ao mercado [...] deveriam diferenciar-se, recusando-se a competir no mercado e buscando dar visibilidade às expressões francamente minoritárias da cultura e do debate público, que não têm aptidão para se tornar "campeãs de audiência" e não têm vez nas comerciais (Bucci, 2006, p. 25)

³¹ A Lei DL 236/67 proibia a veiculação de publicidade nas emissoras públicas de televisão, mas a Lei Federal nº 9.637 (15/05/98) liberou a divulgação de propaganda institucional de entidades de Direito Público e de Direito Privado, que passaram a anunciar em forma de patrocínio ou apoio cultural.

Bucci contrapõe-se ainda aos citados autores no que tange à forma de conceber a pertinência ou não do gênero “entretenimento” na grade da programação das TVs públicas, sobretudo, no caso das emissoras educativas.

[...] a palavra entretenimento foi revolvida por um processo de ressignificação definitivo a partir da indústria do entretenimento. Ao afirmar que faz entretenimento, ainda que marginalmente, uma emissora de televisão se declara pertencente a essa indústria e a esse negócio. Quando uma TV pública diz que faz entretenimento, afirma que pertence a um campo – industrial e econômico – ao qual não tem vocação nem destinação de pertencer. Não se trata de um santo nome, mas essa palavra jamais poderá ser invocada em vão. (Bucci, 2006 p. 27)

Encerrando a discussão que relaciona cada tipo de modelo de televisão à sua linha editorial e função social, ratifica Cádima que

para o modelo privado, a formação da pessoa humana acaba na escola, reduzindo-se assim a sua oferta ao ‘entretenimento e às variedades’; para o modelo público, importa sobretudo disponibilizar ‘oferta diversificada’, com uma produção própria de qualidade, onde todos os gêneros estão representados (Cádima, 1995 *apud* Brandão, 2002, p.29).

A propósito, a questão dos gêneros, subgêneros e formatos contidos nesta “oferta diversificada”, será desenvolvida a seguir.

CAPÍTULO 2. CONCEITOS TEÓRICOS FUNDAMENTAIS PARA A ANÁLISE DO GÊNERO TELEJORNAL

2.1. Sobre a natureza multimodal dos gêneros televisivos

Caixa mágica ou *caixa tola*, *sala de aulas sem paredes* ou ainda, quem sabe, uma *escola paralela* ou mesmo uma *babá eletrônica* (Ferres, 1996). Inúmeras são as designações para, mais que nomear, referir-se ao papel deste meio de comunicação na sociedade.

O interessante é que para alguns estudiosos dos meios de comunicação de massa o que, de fato, talvez passe sem ser notado seja justo o nível de importância dado à televisão, ao ponto desta vir a ser mencionada – indiretamente - como sinônimo da mídia no seu conjunto, ou seja, apresentada como uma parcela tão significativa que adquire *status* de totalidade.

Ao abordarmos, no capítulo anterior, o fenômeno da ação responsiva, percebemos que Thompson refere-se à mídia, em princípio, de forma genérica, embora ao descrevê-la mencione a característica mais peculiar da televisão, que é a linguagem audiovisual. Esta não lhe é necessariamente exclusiva, levando-se em conta a Internet, o documentário ou cinema³². Porém, entre as mídias convencionais, que não incluem as chamadas novas tecnologias, a TV ainda desfruta do diferencial de ser a única a veicular simultaneamente imagem e informação escrita, falada e sonora (música e/ou som ambiente)³³.

³² Devemos ressaltar que para alguns autores, o filme documentário e o cinema, por determinadas características inerentes aos seus respectivos processos de produção, linguagem e divulgação, não são considerados -propriamente- meios de comunicação de *massa*, se analisados individualmente. Não podemos esquecer, porém, da metalinguagem televisiva que sistematicamente incorpora tais gêneros na sua grade de programação.

³³ Para o telespectador, a linguagem da televisão é auditiva. Já para os produtores alguns textos são escritos para serem lidos, enquanto outros são falados. As falas das entrevistas são editadas. No contexto da recepção, porém, tais transformações não são perceptíveis a todas as pessoas.

Deste modo, iniciamos a nossa abordagem pelo fator distintivo, a imagem. Antes de nos referirmos a algum dos seus aspectos, devemos considerar que esta linguagem compõe-se de três diferentes tipos de signos: lingüísticos (texto), icônicos (com motivos reconhecíveis) e plásticos (a cor, a forma, o enquadramento e o movimento)³⁴. A expressão visual *movimento*, parece-nos a mais característica do telejornalismo e da televisão, de modo geral, além do cinema e do desenho animado, assim adjetivado exatamente por expressar ânimo, sinônimo de vida. Não sem razão, para Dondis “[...] o movimento talvez seja uma das forças visuais mais dominantes da experiência humana” (Dondis, 1997, p. 80).

Discordamos do autor apenas quanto à relativização denotada no termo *talvez*, por não termos dúvida de que o fato de podermos assistir na TV às imagens que similarmente temos condições de ver no mundo, imprime a esta mídia uma inevitável conotação de veracidade, confiabilidade e fidedignidade. Em outras palavras, queremos ressaltar que geralmente esta mídia tende a exibir cenas similares àsquelas em que olho humano é capaz de perceber, de forma direta, isto é, sem que haja uma dada intermediação³⁵.

Se considerarmos a singularidade do uso de determinados recursos técnicos, típicos do processo de edição, tais como fusão de imagem ou alteração de ritmo (posto mais lento ou acelerado que o original) ou ainda daqueles oriundos da infografia, este efeito de verdade pode até ser ampliado e associado à chamada hiper-realidade por, neste caso, mostrar o que foge à capacidade humana de visualizar. Conforme explica Gaydecka,

a utilização de infográficos normalmente ocorre em reportagens voltadas a temáticas científicas, na tentativa de explicar o aspecto tridimensional de um objeto, ou coisas muito pequenas que fogem da capacidade humana de visualização como – uma célula, um vírus, uma molécula, um átomo – ou coisas muito grandes – um

³⁴ Cf. Joly (1996).

³⁵ Segundo a teoria da percepção de Peirce (*apud* Santaella 1998), 75% da percepção humana é visual, ficando a auditiva com 20% e o restante para as demais manifestações dos cinco sentidos.

furacão, uma onda gigante, o funcionamento do tráfico (Gaydecka, 2007, p. 05).

Para não nos atermos ao *movimento* enquanto característica distintiva, gostaríamos de ressaltar uma expressão visual bastante significativa, a do *enquadramento*, definido por Joly (1996) como o que corresponde ao tamanho da imagem, suposto resultado da distância entre o objeto fotografado e a objetiva (lente da câmera), que é comumente associado a algum sentimento, pois sabe-se, por exemplo, “que o *close-up* é uma tomada que expressa emoção ou escrutínio” (Rose, 2002, p.357). Além de observarmos os aspectos, anteriormente mencionados, inerentes à imagem, consideramos que seja importante relacioná-los àqueles perceptíveis pelo uso desta linguagem. Assim, poderemos compreender porque determinado *enquadramento* (uma panorâmica) pode ter como *função* comprovar o que o texto afirma, contextualizando visualmente o telespectador a respeito do assunto abordado verbalmente.

Referiremo-nos aos *tipos de imagens*, com relação à sua procedência, e às suas *funções* quando veiculadas em notas cobertas ou reportagens. Em Santaella (1998), encontramos a referência para entender as três dimensões e origens das imagens: 1) as disponíveis no mundo, a exemplo das paisagens ou simples cenas cotidianas (as naturais); 2) aquelas produzidas intencionalmente pelo homem, que compreendem o desenho, a pintura, a fotografia ou mesmo as imagens gravadas, filmadas e editadas (culturais); 3) até aquelas produzidas abstratamente e armazenadas na nossa mente, quando pensamos, imaginamos ou sonhamos (as mentais).

Mediante o que foi exposto, devemos considerar que diariamente, da percepção dos repórteres cinematográficos das equipes de telejornalismo, um arsenal quantitativo e qualitativamente significativo de imagens é captado nas gravações externas e internas. Deste universo que oscila do poético (vide VTs sobre educação musical ou artesãos santeiros) ao grotesco (VTs sobre chacinas

no Rio de Janeiro ou em São Paulo), *frame a frame*³⁶, segmentos de imagens são reelaborados pelos editores de imagem e levados ao público. Este, por sua vez, independentemente de ter visto tais imagens *in loco* ou em outro canal de televisão, a partir do contexto da *interação quase-mediada* constrói seu repertório imagético-cognitivo, reelaborando-as mentalmente, armazenando-as e acionando-as, numa recorrência infinda, nos diversos *contextos interativos* dos quais vier a participar.

No que tange ao que podemos entender como sendo as funções da imagem, Aumont (1993, p. 79-80), baseado nos trabalhos Arnheim (1969), destaca o que chama de “modos”. O simbólico é aquele no qual se agrupam as imagens que servem de símbolos, sejam eles religiosos ou políticos. “Na verdade são inúmeros os exemplos em que a iconografia religiosa figurativa ou não, é vasta e ainda atual: certas imagens representam divindades (Zeus, Buda ou Cristo) e outras têm um valor quase puramente simbólico (a cruz cristã e a suástica hindu)” (Aumont, 1993, p. 79-80). Esta seria a sua função primordial, a de poder significar.

As demais funções são a epistêmica e a estética. A epistêmica (que pretende identificar ou comprovar) traz informações (visuais) sobre o mundo a ser certificado. Segundo o referido autor, (1993, p. 79-80): “essa função foi consideravelmente desenvolvida e ampliada desde o início da era moderna, com o aparecimento de gêneros ‘documentário’, como a paisagem e o retrato” (Aumont, 1993, p. 79-80). Já a função estética preencheria um outro requisito: “a imagem é destinada a agradar seu espectador, a oferecer-lhe sensações específicas” (Aumont, 1993, p. 79-80). Como tais funções não são excludentes, não é difícil constatar que cotidianamente as três se façam presentes no acervo do

³⁶ Tanto no processo de edição analógico quanto digital, as imagens são cortadas em quadros, frações de segundos, chamados de *takes* ou tomadas, que cobrem o texto correspondente. Observamos que cada vez mais, a tendência de fragmentar é acentuada. E quanto mais referentes lingüísticos o texto verbal trazer, menos tempo sobrar para a duração de cada trecho correspondente em termos icônicos. A título de ilustração: se um enunciado fizer menção ao Papa, ao presidente Lula e dona Marisa e aos fiéis, tomadas de imagens referentes às pessoas citadas deverão ser justapostas ao texto, no que se chama ‘cobrir o off’.

telejornalismo, desempenhando as funções de significar, comprovar ou produzir determinada sensação, em sintonia com o texto verbal.

Assim sendo, identificamos no telejornalismo o uso de imagens culturais, produzidas pelo homem, tendo como função principal (além da simbólica) a de se referir ou comprovar acerca do que se fala ou se mostra. Sim, porque na linguagem audiovisual da mídia televisiva, a imagem dificilmente significa de forma isolada³⁷. Ela normalmente é ancorada pela informação verbal (que elucida possíveis ambigüidades da expressão visual)³⁸ e estabelece ainda (ou pelo menos reforça) a relação de coesão referencial com a comunicação verbal. Por exemplo, um repórter aparece, no vídeo, acenando e dizendo algo do tipo “o bandido entrou por *esta porta*” e a imagem referente a este objeto aparece na tela da TV.

Observamos que tende a ocorrer uma relação de predominância de determinadas funções para cada tipo de imagem. Em outras palavras, isto significa dizer que as imagens produzidas por computação gráfica, a exemplo dos chamados VTs arte ou cartelas que aparecem ao fundo da bancada dos apresentadores ou ao lado de um deles, no canto da tela, como uma espécie de selo, não necessariamente têm por função informar. Por vezes, cumprem a função estética de compor ilustrativamente o cenário dentro do tema abordado.

³⁷ Alguns autores, entre eles, Dondis (1997) e Joly (1996) pleiteiam o caráter universal das imagens quando comparadas aos códigos lingüísticos mais dependentes dos contextos sócio-culturais para serem interpretadas e significadas. Por outro lado, Brasil advoga que “a produção e a compreensão de uma imagem [...] acontecem dentro de um contexto, para que a imagem proporcione uma história” (Brasil, 2005, p. 90). De fato, do contrário, será que vendo uma imagem de um vulcão associaríamos de imediato ao Etna, na Itália, ou no caso do tornado, identificaríamos como tal e saberíamos que sua ocorrência se deu nos estados Unidos? Se formos mais longe, lembrando o inesquecível 11 de setembro, como interpretaríamos, num primeiro momento, aquelas imagens do avião em chamas nas torres do *World Trade Center* não fosse a cobertura ao vivo, com a narração dos jornalistas, explicando tratar-se de uma atentado terrorista? Aliás, a partir da veiculação destas impactantes imagens pela televisão, inúmeras releituras do episódio foram feitas tanto na linguagem de documentário quanto na do cinema.

³⁸ Conforme argumenta Fraga Rocco (1991), as imagens demandam do texto verbal para terem o seu sentido mais especificado e, por tal, melhor definido. A autora questiona o velho provérbio oriental quanto a uma imagem valer mais que mil palavras, contra-argumentando que em determinadas situações nem mil imagens dariam conta da polissemia de uma palavra.

Se uma determinada imagem simular, por exemplo, um painel de aeroporto, apresentando os nomes *cancelado* ou *atrasado*, isto não quer dizer que obrigatoriamente todos os vôos estejam nesta condição, embora os telespectadores, menos ambientados com a linguagem técnica de TV, possam entender como *efeito de verdade* no dizer de Charaudeau (2006). Já as imagens captadas pela equipe de reportagem, no saguão do aeroporto, e veiculadas no telejornal, mostrando longas filas de espera ou pessoas dormindo no chão, certamente terão um significado mais contundente, talvez o tal *efeito de realidade*, no sentido de demonstrar que a situação dos vôos não está (mais ou ainda) regular.

Procurando entender os efeitos desta visibilidade, dedicado à análise do discurso das mídias e convicto da influência que exercem na sociedade, Charaudeau (2006) assim explica os *efeitos de veracidade* pretendidos, por vezes alcançados, pela linguagem televisiva dos noticiários, principalmente:

[...] a televisão [...] pode criar a ilusão de que representa o mundo dos acontecimentos tal como ele é; próximo ou distante, o mundo presente, aumentando o efeito de ubiquidade; cria a ilusão da *encarnação*, que é suscetível de produzir: um efeito de autenticação do acontecimento (é o que a expressão “eu vi na televisão” significa); um efeito de fascinação que pode fazer com que o telespectador, **obcecado pela imagem** do drama que lhe é apresentado, elimine o resto do mundo e o **reduza à imagem** que vê na telinha (Charaudeau, 2006, p. 111-112 - grifo nosso).

Para o citado autor, embora tanto a imagem quanto a fala sejam dotadas de um sistema semiológico próprio, fica difícil mensurar de qual das duas depende a estruturação do sentido. Embora considere que, no caso dos telejornais, seja da interdependência entre ambas que nasce a significação, Charaudeau destaca especificidades no funcionamento discursivo de cada uma delas; “[...] podendo a imagem jogar mais com a representação do *sensível*, enquanto a palavra usa da *evocação* que passa pelo conceitual, cada uma gozando de certa autonomia em relação a outra” (Charaudeau, 2006, p. 109-110).

O referido autor reconhece que o entendimento do telejornal depende mais do texto do que da imagem, pelo fato de o noticiário poder ser ouvido sem ser visto, com um prejuízo menor da sua compreensão do que se fosse o contrário. No entanto, possivelmente, dada a conotação emocional da imagem, Charaudeau atribui a esta linguagem o poder de produzir três tipos de efeitos:

[...] um *efeito de realidade* quando se presume que ela reporta diretamente o que surge no mundo; um *efeito de ficção*, quando tende a representar de maneira analógica um acontecimento que já passou (reconstituição); um *efeito de verdade*, quando torna visível o que não o era a olho nu (mapas, gráficos, macro e micro tomadas de imagem em *close-up*, que, ao mesmo tempo, desrealizam e fazer penetrar o universo oculto dos seres e dos objetos (Charaudeau, 2006, p. 110-111).

Consideramos problemática a distinção proposta pelo autor entre o que identifica como “efeito de realidade” e o que avalia ser o “efeito de verdade”, pelo fato da primeira definição ser demasiadamente genérica e, em contra-partida, a segunda apresentar como fator distintivo apenas a participação humana na elaboração (e não só na apreensão de imagens já disponíveis, como no primeiro conceito) dos materiais gráficos e jornalísticos e no uso destes nos telejornais, como exemplo de comprovação do efeito de veracidade pretendido. Porém, concordamos com Charaudeau quando alega que

“Se a televisão é, por excelência, a mídia do visível, ela só pode proporcionar dois tipos de olhar; um olhar de *transparência*, mas de ilusão de transparência, quando pretende desvelar, descobrir o oculto, mostrar o outro lado do espelho; o outro, de *opacidade*, quando impõe sua própria semiologização do mundo, sua própria intriga, sua própria dramatização [...] Mas, como a imagem é consumida como um bloco semântico compacto, quer pela transparência, quer pela *opacidade*, a televisão é pouco apropriada para discriminar, analisar e explicar”. (Charaudeau, 2006, p. 112).

Avaliamos que tal perspectiva não leva em conta a contextualização acerca dos modelos de televisão e de suas respectivas linhas editoriais, conforme discutimos anteriormente. Ressaltamos que podemos até tratar, do ponto de vista

técnico, das características da mídia televisiva que não se alteram em função da natureza jurídico-administrativa das emissoras, se pública ou privada, ou em função do tipo de gestão adotado. O mesmo não ocorre, porém, no que diz respeito à abordagem do funcionamento textual-discursivo, a ser abordado no próximos capítulos, cuja compreensão requer o conhecimento desde o contexto social ao co-texto jornalístico.

Em outras palavras, para entender um determinado telejornal, devemos considerar desde as condicionantes históricas, bem como sua linha editorial até o funcionamento textual-discursivo deste gênero, em específico. Descartamos, assim, a possibilidade de falarmos em “a televisão” como se fosse constituída de um modelo único, sem variações na sua forma de ocorrência.

2.2. Gêneros televisivos e formatos de telejornais

Antes de nos ocuparmos especificamente dos *gêneros multimodais*, com ênfase nos *televisivos*, faz-se necessário contextualizarmos, historicamente, o modo pelo qual o conceito de *gênero* foi concebido em termos teóricos e, concomitantemente, constituído como objeto de estudo. A depender das áreas de conhecimento e das suas respectivas linhas de pesquisa tomadas como referência, bem como do método adotado para investigação, a abordagem da temática dos *gêneros textuais ou discursivos* alcança dimensões significativamente diferentes.

No âmbito dos estudos da linguagem, tal amplitude compreende desde os estudos circunscritos a teorias literárias, lingüísticas ou cognitivas, que partem da chamada mudança de paradigma da Retórica clássica, de Aristóteles, à perspectiva dialógica, de Bakhtin, àqueles, no campo da Comunicação Social, que na maioria dos casos adotam arcabouços teóricos descontextualizados e ainda marcados por uma postura classificatória.

Estes últimos costumam ocupar-se basicamente com a identificação dos gêneros textuais, o que de certa forma explica a razão pela qual apresentam limitações tanto teóricas quanto metodológicas. As primeiras delas percebemos na adoção de arcaadouros dicotômicos e simplistas que contrapõem realidade à ficção e, similarmente, informação ao entretenimento ou ainda informação à opinião; as demais observamos no modo pelo qual determinados gêneros são “etiquetados”³⁹, a priori, sem uma devida análise textual-discursiva dos aspectos verbais aos extra-lingüísticos constitutivos da enunciação.

Para podemos compreender melhor tais questões, recorremos a um dos trabalhos que elegeram o universo jornalístico como objeto de estudo, circunscrito na Psicolingüística, ainda que se trate de uma linha de pesquisa diferente da que se propõe o presente trabalho. Dedicado a investigar a organização cognitiva da identidade dos textos, por parte da comunidade discursiva dos jornalistas, Bonini (2002) apresenta um panorama histórico de estudos desta natureza.

O citado autor considera que, mesmo distanciando-se dos antigos retóricos à medida que se interessava em estudar os processos persuasivos em cada situação discursiva mais que a aplicabilidade das técnicas de persuasão, Aristóteles preocupava-se ainda com as propriedades essenciais do texto, numa perspectiva descritiva. Assim sendo, na avaliação de Bonini,

o que chegou até nós, de qualquer modo, como a marca deste período, foi um conjunto de fórmulas de composição de textos. Ou seja, a visão clássica sobre o que caracteriza um texto é a de partes convencionais descritas em abstrato, quase que à margem do ato comunicativo e do contexto social de ocorrência (Bonini, 2002, p. 14).

A chamada mudança de paradigma surge, nas primeiras décadas do século XX, com os estudos de Bakhtin sobre os gêneros dos discursos, a partir de

³⁹ Sobre a mudança de paradigma na noção de gênero em Bakhtin, Faît (2005) ressalta que “[...] a atribuição de ‘sentido’ a um objeto [...] não é uma operação de etiquetagem, mas sim o produto de uma relação que cada indivíduo, cada locutor ou interlocutor constrói a seu modo” (Faît, 2005, p. 149)

uma concepção de linguagem centrada no *dialogismo*. Nesta perspectiva, os interlocutores da interação verbal começam a ser percebidos dentro de um contexto social. Conforme ressalta Bonini,

a concepção de gênero de Bakhtin inova em relação aos clássicos, pois leva em consideração aspectos da interação e as condições sócio-históricas de produção da linguagem. Embora entreveja a forma como faziam os gregos, é sempre com relação a uma adequação contextual no sentido de enunciação, e não como fórmula abstrata e independente do falante (Bonini, 2002, p. 15).

A propósito, Voloshinov apresenta uma reflexão extremamente relevante ao pontuar que dentro desta concepção enunciativa:

[...] a situação extra-verbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado- ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, a situação se integra ao enunciado como parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação [...] A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões como o contexto extra-verbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação - uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá estes enunciados (Voloshinov *apud* Brait, 2005, p. 67).

Porém, conforme elucida Tezza (2003), vários fatores interferiram na forma pela qual a obra de Bakhtin foi recebida e adotada no Ocidente, a começar pelo fato de somente no final do século XX termos tomado conhecimento do que o autor russo havia escrito no início daquele século.

O referido autor avalia como inóspito o contexto de recepção, na época em que o Ocidente teve contato com esta obra, em função do predomínio do estruturalismo, na Teoria literária e, dos pressupostos formalistas, no conjunto das concepções sobre a linguagem. Deste modo, o autor argumenta que

nesse quadro teórico, era difícil acomodar os pontos de vista de Bakhtin; na verdade era difícil compreendê-los. Aconteceu assim uma rápida adaptação de seu vocabulário e de suas categorias ao

quadro formal já à disposição da teoria literária corrente, de modo que as noções de *dialogismo*, *polifonia* e *plurilingüismo* se encaixam sem muito conflito em tópicos popularizados e simplificados em torno do conceito de “intertextualidade” (Tezza, 2003, p. 22).

Numa breve análise (em termos diacrônicos) na forma de recepção, bem como na interferência, desde postulado nas pesquisas sobre gêneros, Bonini constata que, na década de 70, predominaram os estudos de tipologização textual, desenvolvidos pela Lingüística Textual, enquanto na década de 80 surgiram abordagens transdisciplinares, “dentre as quais se destacaram o modelo sócio-retórico de Swales [cujo conceito usual é o de *gênero textual*] (1990/1992), o socioconstrutivista de Bronckart (1987) e o configuracionista de Adam [cujo conceito usual é o de *seqüência textual*] (1987,1992)”. (Bonini, 2002, p.15).

Apresentando – sincronicamente - um painel mais amplo, Acosta Pereira (s/d) destaca quatro possíveis abordagens de estudo dos gêneros do discurso:

(a) a **socioretórica**, cujos pressupostos teóricos e metodológicos estão ancorados nas pesquisas de Swales (1990), Bazerman⁴⁰(2005; 2006) e Miller (1984); (b) a **interacionista sociodiscursiva** [identificada por Bonini como socioconstrutivista], cujos gêneros são investigados baseados em Scheneuwly e Dolz (2004); Bakhtin (2000); Bronckart (1999) e Vygostky (*sic*) Vigostsky (1998); (c) a **sociodialógica** cujos referenciais teóricos e metodológicos de investigação dos gêneros estão sob a perspectiva de Bakhtin (1981; 1989; 2000) e (d) [...] a **sociossemiótica**, cujos gêneros são estudados com base na Análise Crítica do Discurso (ACD) (Fairclough, 1989; 1992; 1995) e na Gramática Sistemico-funcional (GSF) (Halliday, 1994; Thompson, 1996).(grifo nosso)

Entre ampliações e limitações nas filiações teóricas, devemos reconhecer que a tese do condicionamento social da linguagem, além de ter influenciado os estudos de perspectiva sócio-interacionista (na análise da conversação, sociolingüística e na lingüística textual), também constituiu a base

⁴⁰ Na apresentação do título *Gêneros textuais, tipificação e interação* (Bazerman, 2006. Tradução de Hoffnagel), Marcuschi refere-se ao citado autor, posicionando-o como crítico ao formalismo e adepto à perspectiva sócio-discursiva.

para estudos posteriores, de várias correntes de análises do discurso, a partir de conceitos fundadores, de inspiração bakhtiniana, tais como carnavalização, dialogismo, polifonia, intertextualidade e interdiscurso. Aliás, conforme destaca Brait,

Bakhtin e seu Círculo têm merecido, nos últimos anos, grande atenção por parte de diferentes áreas do conhecimento [...] especialmente, na circulação de noções, categorias, conceitos advindos diretamente do pensamento bakhtiniano, com ele aparentados ou, ainda, por ele motivados [...] no enfrentamento da linguagem, não apenas em áreas destinadas a esta finalidade [...] mas na transdisciplinaridade de campos como a educação, a pesquisa, a história, a antropologia, a psicologia, etc (Brait, 2005, p. 08).

Seguindo esta linha de pensamento, retomando a análise dos efeitos desta mudança de paradigma, desta vez não só no que diz respeito à forma de apreensão da linguagem, mas também no que tange ao objeto apreendido, de acordo com Machado (2005), foi a partir de tal contribuição que foi possível mudar a rota dos estudos sobre os gêneros, cujo olhar passou a se voltar para além das formações poéticas, quando Bakhtin debruçou-se sobre as chamadas práticas prosaicas, identificando nelas diferentes usos da linguagem, com a manifestação da pluralidade.

Fazendo uma avaliação desta significativa herança teórica aos estudos atuais de gêneros, a autora admite que

graças a esta abertura conceitual é possível considerar as formações discursivas do amplo campo da comunicação mediada, seja aquela processada pelos meios de comunicação de massas ou das modernas mídias digitais, sobre o qual, evidentemente, Bakhtin nada disse, mas para o qual suas formulações convergem (Machado, 2005, p. 152).

Embora reconhecendo que o gênero audiovisual ou multimodal de fato não tenha sido objeto de estudo de Bakhtin, o semiótico Machado (2000)

endossa a citada autora. Na sua reflexão sobre *A TV levada a sério*, ao se dedicar especificamente ao estudo dos gêneros televisivos, o autor considera que

de todas as teorias do gênero em circulação, a de Mikhail Bakhtin [...] parece a mais aberta e mais adequada às obras do nosso tempo, mesmo que também Bakhtin nunca tenha dirigido a sua análise para o audiovisual contemporâneo, ficando restrito os demais ao exame dos fenômenos lingüísticos e literários em suas formas impressas ou orais (Machado, 2000, p. 68).

Na sua interpretação do pensamento bakhtiniano, Machado concebe o gênero como instância da manifestação de tendências expressivas *mais estáveis* ao longo da história:

[...] gênero é uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar idéias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificados numa cultura de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras (Machado, 2000, p. 68) [Grifo nosso].

Além disso o autor afirma que “os gêneros são categorias fundamentalmente mutáveis e heterogêneas, não apenas no sentido de que são diferentes entre si, mas também no sentido de que cada enunciado pode estar ‘replicando’ muitos gêneros ao mesmo tempo” (Machado, 2000, p.71).

Assim sendo é necessário que tomemos do próprio Bakhtin a explicação acerca da heterogeneidade dos gêneros do discurso. Para o citado autor

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (Bakhtin, 1997, p. 279).

É mediante tal convicção que Bakhtin propõe definir os gêneros conforme os seus contextos de ocorrência, bem como, os modos de interferência dos enunciadores no discurso dos seus interlocutores.

Os gêneros secundários - o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios (Bakhtin, 1997, p. 281).

No entendimento de Bakhtin é da inter-relação entre os dois gêneros do discurso, considerado ainda o processo histórico de formação dos gêneros secundários, que se pode compreender o que autor denomina de “a natureza” do enunciado “[...] e, acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões de mundo” (Bakhtin, 1997, p. 282). Somente assim os materiais lingüísticos podem ser entendidos como enunciados concretos.

Seguindo a tônica do pensamento bakhtiniano, Hanks, cujo postulado também integra nossa fundamentação, esclarece que nesta perspectiva

os gêneros do discurso são entendidos tanto como resultantes de atos historicamente específicos, como dimensões constitutivas em função das quais a ação é possível. Os gêneros então, na condição de tipos de discurso, derivam sua organização temática da inter-relação entre sistema de valores sociais, convenções lingüísticas e o mundo representado. Derivam sua realidade prática da sua relação com atos lingüísticos específicos, dos quais eles são tanto os produtos quanto os recursos primários (Hanks, 2008, p. 07).

Ressaltamos que para o citado autor “[...] os traços definidores dos gêneros estão vinculados aos atos comunicativos situados” (Hanks, 2008, p. 01). Desta forma não são tomados em separado como características pré-definidas,

fixas e, o que seria mais comprometedor, imutáveis. Esta linha de pensamento apresenta consonância com a tese do Bazerman (2006), que alerta para o risco de recairmos na postura formalista classificatória:

Essa identificação de gêneros através de características é um conhecimento muito útil para interpretarmos e atribuímos sentido a documentos, mas isso nos dá uma visão incompleta e enganadora de gênero. Ao ver os gêneros apenas caracterizados por um número fixo de elementos, estaremos vendo os gêneros como atemporais e iguais par todos os observadores (Bazerman, 2006, p. 31).

Tanto Hanks quanto Bazerman reconhecem que, em certa medida, os gêneros são formas textuais típicas com funcionamentos específicos, mas que tal caracterização não é suficiente, pelas razões expostas acima, e sobretudo porque, limitando-nos a este patamar, estaremos desconhecendo o papel dos receptores⁴¹ na construção dos sentidos.

Assim sendo, a partir de tais pressupostos teóricos alinhados, de certa forma, a mesma perspectiva, concebemos o telejornal, objeto desta pesquisa, como objeto audiovisual televisivo (inserido no escopo dos multimodais) e, na perspectiva bakhtiniana, constituindo-se como gênero discursivo secundário, uma vez que, mediante o processo de produção, edição e veiculação das notícias, é responsável pela “transmutação” textual, digamos assim, dos gêneros de base.

Em analogia às considerações bakhtinianas acerca do modo pelo qual o romance, na literatura, e o discurso científico estão permeados por enunciados oriundos dos gêneros primários, podemos dizer que um processo semelhante ocorre nos telejornais, conhecidos por discursos reportados, à medida que se constituem do processo de recorrência às citações diretas e indiretas, a exemplo do que ocorre com a *retextualização*, do registro oral da fala dos entrevistados à versão editada para uma reportagem, ou ainda da fala original a sua menção em

⁴¹ Este conceito pode referir-se, genericamente, tanto às pessoas participantes da interação social (midiática ou não) quanto, especificamente, aos pesquisadores (integrantes deste 1º público) que investigam a dinâmica dos gêneros nas perspectivas interacionista socio-discursiva e socio-dialógica.

uma nota lida pelo apresentador do noticiário, durante a veiculação do telejornal. Neste sentido, conforme destaca Hanks:

A importância do discurso reportado para uma teoria da prática dos gêneros não é o fato de que ele organiza um conjunto de variantes lingüísticas, mas, e mais importante, é o fato de que o discurso reportado é um “documento objetivo” da recepção social do discurso. Nas formas do discurso reportado pode-se perceber as “tendências sociais constantes a uma recepção ativa do discurso de outros falantes” (Voloshinov, 1986 *apud* Hanks 2008, p.21).

Assim sendo, conforme ressalta Hanks, estes gêneros “correspondem a típicas situações de comunicação discursiva e conseqüentemente também a relações específicas entre os sentidos das palavras e a presente realidade concreta de certas circunstâncias características” (Bakhtin, 1986 *apud* Hanks, 2008, p. 23).

A partir desta perspectiva, pretendemos analisar a participação dos telejornais neste processo de recepção e de documentação das vozes sociais⁴², por meio dos discursos que, ao se constituírem como reportados, inevitavelmente, evidenciam procedimentos intertextuais e polifônicos.

Pretendemos, assim, apresentar uma contribuição às alternativas de abordagens de gêneros predominantes nos estudos fundamentados no campo teórico da Comunicação Social, no Brasil, que insistem e persistem no contraponto simplista: entretenimento & informação. Adiante discutiremos especificamente esta questão.

Tendo como fundamentação a Semiótica, Killp (2003) concebe os gêneros audiovisuais como responsáveis pela enunciação do que intitula *ethicidades* televisivas, e alinha-se às *estratégias de comunicação* de Martín-Barbero (1998), bem como aos tais *modos de trabalhar a matéria televisual* de Machado (2000).

⁴² Cf. Ducrot (1984) e Blommaert (2005).

A citada autora entende os gêneros como “[...] moldurações que implicam [ou implicariam] importantes sentidos a várias *ethicidades* [...], possivelmente simbolizadas assim na figura de molduras por como o lugar exterior à obra a partir do qual se produz e se consome” (Kilpp, 2003, p. 89-91).

Retomando as distinções conceituais dicotômicas acerca da classificação dos tipos de gêneros, mencionadas anteriormente, para Kilpp a grade da programação televisiva constitui-se tanto dos programas de informação, identificados pelo gênero documental, quanto dos programas de fantasia, nos quais se enquadram os de gênero ficcional, assim definidos:

Do gênero *documental* fazem parte os programas, quadros de programas e os gêneros ou tipo de programas nos quais se dá visibilidade à “realidade”: nos textos, nas imagens e nos imaginários veiculados, “verdadeiramente” as pessoas são “reais”, os fatos são “reais”, as histórias são “reais”, ainda que a simples veiculação implique uma mediação *sui generis*. O jornalismo, em geral, seja dentro de que programa for, pertence a este gênero. Mas também estão aqui os programas de auditório e, por hipótese, todos os programas ou quadros em que a televisão comunica “verdadeiramente” os outros campos (Kilpp, 2003, p. 99).

Deste modo, fica claro que nesses termos um conceito tão cristalizado quanto o de “moldura”, que literalmente enquadra o objeto sem considerar a sua dinâmica na prática, torna-se inviável, a menos que, a exemplo do conceito (semanticamente similar) de *frames*, fosse entendido de acordo com a teoria dos modelos mentais, como algo mutável, ou seja, que circunscreve a percepção da realidade momentaneamente, a partir do qual acionamos conhecimentos prévios, aos quais adicionamos novas impressões a cada episódio, sendo deste modo continuamente atualizado.

Entre as demais abordagens similares a esta, encontramos a de Rezende (2000). Disposto a traçar um perfil editorial do telejornalismo brasileiro, o autor dedica-se à mera identificação de categorias, gêneros e formatos, da televisão brasileira, incorrendo em equívocos metodológicos, com algumas

implicações teóricas. Apesar de ressaltar que não fazia parte dos seus objetivos refletir sobre natureza e tipologia dos gêneros jornalísticos nos telejornais, ao apresentar sua “classificação dos formatos”, de três telejornais brasileiros⁴³, o autor privilegia a abordagem quantitativa das referências de tempo e espaço dimensionadas por cada telejornal na forma de elaborar e veicular a notícia.

No procedimento da sua análise comparativa, Rezende (2000) chega a referir-se aos telejornais como tendo *um teor menor* de opinião ou *uma dose maior* de informação, como se uma análise de qualquer gênero da mídia pudesse prescindir de teorias da linguagem, vindo a ser simplesmente mensurada em tais termos.

Além da conotação meramente aplicativa, atribuída a tal fundamentação, aqui tratada como “classificação [...] que se enquadre”, as bases mencionadas pelo o citado autor, na verdade, não constituem, em alguns casos, formulações teóricas e sim instruções técnicas de manuais, como demonstra o inter-título da seguinte publicação adotada como referência:

A identificação dos gêneros jornalísticos em noticiários televisivos confunde-se na literatura específica sobre o assunto com o conceito de formatos. Squirra, em *Aprender telejornalismo - produção e técnica* classifica as notícias apresentadas em telejornais em três grupos: as notas simples, as notas cobertas e as aberturas e encerramentos para as matérias editadas (Rezende, 2000, p. 151).

Um postura semelhante pode ser observada em Aronchi de Souza, para quem “um fator que dificultou a pesquisa foi a inexistência de uma bibliografia brasileira a respeito dos gêneros televisivos e seus conceitos históricos, do ponto de vista da programação das redes nacionais” (Souza, 2004, p.32). Primeiro, estranhamos a postura adotada pelo autor de pressupor que tal discussão iniciasse no recorte ‘televisivo’, e não no conceito, anterior e substantivo, de gênero, a ser devidamente contextualizado. Depois, intriga-nos o fato de optar pela adoção da nomenclatura em vigor no mercado e não na academia.

⁴³ O Jornal Nacional, o antigo TJ Brasil e o Jornal a Cultura, todos veiculados no horário nobre da TV aberta.

Isto é perceptível na explicação de Aronchi de Souza (2004) sobre os procedimentos metodológicos da sua pesquisa:

Com base na metodologia aplicada por outros pesquisadores em trabalhos sobre televisão, as etapas desta pesquisa ficaram assim estruturadas: 1) Pesquisa da grade de programação diária de sete redes (Cultura, SBT, Globo, Record, Manchete [atual RedeTV!], Gazeta e Band) durante a terceira semana de outubro de 1996, tendo por base o boletim de programação distribuído pelas emissoras e o jornal *O Estado de S. Paulo*. 2) Montagem da grade horária das emissoras pesquisadas e identificação dos gêneros dos programas distribuídos por horário, conforme o boletim de programação. 3) Classificação dos gêneros por emissora e identificação das principais características de cada gênero e de seus formatos (Aronchi de Souza, 2004 ,p.35)

Seguindo a linha de pensamento acima detalhada, o citado autor representa a abordagem dos gêneros da televisão brasileira em forma de um “triângulo teórico”, em cujos vértices apresenta os termos “teoria dos gêneros”, classificação do programa pela emissora e análise da programação.

Embora afirme que tenha abordado “[...] as teorias [desta vez referindo-se no plural] dos gêneros dos programas, segundo a bibliografia especializada” (Souza, 2004, p. 35-36), o que nos parece vago, Aronchi de Souza não as utiliza como referência para a análise do corpus da sua pesquisa, constituído pela grade da programação das sete emissoras mencionadas anteriormente.

Ademais, ainda que para efeito de identificação fosse usada a indicação de gêneros das próprias emissoras, tais concepções deveriam ser analisadas mediante um determinado arcabouço teórico adotado para fundamentação do gênero televisivo em questão. A título de exemplificação do que estamos a dizer, ressaltamos que ao se referir ao gênero filme, por exemplo, o autor menciona especificamente o modo pelo qual os diversos formatos têm inserção na grade de programação das televisões, sem refletir, por exemplo, em que medida determinado filme pode ser identificado como entretenimento ou informação, por não considerar algumas condições de produção.

De modo geral, estes autores filiam-se a Marques de Melo, precursor de tais estudos na área da comunicação social, para quem a categoria do jornalismo informativo é entendida pelo modo através do qual as informações se estruturam.

[...] a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos seus protagonistas (personalidades ou organizações) (Melo *apud* Rezende, 2000, p. 144).

Para o citado autor, o jornalismo informativo, concebido como categoria, compreenderia quatro gêneros; assim identificados: *notas, notícia, reportagem e entrevista*. Esta última tanto pode representar um formato específico e relativamente autônomo, no momento em que um telejornal abre (sistemática ou eventualmente) um quadro voltado à realização de uma entrevista, como também se integrar às demais partes constitutivas de uma reportagem, cujo diferencial é contar, incondicionalmente, com este recurso para obter as informações das quais necessita. Em contra-ponto aos gêneros informativos;

[...] no caso dos gêneros que se agrupam na área da opinião, a estrutura da mensagem [conceito muito usado por profissionais e teóricos da Comunicação para se referirem à linguagem] é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: autoria (quem emite opinião) e angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião) (Melo *apud* Rezende, 2000, p. 145).

Na sua pesquisa sobre perfil editorial do telejornalismo brasileiro, Rezende (2000) adotou os três primeiros dos oito gêneros opinativos identificados, inicialmente, por Marques de Melo: *editorial, comentário, crônica, artigo, resenha, coluna, carta e caricatura*. Observamos que este último, porém, o qual o autor não menciona, tem sido veiculado, por exemplo, no Jornal Nacional, como forma de ilustrar fatos de forma ora crítica, ora bizarra.

Segundo Rezende, iniciada a revisão desta literatura, em 1996, Marques de Melo manteve a classificação do gênero opinativo e acrescentou mais três tipos ao gênero informativo, que foram; *enquete*, *perfil* e *serviços*. Na releitura seguinte da sua classificação original, Marques de Melo, faz novas alterações, substituindo a denominação de serviços por a de *indicador*. Além disto, o autor “transfere do informativo para a categoria interpretativa o *perfil* e a *enquete*, juntando-os a quatro outros gêneros: análise, dossiê, cronologia e gráfico” (Rezende, 2000, p. 145). Por fim, um ano mais tarde, Marques de Melo repensa o Jornalismo diversional, ao qual atribui as ocorrências de “*história de interesse humano* e a *história colorida*” (Rezende, 2000, p.145).

Como já questionamos a validade das concepções defendidas e do método adotado por tais autores para tal identificação “taxonômica”, para enfatizarmos a fragilidade dos arcabouços que contrapõem – dicotomicamente - os gêneros, situando *documental* em oposição à *ficção*, e do mesmo modo, *informação* à *opinião*, recorremos a Faraco, que ressalta

[...] é preciso ficar atento ao fato de que não existe “informação pura”. Toda informação é interessada, e implica uma relação viva entre quem informa e quem é informado, cujos interesses e pontos de vista são elementos constitutivos de toda enunciação - de tudo que dizemos, ouvimos, lemos, escrevemos. A simples escolha do que se vai informar já indica *um ponto de vista* sobre o que é relevante e o que não é relevante (Faraco, 2003, p. 180).

Para o citado autor, a relação que se estabelece entre tais gêneros é que o ponto de partida do texto de opinião é a informação: “[...] a partir de algumas informações avulsas sobre um assunto, o texto de opinião procura *dar sentido* a elas, procura dizer, afinal, o que as informações *significam* ou *a que conclusões elas nos levam*” (Faraco, 2003, p. 234)⁴⁴.

⁴⁴ É interessante observar que, mesmo ponderando sobre a viabilidade dos limites de tal distinção, Faraco, por sua vez, refere-se aos mesmos mantendo uma abordagem distintiva acerca do conceito de ambos. Em outras palavras; como se mesmo nem sempre sendo possível distinguir informação de opinião (e vice-versa), para todos os efeitos, elas existissem!

Mesmo Kilpp, na perspectiva das moldurações, reconhece que nenhum programa televisivo é absolutamente documental ou absolutamente ficcional. No seu entendimento, trata-se da tendência prevalente. Assim sendo: “No interior e na perspectiva do gênero, ficção e realidade se hibridizam tecnicamente [...] engendrando uma realidade televisiva *simétrica e equivalente* [!] a uma ficcionalidade televisiva: o televisivo, que engendra um mundo *sui generis* e em relação com outros mundos” (Kilpp, 2003, p.100 – grifo nosso).

Retomando a perspectiva a ser adotada, entendemos, conforme Koch, Bentes e Cavalcante (2007), a partir das idéias de Bauman e Briggs (1995), que

em termos sincrônicos, os gêneros dos discursos [...] constituem-se em poderosos instrumentos de ordenação, formatação, unificação e limitação de textos. Por exemplo, quando nos deparamos com o que Bauman e Briggs (1995) chamam de *recurso de formatação genérica*, como a fórmula *era uma vez*, desenvolvemos um conjunto de expectativas em relação ao conteúdo da narrativa e em relação a sua forma. [...] quando vistos diacronicamente, os gêneros possibilitam a ordenação e a estruturação do discurso em termos históricos e sociais: os provérbios, os contos de fada, as fábulas, por exemplo, podem nos remeter a um passado tradicional, enquanto que os e-mails nos remetem ao presente ultramoderno (Koch, Bentes e Cavalcante, 2007, p. 90).

É nesta perspectiva que a discussão do gênero telejornal (enquanto multimodal do tipo audiovisual) não pode prescindir à análise da intertextualidade e da polifonia, dada a sua condição e constituição de discurso reportado, conforme veremos a seguir.

2.3. Intertextualidade e Polifonia na perspectiva dialógica

Prosseguiremos com a linha de pensamento mencionada, no encerramento do item anterior, para a abordagem dos conceitos que embasarão o referencial teórico da análise, a ser desenvolvida no próximo capítulo.

Ao abordar a relação entre intertextualidade e polifonia, Koch, Bentes e Cavalcante (2007) recorrem à semântica enunciativa de Ducrot (1980; 1984), um dos autores filiados à perspectiva dialógica bakhtiniana.

Conforme ressaltam Koch *et al* (2007), o conceito de polifonia é mais amplo que o de intertextualidade:

Enquanto nesta[...] faz-se necessária a presença de um intertexto, cuja fonte é explicitamente mencionada ou não (intertextualidade explícita x intertextualidade implícita, respectivamente), o conceito de polifonia, tal como elaborado por Ducrot (1980, 1984) [...] exige apenas que se *representem, encenem* (no sentido teatral), em dado texto, perspectivas ou pontos de vista de enunciadores (reais ou virtuais) diferentes - daí a metáfora do “coro de vozes”, ligada, de certa forma, ao sentido primeiro que o termo tem na música, de onde se origina (Koch *et al*, 2007, p. 79).

A este respeito, inclusive, Bezerra (2005) destaca a importância da participação do autor [entendido na acepção do campo literário] como regente deste “coro de vozes” que participam do processo dialógico. Mais adiante retomaremos esta questão, na discussão prévia à análise do corpus, bem como durante este procedimento, no qual verificaremos tanto o dialogismo ora cristalizado ora somente acenado nas diversas ocorrências de intertextualidade, quanto sutilmente manifestado no nível polifônico.

Partimos, assim, da perspectiva dialógica, pela qual

um locutor não é o **Adão Bíblico**, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear [...], e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos (numa conversa ou numa discussão acerca de qualquer acontecimento da vida cotidiana) ou então as visões de mundo, as tendências, as teorias, etc (na esfera da comunicação cultural) (Bakhtin, 1997, p. 319-320) [grifo nosso].

A compreensão deste pensamento torna-se condição *sine qua non* ao entendimento, posterior, da complexidade que representa a ocorrência dos tais

“pontos de encontro” ou de interseccção, se assim podemos chamar. Antes de nos referirmos, porém, a este fenômeno, com base no arcabouço elaborado por Koch *et al* (2007) para abordar as diversas manifestações de intertextualidade, *da latu sensu a stricto sensu*, trataremos do conceito pressuposto de texto, apresentado pelas citadas autoras. Assim, mantendo-nos na perspectiva dialógica, conforme observam Koch *et al* (2007):

todo texto é, portanto, um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. Dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe (Koch *et al*, 2007, p.16).

Para fundamentar sua argumentação, as autoras recorrem a Bakhtin, para quem um texto só ganharia vida em contato com outro texto, à luz do qual poderíamos reconhecer o que lhe antecede, bem como o que lhe sucede, numa espécie de moto-contínuo. Conforme encontramos em Bakhtin,

Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (Bakhtin, 1997, p. 314).

Porém, como ressalta Bauman (2004 *apud* Koch *et al* 2007, p.16), o processo de retextualização de um texto implica uma alteração em sua força ilocucionária e em seu efeito perlocucionário. Com base nesta perspectiva, dedicada a estudar fenômenos do gênero, Koch *et al* expõem um leque conceitual para discorrer sobre as formas de ocorrência da intertextualidade, desde a sua acepção mais ampla, considerada *latu sensu*, a de que constitui “todo e qualquer discurso” até a mais específica, denominada *strictu sensu*, que necessariamente evidencia a presença de um intertexto.

Nesta última classificação enquadram-se os seguintes tipos de *intertextualidade*: (1) a *temática*, (2) a *estilística*, (3) a considerada mais *explícita* e em contra-partida; (4) a *implícita*. A primeira delas, assim é definida por Koch et al (2007):

A intertextualidade temática é encontrada, por exemplo, entre textos científicos pertencentes a uma área do saber ou uma mesma corrente de pensamento, que partilham temas e se servem de conceitos e terminologia próprios, já definidos no interior dessa área ou corrente teórica; entre matérias de jornais e da mídia em geral, em um mesmo dia, ou durante um certo período em que dado assunto é considerado focal; entre as revistas semanais e as matérias jornalísticas da semana; entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero (Koch *et al*, 2007, p. 18)

Seguindo ainda a perspectiva deste arcabouço:

A intertextualidade estilística ocorre, por exemplo, quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades lingüísticas: são comuns os textos que reproduzem a linguagem bíblica, um jargão profissional, um dialeto, o estilo de um determinado gênero, autor ou segmento da sociedade (Koch *et al*, 2007, p. 19).

Já a intertextualidade explícita, propriamente dita, assim é considerada por Koch *et al* mediante a condição da fonte do intertexto ser mencionada literalmente: “[...] isto é, quando um outro texto ou um fragmento é citado, é atribuído a outro enunciador; ou seja, quando é reportado como tendo sido por outro ou por outros generalizados (“Como diz o povo...”, “segundo os antigos...”)” (Koch *et al*, 2007, p. 28) .

As autoras exemplificam ser “[...] o caso das citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções [...]” (Koch *et al*, 2007, p. 28), que podem ocorrer em textos argumentativos, no uso do argumento de autoridade, e na interação face a face, na interação com o parceiro, no encadeamento do próprio diálogo. Especificamente no texto (tele)jornalístico trata-se de uma

característica constante, pela qual evidencia-se tanto o discurso citante, quanto o citado, conforme será observado na análise do *corpus*.

Por fim, a *intertextualidade implícita*, cuja ocorrência é marcada pela inferência a ser feita pelo ouvinte, leitor ou telespectador, no que diz respeito à identificação da fonte não explicitada no intertexto alheio. De modo geral, uma das justificativas para tal procedimento está na pressuposição, por parte do enunciador, de que a informação omitida seja do conhecimento prévio do seu interlocutor e, portanto, dispense referências explícitas.

A exceção deve-se aos casos em que tal omissão é proposital, por parte do enunciador, cuja intenção seria exatamente a de não revelar a fonte indevidamente reproduzida. No entendimento de Koch *et al* “o plágio pode ser visto como um caso extremo da *captação*”(grifo nosso) (Koch *et al*, 2007, p.31). Exatamente por isso, esta “captação” teria um efeito de “cooptação”.

As autoras adotam o conceito de *captação* de Grésillon e Maingueneau (1984) que assim se referem a todo uso do intertexto alheio, para efeito de concordância com a tônica do que é dito, sem que a fonte seja revelada. Esta seria uma das formas da intertextualidade implícita. A outra, segundo os citados autores, refere-se ao uso do intertexto com o propósito de argumentar em sentido contrário, configurando-se em uma forma de *subversão*. Nestes casos, de acordo com Koch *et al* (2007)

Por serem as fontes dos intertextos, de maneira geral, trechos de obras literárias, de músicas populares bem conhecidas ou textos de ampla divulgação pela mídia, bordões de programas humorísticos de rádio ou TV, assim como provérbios, frases feitas, ditos populares, etc., tais textos-fonte fazem parte da memória coletiva (social) da comunidade, imaginando-se que possam [...] ser facilmente acessados por ocasião do processamento textual (Koch *et al*, 2007, p. 31)

Ainda com base nos citados autores, Koch *et al* referem-se ao conceito de *détournement*, cuja especificidade seria a de não reproduzir exatamente

fragmentos ou trechos do intertexto, mas a de trazer algumas “marcas lingüísticas de uma enunciação proverbial”, pelas quais se pressuporia sua origem, também implícita. Daí a proximidade com o já mencionado fenômeno da intertextualidade implícita, distinto apenas por alguns aspectos, no que tange à forma de reconhecimento do material implicitado. (Grésillon; Maingueneau, 1984 *apud* Koch *et al*, 2007, p. 45).

As autoras utilizam este arcabouço como referência à análise de outras formas de intertextualidade, tais como os processos de *retextualização* (Marcuschi, 2000), tendo, ainda, como fundamento a teoria polifônica da enunciação de Ducrot (1980; 1984).

Conforme mencionamos anteriormente, a partir da perspectiva bakhtiniana, “Ducrot [...] postula a existência, no interior de cada discurso, de pelo menos dois enunciadores, E1 e E2, que representam, encenam perspectivas, ângulos, pontos de vista diferentes a um dos quais o locutor (L) adere” (Koch *et al*, 2007, p. 46).

O próprio Ducrot (1984, p.191) apresenta duas formas de polifonia. Na primeira delas quando assinala: “[...] a existência de dois locutores distintos em casos de ‘dupla enunciação’ - fenômeno que se torna possível pelo fato de o locutor ser um ser do discurso, participando desta imagem da enunciação fornecida pelo enunciado.” A segunda forma, considerada pelo autor, bem mais freqüente, pode ser percebida no chamado exemplo do eco, quando:

[...] alguém pronunciara as palavras “Eu não estou bem”, e uma segunda pessoa as retomara por um “*Eu não estou bem: Não creia que você vai me comover com isso*”, operando no seu discurso em desdobramento do locutor (cujo índice é a mudança do referente do pronome *eu*. (Ducrot, 1984, p.191)

É da análise do desdobramento do locutor, fenômeno este considerado por Ducrot ainda mais freqüente, que o referido autor apresenta a definição das vozes enunciadoras:

Donde a idéia de que o sentido enunciado, na representação que ele dá da enunciação, pode fazer surgir aí vozes que não as de

um locutor. Chamo de “enunciadores” estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles “falam” é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras. (Ducrot, 1984, p.191-192)

Diante de tais referências, Koch et al (2007) procedem à análise da ocorrência de *retextualização*, por *substituição* (de fonemas e de palavras), por *acréscimo* (de formulação adversativa, por *inversão* da polaridade afirmação/negação e por outros tipos de acréscimos), *supressão* e *transposição*, chamados por Ducrot de *atos ilocucionários elementares*.

Mediante o que foi exposto sobre o tema da *intertextualidade*, até então, percebemos que, por mais amplo que seja o leque que configura a sua ocorrência, conforme ressaltam Koch et al, a presença de outras vozes enunciativas não necessariamente atestam a manifestação, de forma evidente, da intertextualidade, mas sim a dos demais traços da polifonia. Segundo as autoras:

Para Ducrot, a polifonia é um fator constante no discurso, que oferece ao locutor a possibilidade de tirar consequência de uma asserção cuja responsabilidade ele não assume diretamente, atribuindo-a, portanto, a um outro enunciativo (Koch et al, 2007, p. 80).

A este respeito, Maingueneau (1996), na sua abordagem polifônica, tendo como base de reflexão o contexto literário (assim como o fez Bakhtin, em quem se inspira), apresenta o seguinte esclarecimento sobre as instâncias enunciativas. Referindo-se, inicialmente ao processo de citação direta, diz o autor:

“A particularidade do discurso é que um mesmo “sujeito falante” se apresenta como o “locutor” de sua enunciação (X disse : “...”),

mas delega a responsabilidade da fala citada a um segundo “locutor”, o do discurso direto”. (Maingueneau,1996,p.105)

Referindo-se a este segundo locutor (entre aspas), enquanto uma voz enunciativa, posta em cena pelo locutor propriamente dito, representado pelo sujeito falante, Maingueneau compara as especificidades dos procedimentos de citação e seus respectivos efeitos no processo enunciativo:

A estratégia do discurso indireto é totalmente diferente. Enquanto o discurso direto supostamente repete as palavras de um outro ato de enunciação e dissocia dois sistemas enunciativos, o discurso indireto só é discurso citado por seu sentido, constituindo uma tradução da enunciação citada [...] Como o discurso indireto não reproduz um significante, mas dá um equivalente semântico integrado à enunciação citante, ele apenas implica um único “locutor”, o qual se encarrega do conjunto da enunciação. (Maingueneau,1996, p.108-109)

A partir de tal esclarecimento, o referido autor ressalta as consequências advindas deste processo enunciativo; a perda de autonomia e a sua decorrente interferência nos níveis de subjetividade do discurso indiretamente citado: “Na medida em que a citação em discurso indireto não tem mais autonomia enunciativa, ela perde essa modalidade para se fundir na do discurso citante”. (Maingueneau,1996,p.109).

Com relação do discurso indireto livre, observa Maingueneau que este representou durante muito tempo um desafio à análise que se atinha ao nível gramatical, justamente porque:

“Encontramos [...] aí misturados, elementos que geralmente consideramos disjuntos: a dissociação dos dois atos de enunciação, característica do discurso direto, e a perda de autonomia dos embreantes do discurso citado, característica do discurso citado” (Maingueneau,1996,p.116).

Por não trazer marcas lingüísticas específicas para esta forma de citação, o autor ressalta que:

(...) o discurso indireto livre apresenta feições diversas, oscilando entre pólos extremos que são, de um lado, o discurso desprovido de marcas de subjetividade do locutor citado e do outro, um discurso próximo ao discurso direto, no qual a voz da personagem [enunciadora] domina sobejamente a do narrador [locutor]. (Maingueneau, 1996, p. 121).

À análise que pretendemos, além da pressuposta ocorrência de intertextualidade explícita, comum ao gênero jornalístico, de modo geral, vislumbramos uma maior aplicabilidade do elenco de índices de polifonia, apresentado pelas autoras, com base em Ducrot, pelos qual nos propomos a identificar como e de onde falam as vozes enunciadoras dos/nos telejornais e, concomitantemente, de que modo dialogam entre si, enquanto estabelecem, também, um diálogo com o público telespectador, considerando a tal superposição dos contextos interativos, mencionada anteriormente.

São eles: o uso da negação, a presença dos marcadores de pressuposição e de determinados operadores argumentativos, a utilização do verbo no futuro do pretérito com valor de metáfora temporal, uso de operadores concessivos, conclusivos, aspas e expressões do tipo “parece que”, “segundo X”, “dizem que”, “(...) em que se toma o enunciado - dito ou que poderia ter sido dito por E1-como premissa para uma conclusão a que se pretende levar o interlocutor” (Koch *et al*, 2007, p. 80-83).

Ressaltamos que, no caso do exemplo “segundo X”, não entendemos que este marcador polifônico seja usado, por quem cita, mediante a suposição do pensamento do falante reportado, ainda mais se este vier sucedido por uma citação direta, o que caracteriza uma intertextualidade explícita, conforme já visto com base nas próprias autoras citadas.

Ainda a propósito do alcance da teoria enunciativa, embora reconheça que “foram os estudos de Ducrot que introduziram, de modo efetivo e sistemático, o princípio dialógico de Bakhtin no corpo das reflexões lingüísticas atuais”, para as quais o *dialogismo* é tomado como princípio constitutivo da linguagem, Barros

(1994, p. 05) faz uma ressalva quanto ao entendimento do autor sobre as relações entre discurso e história.

É importante ressaltar a implicação que há no fato desta discussão ser levantada por uma autora que *fala do lugar* da análise do discurso, ainda que se trate de campo interdisciplinar. Nesta perspectiva, entende-se a pertinência da observação de Barros, ao considerar que a filiação de Ducrot a Bakhtin distancia-se no aspecto desta relação acima citada entre discurso e histórica.

Não se pode dizer que Ducrot exclua a noção de história, mas sim que a recupera muito indiretamente, através, sobretudo do conceito aristotélico de *topos*. O *topos* é o princípio comum, a crença da coletividade (Barros, 1994, p. 5).

A este respeito, Guimarães (1995) retoma, do ponto de vista da semântica histórica da enunciação, os motivos pelos quais, para Ducrot, as determinações sociais não são consideradas.

A perspectiva enunciativa, o enunciador, é uma figura de sujeito que não se dá como quem fala, mas simplesmente como um lugar do qual se fala, se enuncia. Esta é a questão mais importante para a polifonia, segundo Ducrot [...] (Guimarães, 1995, p. 61).

Seguindo esta linha de pensamento, o autor explica que

A importância da consideração dos enunciadores é crucial, pois são os enunciadores que marcarão a mobilização dos *topoi* na argumentação. A perspectiva enunciativa é que convoca os *topos*, de tal modo que uma mesma forma pode convocar *topoi* diferentes, segundo as perspectivas constituídas na enunciação de um enunciado (Guimarães, 1995, p.61).

Para Guimarães, de certa forma, a polifonia em Ducrot é *desentranhada* do contexto da sua construção:

Esta posição de Ducrot nos coloca no campo da multiplicidade das posições de sujeito a partir de uma concepção de sentido em que a enunciação do enunciado esgota a representação de seu sentido. E

isto se dá pela consideração da enunciação enquanto acontecimento no qual não estão consideradas as determinações históricas, já que a caracterização deste acontecimento enquanto histórico diz respeito somente à temporalidade, ou seja, a cada momento tem-se outro acontecimento. (Guimarães, 1995, p. 61).

A esse respeito, Brandão (2004) apresenta um contra-argumento pertinente. Propondo-se a abordar um percurso teórico desde a teoria subjetivista da teoria da enunciação até a teoria não-subjetivista da análise do discurso, a autora buscou verificar justamente como a questão “do histórico” se inseria na questão do lingüístico, e de que modo acarretaria perspectivas discursivas diferentes.

A observação nos mostrou que enquanto a questão do histórico e do ideológico não é uma preocupação que se coloca, o sujeito (tal como proposto por Benveniste, por exemplo) está centrado na dominância de um EU marcado pela unicidade, pela idéia de fonte absoluta de sentido. *À medida que passa a se incorporar a relação locutor-ouvinte, numa perspectiva dialógica, como elemento fundamental no processo de significação, entra para o âmbito dos estudos lingüísticos a preocupação com o social, com as condições de produção* (Brandão, 2004, 86).

E, conseqüentemente, conforme alega Brandão,

essa preocupação com o Outro introduz *necessariamente* o conceito de história e o de ideologia que vêm deslocar o conceito de sujeito. Este perde o seu centro e passa a se caracterizar pela dispersão, por um discurso heterogêneo que incorpora e assume diferentes vozes (Brandão, 2004, p. 04).

Antes de prosseguirmos sobre este procedimento da incorporação das diferentes vozes, recorreremos a Bakhtin para esclarecer o modo pelo qual se estabelecem as relações de sentido nos níveis lingüístico e metalingüístico.

As relações de sentido, dentro de um enunciado (ainda que fosse potencialmente infinito, como no sistema da ciência, por exemplo) são de ordem factual-lógica (no sentido lato do termo), ao passo que as relações do sentido entre enunciados distintos são de ordem

dialógica (ou, pelo menos, têm um matiz dialógico) (Bakhtin, 1997, p.342).

Uma ressalva importante, feita pelo citado autor, mostra-se bastante pertinente à especificidade do *corpus* de telejornais, a ser adiante analisado, constituído por diversas vozes, oriundas de diferentes contextos interativos, por vezes sobrepostos.

Não obstante, a relação dialógica não coincide de modo algum com a relação existente entre as réplicas de um diálogo real, por ser mais extensa, [em alguns casos mais breves] mais variada e mais complexa. Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante uma confrontação do sentido, desde que haja alguma convergência do sentido (ainda que seja algo insignificante em comum no tema, no ponto de vista, etc) (Bakhtin, 1997, p. 354).

Conforme explicaremos na descrição prévia à análise dos dados, os recursos técnicos utilizados pela mídia televisiva, no contexto dos telejornais, interferem no tipo de ocorrência do dialogismo, tanto no nível polifônico, quanto, mais especificamente, no intertextual.

Retomando Bakhtin, quanto à questão das confrontações e das convergências, endossamos o seu alerta sobre o risco da adoção estreita do conceito de dialogismo tomado apenas “como discussão, polêmica ou paródia”, consideradas pelo autor tão visíveis quanto rudimentares.

O crédito concedido à palavra do outro, a acolhida fervorosa dada à palavra sacra (de autoridade), a iniciação, a busca do sentido profundo, a *concordância*, com suas infinitas graduações e matizes (sem restrições de ordem lógica ou reticências de ordem puramente factual), a estratificação de um sentido que se sobrepõe a outro sentido, de uma voz que se sobrepõe a outra voz, o fortalecimento pela fusão (mas não a identificação) a compreensão que completa, que ultrapassa os limites da coisa compreendida (Bakhtin, 1997, p. 350).

Tendo como referência o arcabouço do citado autor, mediante a análise do modo pelo qual as vozes divergentes ou convergentes são enunciadas, importa-nos discutir como situar cada um dos gêneros de telejornal a serem analisados; se monofônicos ou polifônicos.

Machado (2000), a quem recorremos para identificar o telejornal como gênero televisual, nos demonstra uma visão inconsistente quanto à polifonia perceptível neste objeto de investigação. Ora parece conceber alguns dos conceitos já abordados, como por exemplo, o da manifestação de mais de um enunciador no mesmo locutor, ora refere-se às vozes, de forma genérica, para mencionar os diversos sujeitos falantes em enunciados distintos.

No telejornal, a voz relatora permanece sempre atada a um corpo, corpo este submetido, como os demais ao seu redor, às leis do espaço físico onde ele está situado. O fato de todas essas vozes terem um nome (os repórteres são sempre identificados no telejornal) é também bastante significativo para a individualização do relato, ou mais exatamente, para uma identificação de um relato com um sujeito enunciador (Machado, 2000, p. 105-106)

Sob pretexto de discutir o fenômeno da personificação, no sentido de “culto à personalidade” e “estrelismos” típicos da TV comercial, o citado autor perde-se em questões tangenciais, transparecendo crer numa relação simplificada de equivalência entre locutor e enunciador, cujos papéis são condensados, como se quem relatasse fosse necessariamente o “sujeito enunciador” do que é dito.

Hoje, na maioria dos telejornais, a notícia vem quase sempre personalizada, *através de legendas* que especificam quem fala, qual a sua função no telejornal ou no evento (“Correspondente em Londres”, “Governador da Califórnia”, etc.) e às vezes também *o lugar de onde se fala* [aqui entendido em termos geográficos e não enunciativos]. Em geral, a identificação integral é reservada a personalidades e ao staff da própria emissora ou rede, enquanto a gente do povo conta apenas com uma identificação genérica (“testemunha”, “parente da vítima”, “grevista”, manifestante”, etc.) (Machado, 2000, p. 110, grifo nosso).

Assim prossegue o autor, reconhecendo nas vozes, em termos literais, apenas as figuras dos seus ditos respectivos sujeitos falantes:

Dessa forma, o antigo modelo de telejornal, derivado da prática radiofônica e apoiado basicamente num locutor que lê um script, foi sendo substituído aos poucos pelo modelo que tem hoje na CNN o seu melhor representante, onde a tarefa de construir o noticiário do dia é repartida entre os vários sujeitos falantes que povoam a tela. Ao ressaltar a intervenção dos repórteres e dos protagonistas como a de um grupo de pessoas que fala a respeito de coisas que viu, que sabe ou nas quais está envolvido, o telejornal acaba por transformar a apresentação pessoal no próprio modo de constituição de sua estrutura significante (Machado, 2000, p. 111).

Ao observar que “nos casos mais fortemente personalizados, o apresentador não é somente um âncora, mas costuma acumular também os cargos de chefe de reportagem, diretor geral e produtor”, Machado (2000, p.107) deixa passar despercebido no que esta contingência administrativa de empresas telejornalísticas pode afetar o modo pelo qual a notícia é produzida em um telejornal.

Em outras palavras, se o apresentador (em termos técnicos do jornalismo) condensa tantas funções, tanto mais *enunciadores* falarão por meio *deste locutor* (grifo para os termos enunciativos), ou seja, várias vozes podem estar representadas em uma (aparente) única voz.

Entendendo o telejornal como *polifonia de vozes*, nos termos em que foi exposto acima, Machado prossegue na análise dos telejornais, tentando identificar os seus respectivos modelos, se monofônicos ou polifônicos, condicionando tais características ao modo pelo qual é estabelecida a hierarquia entre as diversas vozes.

Se o âncora tem poderes de decidir sobre as vozes que entram e saem, portanto de delegar voz aos outros, se ele permanece fonte principal de organização dos enunciados, estamos diante de um telejornal de modelo centralizado e opinativo [implicitamente associado ao monofônico]. Caso contrário, ou seja, quando o apresentador aparece como uma voz que expressa opinião mais

esparsa ou mais difusa de um corpo de redatores, quando o staff parece ter o mesmo peso e a mesma importância que ele na condução do relato, então estamos diante do telejornal do modelo *polifônico* (Machado, 2000, p. 108).

Exatamente no que diz respeito à aplicação de tal dispositivo teórico, Tezza pontua criticamente que

[...] algum animismo teórico parece colocar vida nos termos “dialógico” e “monológico” e declara que o primeiro é superior ao segundo, não por definição literária, mas por valor social - o que é dialógico é democrático, portanto intrinsecamente superior ao que é monológico, autoritário e centralizador (Tezza, 2003, p. 233).

Retomando o contexto literário, fonte inspiradora de Bakhtin, Bezerra entende que “...no monologismo o autor concentra em si mesmo todo o processo de criação, é o único centro irradiador da consciência, das vozes, imagens e pontos de vista...” por ele “coisificadas” (Bezerra *apud* Brait, 2005, p.192). Segundo o citado autor, neste modelo predomina o que ele chama de “uma forma invariante”:

As personagens são objeto do discurso do autor, que as vê como sujeitos, como consciências capazes de falar e responder por si mesmas, mas não como coisas, como matéria muda que se esgota e se imobiliza no acabamento definitivo que ele lhe dá (Bezerra *apud* Brait, 2005, p. 192).

Resta saber se podemos acatar a transposição de tais categorias do contexto literário para o jornalístico, como fez Machado, referindo-nos ao gênero literário, de acordo com Bezerra “[...] a passagem do monologismo para ao dialogismo, que tem na polifonia sua forma suprema, equivale à libertação do indivíduo, que de escravo mudo da consciência do autor se torna sujeito de sua própria consciência” (Bezerra, 2003, p. 193).

No estabelecimento desta analogia, o intrigante é saber como mensurar a “autoconsciência da personagem”⁴⁵ [no caso, os entrevistados dos noticiários televisivos], principal fator distintivo de tal modelo. Assim como questionamos, no capítulo anterior, em que medida poderíamos entender o jornalismo como gênero secundário (por ser uma comunicação cultural, que incorpora gêneros primários, tais como a conversa cotidiana, conforme Bakhtin) ou terciário (híbrido como propõe Bonini, argumentando acerca da comunidade discursiva), ponderamos aqui – correlatamente- se tal modelo presta-se à análise dos telejornais.

Afora a questão, acima levantada, quanto à dificuldade de asseverar a autoconsciência das personagens no modelo polifônico, endossamos outro argumento correlato apresentado por Tezza, quanto ao caráter impositivo de uma obra de arte, dada sua semelhança com o processo de produção da notícia em um telejornal.

Na concepção do autor “uma obra de arte é, necessariamente, um objeto centralizador finalizado, a afirmação concreta de um centro de valor espacial e temporal, não um ideário solto e sem eixo, “aberto” à qualquer coisa, um “fato à solta” (Tezza, 2003, p. 233). Analogamente, mesmo assumindo que o telejornal tem um caráter dialógico, manifestado tanto em termos intertextuais quanto em termos polifônicos, não podemos deixar de reconhecer o seu caráter, se não centralizador, no mínimo impositivo.

A sistemática de elaboração e aprovação das pautas, que definem os assuntos a serem noticiados diariamente, é um bom exemplo. Seja qual for o modelo da televisão, público ou privado, por mais que os telejornais de veiculação nacional tentem, por exemplo, ter locutores e enunciadore de vários segmentos sociais e das diversas regiões geográficas do país, devido a questões político-culturais e também delimitações da infra-estrutura técnica, a diversidade das

⁴⁵ Considerando o gênero multimodal (audiovisual) no seu conjunto, é mais provável a ocorrência da autoconsciência em documentários elaborados na linha da comunicação comunitária, que adota a perspectiva de educação popular de Paulo Freire, bem como, a metodologia de roteirização, baseada na pesquisa-participante, numa espécie de co-autoria..

vozes do Brasil não é suficientemente contemplada. Soma-se a esta constatação um fator coadjuvante, que acentua tal disparidade, lembrado por Arnt (1991) quando se refere ao critério adotado pelas televisões para definir a origem geopolítica das notícias:

Emissoras com linhas políticas estritas podem compensar o desgaste de noticiários nacionais censurados com tolerância maior na cobertura dos acontecimentos internacionais. Por isso, censuram-se greves em São Paulo e veiculam-se greves na Itália (Arnt,1991,p.175).

Adiante discorreremos sobre tais questões abordando alguns procedimentos técnicos da produção de um telejornal que traduzem a sua postura diretiva, bem como os recursos dos quais uma emissora de televisão dispõe para descontextualizar os fatos e retextualizar discursos em outro contexto.

Buscaremos elucidar determinados procedimentos adotados no contexto das condições de produção da notícia⁴⁶, que podem auxiliar na análise que desenvolveremos, no próximo capítulo, sobre os mecanismos textuais-discursivos, por meio dos quais os produtores da notícia modelam os fatos.

Consideremos então, como ponto de partida à análise - o próprio processo de construção da notícia, pelo qual o fato é *descontextualizado* da sua origem, isto é, das coordenadas de tempo e espaço em que aconteceu e *recontextualizado*, durante a realização e, posterior, veiculação da reportagem.⁴⁷ Como diz Arnt (1991,p.170), ao se referir à decolagem econômica do Ocidente capitalista: “A imprensa impõe, à desordem do mundo, a ordem do jornal”.

⁴⁶ Entendemos este conceito, conforme Dijk (1992), como discurso, cuja unidade de análise (texto) apresenta- de modo geral - uma estrutura narrativa, a despeito do que defende Lage, para quem esta perspectiva é vista como uma fantasia corrente. O citado autor concebe as notícias, na sua estrutura global, como textos expositivos. “...grande número delas não conta história alguma: resume ou reproduz, em forma própria, outros textos, sejam eles leis, relatórios, discursos ou entrevistas”. (LAGE, 2005,p.78). Não cabe aqui, discorreremos sobre a pressuposta associação feita, pelo autor, entre narrativa e história, nem aprofundar na limitada concepção do que venha a ser discurso, apontado equivocadamente como um tipo de texto.

⁴⁷ Esta questão foi indireta e inicialmente tratada, em 1.2, na abordagem dos contextos interativos.

Para compreender as condições de produção dos telejornais, devemos situar as três principais etapas do telejornalismo, que são: a *produção*, a *gravação* e a *edição*.

A primeira é responsável por fazer um levantamento junto às diversas fontes de informação e estabelecer, em forma de pauta jornalística, os assuntos cujas relevâncias sociais justifiquem a cobertura da mídia televisiva, sugerindo o enfoque da abordagem, bem como as fontes (pessoas e/ou instituições) a serem entrevistadas.

Na segunda etapa, inicia-se- propriamente- a elaboração da notícia. Os repórteres vão às ruas, checam as informações prévias, acrescentam dados, realizam entrevistas e elaboram textos explicando o assunto em questão. Entre estes textos, alguns são gravados no local, em forma de *abertura* da matéria, *passagem* ou ainda *encerramento*⁴⁸ e trazem, por esta razão, imagem e áudio já sintonizados; outros são gravados apenas no canal de áudio – identificados como *offs*⁴⁹- para serem sintonizados, posteriormente, às imagens previamente captadas.

Por fim, diante do chamado *material bruto*⁵⁰, os editores de imagem e de texto têm a função de estabelecer o formato final da reportagem. Na abordagem eminentemente técnica dos manuais de telejornalismo, cabe a estes profissionais, que trabalham na chamada “ilha de edição”, selecionar e reordenar o material, sintonizando os textos às imagens captadas durante a gravação da reportagem.

Na verdade, os editores (de texto e de imagem) são os principais responsáveis pela recontextualização dos fatos. Uma questão bastante relevante

⁴⁸ Segundo os manuais de telejornalismo, todos referem-se ao momento da entrada do repórter, que pode ser no início da reportagem, no meio- estabelecendo uma ligação entre duas partes- ou no final, encerrando-a.

⁴⁹ Utilizando-nos ainda com base no glossário da área; *off* é o texto coberto por imagens, assim identificado quando aparece dentro de uma reportagem. Ao vir como parte isolada é entendido como nota coberta (NC).

⁵⁰ Nome atribuído, pelos manuais de telejornalismo e profissionais da área, à íntegra do material gravado, a ser resumido quantitativa e qualitativamente durante o processo de edição. Em outras palavras constitui-se de tudo que foi captado, nas gravações externas, em forma de áudio (a fala dos entrevistados, o texto dos repórteres, o som ambiente, etc.), assim como em forma de imagem (as chamadas tomadas ou takes, com cenas de rua e imagens das pessoas e/ou lugares relacionados ao fato).

a ser ressaltada é que cada uma das partes (imagens de apoio, textos de off's, as falas das sonoras, os textos de passagens, etc.), tomadas isoladamente, tem um determinado sentido que, inevitavelmente, será alterado ou ressignificado, pelo processo de edição que as inter-relaciona para finalização da reportagem a ser editada.

Isto significa dizer que o trabalho dos editores implica não só nas suas próprias interpretações diante daquele fato, que lhes chega já pré-definido, a ser ainda finalizado no formato final, no ambiente interno das emissoras, mas na interpretação da interpretação dada pelos repórteres, responsáveis pela captação do material bruto nas chamadas (gravações) externas. Consideremos ainda a inexorável interferência (seja explícita ou assimilada) das delimitações da linha editorial, da empresa de comunicação, que incidem em todas as etapas deste processo.

Conseqüentemente sempre ocorrerá uma confirmação ou quebra de expectativa quanto ao sentido constituído no final de uma edição, considerando-se a perspectiva de cada uma das pessoas envolvidas com o material produzido, sejam elas profissionais da área, fontes entrevistadas ou, ainda, telespectadores. Ou seja, assim como nem sempre o repórter mantém a expectativa do sentido pretendido pelo pauteiro, o mesmo pode ocorrer entre os editores e os repórteres, sobretudo quando não atuam conjuntamente na edição dos VTs.⁵¹

Devemos ressaltar, no entanto, que embora o poder de *ressignificar* e a sua conseqüente responsabilidade sejam mais atribuídos aos editores, estes definem um formato final mediante um objeto que foi pensado e desenvolvido coletivamente, desde as etapas anteriores de produção e gravação, ainda que consideremos o conhecimento prévio do editor-chefe, sempre presente na reunião

⁵¹ Ainda segundo os manuais de telejornalismo; VT (literalmente videotape) é o nome dado às reportagens e /ou notas cobertas, ambos editados e, posteriormente, veiculados pela sinalização "Roda VT".

de pauta, responsável por esboçar o chamado *pré-espelho*⁵² do telejornal, no qual constam os assuntos a serem cobertos naquela edição.

Nessa perspectiva, podemos ilustrar a interferência de um simples recurso técnico, absolutamente habitual e disponível ao repórter, mas que, dependendo do modo pelo qual for usado, influencia sorrateiramente construção do sentido.

Sob o pretexto de introduzir o assunto da entrevista e apresentar o entrevistado ao telespectador, antes de lhe “passar a palavra”, o repórter pode usar o recurso da citação indireta, antecipando, assim, parte do depoimento, cujo significado poderia ser outro, se narrado pela fonte entrevistada, que foi escolhida, inclusive, pelos próprios jornalistas para falar a respeito do tema em questão.

Para isto basta apenas gravar uma abertura, enquadrando em cena repórter e entrevistado, no início da entrevista ou ainda recorrer à gravação prévia de algumas imagens de apoio, da conversa informal com o entrevistado, que cobrirão o texto do *off*, cuja “deixa”, fornecerá um gancho para o início da *sonora* (entrevista).

Quando ao adotar tal postura o repórter infringe alguma das máximas de Grice, a da quantidade, por exemplo, e, na seqüência da gravação, emenda sua intervenção com uma pergunta fechada, a pessoa entrevistada não tem mais sobre o que discorrer, restando-lhe apenas a possibilidade de negar ou afirmar. Aos olhos do telespectador, ela terá no máximo a chance de repetir, com suas próprias palavras, o que o repórter antecipou.

Para quem não tiver senso crítico e/ou conhecimento das técnicas de gravação e edição, pode parecer que a pessoa entrevistada não tem opinião própria, a ponto de apenas repetir a fala do repórter. Mais significativo que isto é a

⁵² Seguindo tal referência; o termo refere-se ao roteiro prévio de todos os temas pré-determinados à cobertura jornalística na reunião de pauta. Trata-se, portanto da versão inicial do telejornal, cujo formato definitivo (espelho) configura-se à medida que os VTs (notas cobertas e reportagens) são editados.

conseqüente desautorização ou descaracterização do discurso da fonte de informação, selecionada pela própria emissora de tv.

Afora o recurso de uso do *off* na edição de uma entrevista, outros procedimentos similares da sua utilização podem ter uma implicação ainda maior. Mediante o uso da técnica de *background* (BG), a voz do repórter, gravada em um dos canais de áudio, pode cobrir o som do ambiente em que se deu a gravação, cujos sons de origens, sejam eles de apresentações musicais ou de manifestações políticas, são abaixados.

O efeito deste recurso, usado freqüentemente na tradução simultânea de entrevistados estrangeiros, pode variar significativamente quando utilizado em procedimentos que rebaixam (neste caso; literalmente) a participação do entrevistado, em ocasiões em que não se pretende ou não se pode “dar a voz” aos protagonistas da ação⁵³.

Feitas estas considerações, dentro da complexidade do funcionamento do telejornalismo, não podemos deixar de mencionar a relação que há entre cada uma das etapas de produção, visto que determinados procedimentos podem ser estabelecidos desde a fase da gravação, porém só serão confirmados ou eliminados na edição, no momento em que obtiverem a formatação final.

Isto quer dizer, por exemplo, que um editor (de texto ou de imagem) na edição de uma reportagem, não pode inserir uma *passagem* do repórter, cuja gravação não tenha sido feita anteriormente, é obvio, mas pode “editar uma pergunta”, iniciando a entrevista a partir do depoimento, sem inserir a participação do repórter no momento em que este indaga seu entrevistado.

Em contra-partida, o editor de texto, em função do privilégio e, ao mesmo tempo, da responsabilidade de estabelecer o formato final do material jornalístico, tem algumas prerrogativas. Eventualmente, pode -por exemplo-

⁵³ A cobertura das eleições das *Diretas Já*, pela Rede Globo, até hoje causa controvérsia. Alguns autores criticam o uso de tais recurso usados no lugar das entrevistas que não foram feitas com as lideranças presentes nos principais comícios com grandes mobilizações populares, enquanto no seu livro dedicado à Memória da Globo, os editores rebatem, contra-argumentando o contrário. Este é um exemplo emblemático.

solicitar a reelaboração de um texto de *off* do repórter ou, também, alterar o lugar de entrada de um texto que fora gravado, nas ruas, com a intenção de ser uma *passagem*, para que cumpra a função de encerramento no fechamento da reportagem.⁵⁴ Pode, ainda, vetar a aparição de um dos entrevistados ou simplesmente aproveitar melhor a fala de um que a do outro.⁵⁵

Mais do que isso, independentemente de critérios valorativos que levem à manipulação intencionada da informação, de toda forma o editor seleciona os enunciados (de cada um das partes a serem editadas), de modo a intervir na concatenação das idéias, reestruturando, entre outros aspectos, a coesão textual anteriormente estabelecida, assim como a construção de sentido, interferindo-deste modo- tanto na sua coerência interna, quanto externa, se considerarmos o modo pelo qual articula cada uma das partes às demais, que a antecedem e a sucedem. Isto em relação a uma reportagem. O mesmo vale para o conjunto de materiais editados numa única edição de um determinado telejornal que, habitualmente, veicula várias notas, notas cobertas, boletins e reportagens.

⁵⁴ Analisando as rotinas produtivas dos editores de texto no telejornalismo, Rereira Jr.(s/r) observa que, pressionados pelo fator tempo, os editores não têm como refazer o material na presença dos repórteres responsáveis, porque estes trabalham num moto-contínuo na busca de mais reportagens para que não falem notícias no telejornal. Abordando o contexto de produção de um TJ regional do Rio de Janeiro, Pereira Jr. acrescenta que a preocupação com o prazo de fechamento dos VT's demota certo constrangimento organizacional vivenciado pelos editores. Estes são pressionados a ocupar o tempo destinado ao telejornal, pois um espaço descoberto representaria a perda financeira de um anúncio a menos e, por outro lado, o estouro na duração prevista acarretaria em interferir no conjunto da programação, principalmente no intervalo comercial, cujos anúncios são previamente agendados e pagos.

⁵⁵ Outro caso igualmente polêmico da Rede Globo foi a edição do debate do 2º turno eleitoral, em 1989, entre os então candidatos Collor e Lula. O episódio constituiu-se também em objeto de estudo de dissertação de mestrado na PG de Linguística, da USP, sob a orientação do profº José Luiz Fiorin.

CAPÍTULO 3. APRESENTANDO A METODOLOGIA GERAL DA PESQUISA

3.1. Procedimentos gerais da pesquisa

Tendo como pressuposto a constatação de que a “pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência” (Ruiz, 1991, p. 48), e considerando os seus objetivos e, ainda, a abordagem teórico-metodológica adotada, este estudo utiliza a metodologia qualitativa, embora pontualmente recorra à quantificação de alguns dados.

Com base em Demo (1989), que reconhece, pelo menos, quatro tipos de pesquisas, a depender dos critérios adotados, bem como do objeto submetido à investigação; a teórica, dedicada a estudar teorias; a metodológica, que se ocupa dos modos de fazer ciência; a empírica, dedicada a codificar a face mensurável da realidade social; e a prática (pesquisa-ação ou participante), voltada para intervir na realidade social, identificamo-nos com a empírica, por termos um *corpus* formado pelo registro do uso dinâmico da linguagem, no gênero multimodal, do telejornalismo.

Aproximamo-nos da pesquisa de caráter explicativo pelo fato desta, além de registrar, analisar, classificar e interpretar os fenômenos estudados, ter por objetivo identificar os fatores determinantes da ocorrência dos fenômenos estudados.

Para a realização deste trabalho compusemos um corpus constituído por 10 edições de dois telejornais diários, veiculados no horário nobre⁵⁶ da

⁵⁶Segundo o Wikipedia, o horário nobre, ou *prime time* é considerado como o bloco de programação televisiva no meio da noite. O conceito de horário nobre é específico à programação televisiva em cada país. No Brasil, refere-se à programação exibida no período das 18:00 às 00h, no qual os anúncios veiculados têm maior evidência e, conseqüentemente, custo mais elevado. Ainda de acordo com esta enciclopédia virtual, esta faixa da programação é responsável por 80% do lucro total anual das redes de TV.

programação de duas emissoras da televisão aberta (generalista cf. Wolton, 1996; 2004), sendo cinco edições do Jornal Nacional (JN), da TV Globo, e cinco edições do telejornal Cultura Noite (CN), da TV Cultura, que representam - respectivamente - os segmentos privado e público dos modelos da televisão brasileira⁵⁷.

Em função do telejornal *Cultura Noite* não ser exibido aos sábados, para uniformizar o recorte do corpus, ambos os telejornais, este último e o Jornal Nacional, foram gravados no decorrer de uma semana, entre os dias da 2ª feira (07/05/07) e da 6ª feira (11/05/07), mais precisamente.

Ressaltamos que foi realizada a *decupagem*⁵⁸, tanto do material noticioso dos telejornais, quanto daquele relativo aos intervalos, nos quais são veiculados anúncios institucionais, propagandas e publicidades, propriamente ditas, no caso daquelas que apresentam nítida conotação comercial.

Apresentamos duas versões da visualização do nosso objeto do estudo. Na primeira, documentamos uma versão ampliada do chamado espelho⁵⁹ de cada telejornal, com a transcrição, na íntegra, do material jornalístico, gravado e veiculado ao vivo, assim como daquele pré-gravado e editado antes da sua veiculação.

No que diz respeito aos parâmetros metodológicos, em função da especificidade dos corpus, propomos uma adaptação das normas do NURC às indicações dos manuais de telejornalismo, principalmente no preenchimento do

⁵⁷ O sistema de radiodifusão brasileiro compreende os três modelos, privado, público e estatal. No caso específico do nosso corpus, ambas as televisões atuam como *cabeça de rede*. Conforme esclarece Scorsim (2007), a Rede Nacional de Televisão constitui-se de um conjunto de estações geradoras, que integram sistemas de retransmissão de televisão (com emissoras filiadas, pertencentes ao mesmo grupo empresarial, e afiliadas, quando têm outra razão social), em âmbito nacional, veiculando a mesma programação básica, à exceção do material exibido nos intervalos comerciais.

⁵⁸ Termo oriundo o idioma francês, que indicava corte, adotado para referir-se a uma transcrição mais seletiva.

⁵⁹ No jargão do telejornalismo, o “espelho” mostra o material veiculado em cada edição. Estes roteiros reproduzem, na íntegra, somente os textos previamente escritos pelos editores e lidos ao vivo pelos editores, que acumulam a função de apresentadores do telejornal. As entradas ao vivo de repórteres são apenas sinalizadas. O texto narrado nas entradas ao vivo (seja originalmente escrito para ser lido ou diretamente falado), por ser veiculado “em tempo real”, não é transcrito. O mesmo tratamento é dado ao conjunto do material previamente editado; as notas cobertas e as reportagens. Estas últimas têm a entrada indicada pela expressão “Roda VT” e o término demarcado por uma “deixa”, que transcreve as últimas palavras pronunciadas pelo repórter ou por algum entrevistado ou simplesmente sinaliza o chamado “fade” de áudio.

modelo de lauda usado no noticiário televisivo, com a marcação das indicações técnicas de forma de entrada da notícia, uso de BG e atribuição de GC.

Ressaltamos que a adoção das normas padronizadas pelo NURC⁶⁰ teve por objetivo principal orientar a transcrição dos trechos relativos às falas dos entrevistados. Além disto, possibilitou a retextualização da linguagem original - audiovisual- para a modalidade escrita da língua, contemplando as especificidades da oralidade, conforme em anexo⁶¹.

Segue, adiante, a explicação mais detalhada acerca das alterações procedidas, nas indicações oriundas tanto do NURC quanto dos manuais de telejornalismo, para melhor compreensão do referido trabalho.

Observações:

a. Foram desconsideradas algumas das normas de transcrição relacionadas as indicações de ordem supra-segmental, por não serem estas de interesse para a presente pesquisa;

b. Nesse sentido também não foram destacados: tomadas de turno, superposição de falas ou truncamentos;

c. Em respeito às referidas normas não foram utilizados os sinais da língua escrita que indicam algum tipo de pontuação: vírgula, ponto e vírgula, ponto e dois pontos; estes foram substituídos pela marcação adotada no telejornalismo que usa o sinal de barra no lugar da vírgula e o de duas barras no lugar do ponto final.

⁶⁰ Projeto de Estudos da Norma Lingüística Culta, em anexo I. Cf. Castilho, A. T.; Preti, D. (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: Fapesp, 1986, Vol I – Elocuções Formais.

⁶¹ É necessário esclarecer que alguns dos textos veiculados no TJ foram originalmente produzidos na modalidade escrita da língua. Porém, uma vez transmitidos pela TV são registrados em forma de áudio, ou seja, chegam ao telespectador como se todos fossem genuinamente falados. Ressaltamos, assim, que o material final, a ser veiculado, reúne tanto as "falas", propriamente ditas, quanto as intervenções previamente escritas e lidas pelos locutores, com ou sem o auxílio do teleprompter, que projeta o texto na tela das câmeras do estúdio, durante a apresentação do telejornal.

d. Foi preservada a marcação das expressões fáticas e das interrogações por serem consideradas relevantes para compreensão dos enunciados, mesmo que estas não se constituam no objeto específico ou prioritário da investigação;

e. Foi adotado o registro das exclamações, embora o mesmo não seja recomendado nas normas de transcrição.

f. O uso de letra maiúscula, reservado pelas normas do Nurc apenas aos nomes próprios e de lugar, foi ampliado ao corpo dos textos narrados ao vivo, dos textos narrados pelo repórter em *offs* e das *passagens* para preservar uma das características dos scripts de telejornais. Adotou-se o uso da letra minúscula somente em parte da reprodução do material editado, especificamente no que diz respeito às chamadas sonoras (entrevistas) gravadas originalmente na modalidade da fala. É interessante ressaltar que, no contexto da sua veiculação, os espelhos dos telejornais trazem, na íntegra, somente os textos a serem lidos ao vivo. Já o material pré-editado (notas e reportagens) tem apenas sinalizado o momento da sua exibição (com a indicação “roda VT”) e o do seu término, por meio do registro da chamada deixa, ou seja, da menção às últimas palavras proferidas no seu encerramento.

g. Adotamos o modelo tradicional da lauda de TV, dividida em colunas, destacando o áudio (som musical ou ambiente, texto escrito ou oral) à direita e reservando a imagem à margem esquerda. Na coluna do meio, registramos a marcação técnica da forma de entrada do material; se ao vivo (**V**); quando se trata de uma nota simples (**NS**) ou um texto de abertura da reportagem a ser chamada e, ainda, as chamadas de bloco (**Ch de bl**) ou se previamente editado; nota coberta (**NC**) ou reportagem em videotape (**VT**).

Na segunda versão dos espelhos, elaboramos uma síntese, que funciona como uma espécie de folha de rosto dos dois telejornais, na qual identificamos super-tópicos e alguns tópicos discursivos⁶². Tal procedimento auxiliou a análise comparativa destes telejornais, por ter destacado as recorrências tópicas que evidenciam uma das categorias de análise deste trabalho, a *intertextualidade temática*. Com relação à categoria *polifonia*, acreditamos que somente manuseio da transcrição integral permite observar a presença do locutor e dos enunciadores, segundo a teoria polifônica da enunciação (Ducrot) e suas respectivas vozes sociais (Blommaert), na análise pretendida, a ser desenvolvida no próximo capítulo.

Nestes painéis contrastivos, marcamos também a forma de entrada e veiculação das notícias, indicando, por exemplo, quando se trata de uma nota simples, coberta ou reportagem e, também se foi ao vivo ou previamente editada.

3.2. Caracterizando o objeto (os telejornais JN e CN) e delimitando a amostra

Deste modo, partimos do pressuposto de que a observação da recorrência a determinados super tópicos e, possivelmente, a ocorrência da polifonia, via o procedimento de citação, em ambas as emissoras, relacionam-se a um contexto mais amplo, no qual incidem o modelo de gestão das televisões, como também a linha editorial adotada por cada uma delas.

Para entender melhor como tais fenômenos ocorrem nos telejornais, discorreremos sobre a forma pela qual o noticiário é concebido, bem como, estruturado. De acordo com Duarte, “os telejornais são um *tipo* especial de noticiário: *sua substância de conteúdo* são informações sobre acontecimentos políticos, sociais, culturais, administrativos e outros, cujo âmbito pode ser local,

⁶² As noções de tópico discursivo e os modelos de organização tópica de um determinado texto serão abordadas no próximo capítulo.

nacional e mundial, selecionados como relevantes para a compreensão do cotidiano” (Duarte, 2004, p. 108). Apesar dos termos usados para tal definição, que implicam numa postura teórica diferente da que adotamos, a explicação elucida sobre do que se trata o nosso objeto de estudo.

Os telejornais costumam ser apresentados por dois apresentadores que desempenham, ainda, a função de editores do noticiário. Estruturam-se por cerca de quatro blocos, intercalados pelos intervalos dedicados aos anúncios. Cada um desses blocos contém diversas unidades integrantes. Estas unidades constituem-se nas notícias, em forma de notas (simples ou coberta), reportagens, boletins ao vivo (*links*), comentários, entrevistas de estúdio, previsão do tempo e ainda novos formatos, a exemplo, de quadros especiais.

Conforme observa a citada autora:

“ao dispor as diferentes notícias, os telejornais como um todo atendem a determinadas lógicas e estratégias: deixam por exemplo, para o final, aquelas mais instigantes, com vistas a manter a atenção dos telespectadores; apresentam chamadas com fragmentos do que vai ser exibido no próximo bloco; chamam reportagens em tempo real e simultâneo [...] trata-se de operações com efeito de sentido” (Duarte, 2004, p. 109).

Quanto às suas formas de estruturação, duas das diferenças, inicialmente mais perceptíveis, entre os dois telejornais objetos de estudo desta trabalho são: em primeiro lugar, o fato da entrevista de estúdio ocorrer apenas eventualmente, no caso da Rede Globo, enquanto que, na TV Cultura, este procedimento constitui-se numa prática corrente, o que, em princípio, demonstra uma abertura para o debate de idéias.

Em segundo lugar, há uma diferença em relação à estruturação da escalada⁶³, que se apresenta mais fragmentada na Globo, tendo, em alguns casos, a inserção de algumas tomadas de imagens relativas ao fato. Em contrapartida, o telejornal da Cultura, embora não use tais recursos, tem por

⁶³ Segundo glossário técnico do telejornalismo, refere-se ao conjunto das manchetes que constam nas aberturas dos telejornais, em função da presumível relevância do que noticiam, em relação às demais que não obtêm igual destaque.

característica repetir, no final da edição, uma síntese da escalada lida na abertura do noticiário.

Antes da análise propriamente dita, teceremos algumas considerações metodológicas sobre as implicações dos recortes sincrônico e diacrônico para apreciação do *corpus*.

A transcrição de cinco telejornais de cada uma das duas emissoras revelou uma significativa diversidade textual-discursiva tanto jornalística, desde notas, reportagens, comentários a entrevistas de estúdio, quanto publicitária, que abarca desde anúncios institucionais, apoio cultural, propaganda política até a publicidade comercial, com a oferta de venda de produtos ou prestação de serviços.

Dada a fragmentação temática perceptível *neste corpus*, no aspecto da continuidade na progressão tópica, notadamente, percebemos uma forte tendência à ordenação descontínua, conforme observa van Dijk (1992), característica do discurso da notícia.⁶⁴

Dentro desta tessitura/textura caleidoscópica, digamos assim, dispomos de uma gama de possibilidades para analisar a questão da intertextualidade e da polifonia. Numa tentativa⁶⁵ de recorte sincrônico, selecionamos uma unidade temática de análise, a saber, o evento paulistano *Virada cultural*, noticiado nos dois telejornais no dia 07/05/07.

Esta análise pretende observar o funcionamento da *intertextualidade temática* via *centração tópica* e via análise das imagens nos dois telejornais. Para tanto, não necessariamente estabelecemos um paralelo entre duas reportagens ou duas notas cobertas, porque em algumas situações cada emissora mobilizou

⁶⁴ Esta ordenação descontínua pode o motivo pelo qual Rittes (2000) refere-se à televisão como sendo uma *máquina de fazer doido*. De fato, tal tese é plausível, por exemplo, se pensarmos que dentro dos telejornais, em algumas reportagens, é feito um apelo à consciência crítica do cidadão quanto ao uso dos bens não renováveis e, na publicidade, por outro lado, a persuasão reforça o comportamento consumista. Mesmo considerando-se os diferentes modelos de TV em questão, percebe-se o risco à manutenção da coerência.

⁶⁵ Quando ressaltamos tratar-se de uma tentativa, referimo-nos ao fato de ocasionalmente tópicos discursivos recorrentes serem tratados em dias diferentes, o que inviabilizaria a comparação entre edições do mesmo dia. No caso de reportagens em série ou eventos que se desdobram durante a semana, a sequencialidade inerente da abordagem diacrônica é inevitável.

diferentes formatos jornalísticos (nos termos das características pelas quais reportagens ou notas cobertas são reconhecidas) sobre tópicos discursivos semelhantes. Assim procedendo, buscamos respeitar exatamente a heterogeneidade constitutiva dos gêneros, de modo geral, e dos telejornais, em específico, como mostrará a análise.

Já na adoção de um recorte diacrônico, a considerar que os telejornais são diários e que a menção a determinados fatos é recorrente, durante dias, semanas e, em alguns casos, até meses, devemos observar também, no que diz respeito à *intertextualidade*, de que modo cada emissora redimensionou os tópicos discursivos ao longo de algumas edições do seu telejornal. Foi selecionada a unidade temática *Visita do Papa*, relativa ao período de 09 a 11/05/07, nos dois telejornais. Nesse caso, consideramos o estabelecimento das relações de intertextualidade tanto entre as unidades temáticas dos telejornais de cada uma das duas emissoras, bem como entre as edições distintas de telejornais da mesma emissora, que somente nesta perspectiva são passíveis de observação.

A respeito da época escolhida, cabe-nos justificar o porque de termos selecionado uma semana marcada por um fato extraordinário, a visita do Papa Bento XVI. Sabemos que *eventos mediados* (Thompson, 1998) costumam interromper o chamado fluxo normal dos acontecimentos, em função do seu caráter de excepcionalidade, razão pela qual alguns autores oriundos da metodologia da pesquisa científica em ciências sociais aplicadas recomendam evitarmos tal recorte metodológico.

No entanto, não concordamos com as restrições acima mencionadas.

Em lugar de temer a coincidência na recorrência dos tópicos abordados em relação, principalmente, ao fato em maior evidência naquela semana, tínhamos o interesse de observar em que medida, em uma semana tão propensa à homogeneização, tais emissoras redimensionariam seus telejornais, redefinindo seus respectivos critérios de *centração tópica*, de acordo com suas missões e visões de jornalismo e de interesse público.

Com relação à cobertura da visita do Papa Bento XVI ao Brasil, vimos um elemento distintivo ainda mais relevante. Enquanto a TV Cultura dedicou as entrevistas de estúdio aos tópicos discursivos decorrentes do super-tópico 'religião', abordando diariamente os desafios da evangelização católica, o crescimento das igrejas pentecostais, a herança da Teologia da Libertação, e assim por diante⁶⁶, a TV Globo seguiu outro caminho.

Além de se dedicar mais às reportagens de rua, ampliando a cobertura da visita do Papa em todos os desdobramentos possíveis e imagináveis, a emissora inaugurou um quadro especial, intitulado "*Eu vou ver o Papa*", pelo qual mostrava diariamente o depoimento de uma pessoa que comentava sobre a expectativa e o significado daquele encontro. Apenas por meio deste exemplo inicial, já podemos perceber os contra-pontos relacionados aos respectivos modelos de televisão.

De um lado, uma emissora pública, educativa, cumpre seu papel de propiciar a reflexão sobre temas de relevância social, favorecendo a construção do conhecimento e a formação da consciência crítica; e de outro, a emissora privada, de caráter comercial, opta por evidenciar o tipo de interesse e o nível de esforço empreendido por pessoas que - em nome da fé - dispunham-se a viajar das mais diversas regiões do país para encontrar o Papa em São Paulo⁶⁷.

Assim sendo, a veiculação diária destes quadros, cuja abertura trazia uma representação gráfica do mapa do Brasil, no qual o Estado procedente da pessoa era destacado (literalmente) - por efeito de contraste na tonalidade da cor e ainda de relevo da figura - reforçava um espírito de romaria, no sentido de valorizar aqueles fiéis já decididos em ver o Papa e estimular os demais por meio daqueles exemplos.

⁶⁶ Com a exceção da 2ª feira, dia em que o Papa ainda não havia chegado, e a entrevista foi com o Coordenador do ambulatório de jogo patológico do Hospital das Clínicas da USP, o psiquiatra Dr. Hermano Tavares, que falou sobre o TOC - transtornos de pânico associados.

⁶⁷ A TV Globo iniciou a veiculação de tais quadros, no dia 10 de Abril de 2007, ou seja, com uma antecedência de quase um mês à vinda do Papa.

CAPÍTULO 4. ANÁLISE TEXTUAL-DISCURSIVA DOS TELEJORNAIS

4.1. Apresentando diferentes abordagens sobre categorias temáticas: os enfoques da comunicação social e da lingüística textual

A nosso ver, antes de iniciarmos as análises propriamente ditas, não podemos deixar de discutir brevemente o modo pelo qual Brandão (2002), um dos mais importantes estudiosos de questões semântico-discursivas no telejornalismo, classifica o que chama de categorias temáticas, no âmbito do noticiário jornalístico nacional. Em seguida, apresentaremos o critério com base no qual aproveitaremos, parcialmente, a proposta do autor, incorporando outra perspectiva de análise, fundamentada no conceito de tópico discursivo, basilar para o estudo da intertextualidade temática.

Em Brandão (2002), encontramos uma proposta de classificação das escaladas, baseada no estudo de Lopes (1999 apud Brandão, 2002,p 113), adotada pelo autor na análise do telejornal de um canal de televisão português, o RPT 1. Vejamos o quadro temático elaborado pelo autor:

	Categorias temáticas	Referentes...
1	Estado	Às atividades governamentais dentro e fora do país.
2	Partidos Políticos	Às atividades dos diferentes partidos em todos os níveis.
3	Autarquias	Às atividades desenvolvidas pelo poder político local
4	Assuntos militares e policiais	Às atividades voltadas à manutenção da ordem pública, por parte de civis e militares.
5	Sindicatos/associações profissionais	Às atividades de organização e mobilização destas entidades em relação às demais instituições sociais.
6	Greves e Protestos	às atividades protagonizadas

		por pessoa ou grupos organizados em protesto a determinada questão pública.
7	Problemas sociais	As questões decorrentes das áreas sociais em <i>déficit</i> : desemprego, fome, discriminações, pobreza, insegurança, drogas...
8	Tribunais	Aos assuntos relacionados com os encargos desta instituição; discussões, sentenças e julgamentos
9	Acidentes e Catástrofes	A casos insólitos de natureza diversa; humana (assassinatos, suicídios), histórica (guerras, conflitos) ou geográfica (inundações, terremotos, etc) .
10	Trânsito	A questões relativas ao tráfego e aos problemas de circulação dos veículos.
11	Festividades/ Solenidades	A todas as festas anuais; Natal, Reveillon, Carnaval...
12	Artes e Cultura	Ao leque de artes plásticas e literárias, lançamentos e fatos históricos
13	Emigração	Todos os assuntos relacionados aos emigrantes em Portugal
14	Desporto	Todos os assuntos relacionados aos esportes com atletas ou dirigentes portugueses; reuniões, provas.
15	Ambiente	Todos os acontecimentos que digam respeito à preservação do meio ambiente, sem incluir as ações governamentais.
16	Economia	Todos os assuntos relativos aos diferentes agentes económicos, exceto o Governo, incluso em Estado.
17	Educação	Todos os assuntos relativos aos diferentes ações pedagógicas, exceto o Governo, incluso em Estado.
18	Obras Públicas	Todos os acontecimentos relativos a construções e obras, exceto as do Governo, incluso em Estado.
19	Saúde e Ciência	Todas as ações desenvolvidas nesta área,

		pesquisas, eventos, exceto as do Governo
20	Tecnologia	Todos os acontecimentos que contribuem para o desenvolvimento tecnológico, exceto os do Governo.
21	Religião	Todos os acontecimentos sobre assuntos religiosos e ainda tomada de posição e/ou opinião por parte de personalidades ligadas a esta temática;
22	Auto-informação	Auto-promoção das atividades desenvolvidas pelas próprias emissoras de televisão.
23	Outros	Aqueles assuntos que não se enquadram nas outras categorias acima citadas.

No que diz respeito ao universo do noticiário internacional, poucas modificações são feitas por Brandão em relação às categorias anteriormente estabelecidas para análise da cobertura nacional dos telejornais. Determinados conceitos são resignificados, a exemplo de *tecnologia*, ao qual o citado autor aliou o de *missões espaciais*; enquanto outros surgiram ou foram redimensionados em função da amplitude da cobertura estrangeira; como foi o caso, respectivamente, da categoria *Solidariedade* e da *Política internacional*.

Considerando tais procedimentos, julgamos ambíguo o critério pelo qual as chamadas categorias temáticas foram definidas. Dentre outros problemas, porque ora relaciona-se apenas à área temática na qual o fato se circunscreve, ora ao tipo de atores sociais envolvidos, sejam eles instituições ou personalidades públicas. Em alguns casos os dois fatores coincidem.

Ainda com relação às adaptações à adoção de tais propostas, não consideraremos inicialmente a definição dos planos nacional e internacional nos moldes propostos por Brandão e Lopes, por julgarmos que o fator abrangência, que todo acontecimento abarca, não deva ser confundido com os aspectos acima

mencionados, tema e atores sociais envolvidos, porque são critérios de patamares diferentes. Em outras palavras, uma reportagem sobre protestos nas Eleições Presidenciais na França não deveria perder a conotação de manifestação política simplesmente por se circunscrever no âmbito da *política internacional*, tal como é definido pelos referidos autores, para se referirem a qualquer fato, seja de que natureza for o fenômeno, que aconteça em país estrangeiro.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, notícias sobre as medidas do Presidente Evo Morales acerca da nacionalização das refinarias de petróleo, por exemplo, tema bastante relacionado ao Governo brasileiro em função das atividades da Petrobrás naquele país, só deveriam ser taxadas de *política internacional*, se levado em conta tratar-se de alguma questão que envolva mais de uma nação e não que diga respeito apenas ao que nos é estrangeiro. Ainda assim, poderíamos questionar que, se considerado somente o aspecto da abrangência, este critério concorreria com o que se refere ao teor do acontecimento, o que nos levaria, então, a indagar, por que não situar tal fato em *Minas e Energia* ou *Políticas Públicas (econômica)*?

Assim como Brandão procedeu à revisão do arcabouço adotado por Lopes, fizemos algumas mudanças na definição das categorias que incidem na cobertura jornalística, por contingências da fundamentação na Lingüística Textual, para a qual os temas abordados no contexto jornalísticos não são identificados única e exclusivamente pelo seu teor e sim por sua centração tópica, que para Jubran *et al* (2006) abrange: a) a concernência, b) a relevância e c) a pontuação, cujos conceitos abordaremos, mais adiante, no procedimento da análise.

Quanto à centração, o estudo do Grupo [...] destaca fundamentalmente a referencialidade textual: o tópico é tomado no sentido geral de “acerca de” que se fala, isto é, “um conjunto de referentes explícitos ou passíveis de inferência concernentes entre si e em relevância em determinado ponto da mensagem (Jubran *et al*, 2006, p.35).

Marcuschi ressalta que “a noção funcional de tópico (equivalente ao tema), embora de cunho essencialmente semântico-pragmático, é de natureza

sintática e em certo sentido equivale ao sujeito do enunciado, por ser aquilo sobre o qual se fala” (Marcuschi, 2006, p. 08). Desconsiderando esta noção de tópico frasal, em razão da sua delimitação, o autor explica que adota o conceito de tópico discursivo,

[...] que designa macro-estrutura semânticas (tal como postulado por Van Dijk, 1977) ou o tema discursivo, aquilo sobre o que se está falando num discurso (tal como sugerido por Brown & Yule, 1983), não necessariamente considerando a frase. Para este tipo de tópico a unidade é o discurso e não a frase (Marcuschi, 2006, p. 09).

Seguindo ainda o pensamento de Marcuschi, é importante esclarecer que “a noção de tópico discursivo não elimina a frase, mas considera-a sempre relacionada tanto a aspectos cotextuais como contextuais” (Marcuschi, 2006, p. 09). Tal perspectiva vem a calhar com os postulados tanto de Bazerman, quanto de Hanks na abordagem da questão dos gêneros. Deste modo, não descartamos o duplo-critério tema & protagonistas (enunciadores), mas tentamos dissipar algumas superposições ou ambigüidade, com a elaboração da seguinte proposta:

	Super-tópicos	Referentes
1	Poder político (executivo)	As ações do Governo, políticas públicas ou parcerias publico-privado em projetos e obras
2	Poder político (legislativo) e partidos políticos	As ações relativas às Câmaras (federal e municipais), Senado e Assembléias (federal e estaduais) e partidos políticos.
3	Poder coercitivo	As ações de enquadramento legal ou repreensão por parte da Justiça ou da Polícia.
4	Poder simbólico	As funções educativas e culturais das instituições da mídia, de ensino e/ou do universo religioso.
5	Poder econômico	As ações da iniciativa privada, do mercado financeiro.

6	Terceiro 3º setor	Às ações da sociedade civil organizada: ongs, oscip's, fundações e autarquias.
7	Greves e Protestos	Às mobilizações coletivas pacíficas sobre questões sociais.
8	Vida Urbana	Aos problemas da cidade; trânsito, lixo, poluição...
9	Ciência e tecnologia	Às pesquisas científicas e inovações tecnológicas.
10	Artes e Cultura	Às manifestações de dança, música, teatro, cinema, literatura e artes plásticas.
11	Acidentes e Catástrofes	Aos fatos casuais com danos à vida humana ou ao meio ambiente. Casos trágicos; do interpessoal ao geo-político.
12	Esportes, Turismo e Lazer	Às atividades competitivas ou amistosas, roteiros turísticos e demais opções de lazer.
13	Comportamento	Aos hábitos, valores e estilos de vida de um grupo ou comunidade, em específico.
14	Curiosidade.	Aos assuntos genéricos, prosaicos e/ou inusitados.
15	Outros	Situações atípicas.

Com o intuito de retomar a fundamentação teórica, na qual nos basearemos para iniciar a análise dos telejornais no próximo capítulo, recorreremos a Rezende (2006) que expõe os aspectos consensuais e dissidentes de três abordagens sobre a noção de *tópico discursivo*.

Os quadros abaixo remetem a diferentes formas de organização hierárquica dos tópicos de um determinado gênero e/ou texto. Vejamos as propostas de Koch (1992) e Fávero (1993):

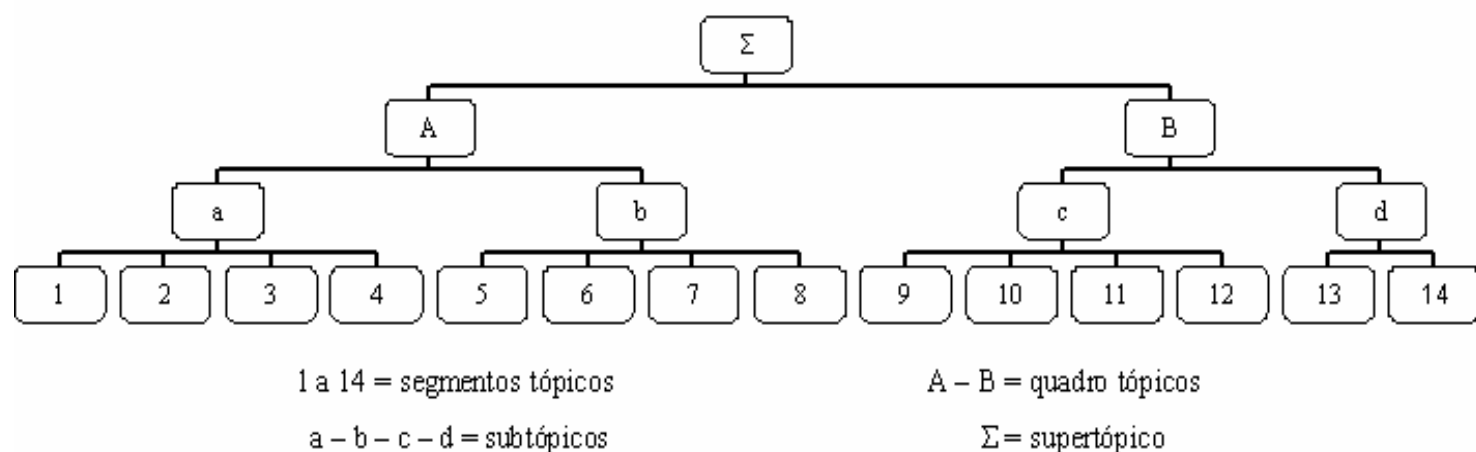


Figura 1- Koch (1992 *apud* Rezende, 2006, p.74)

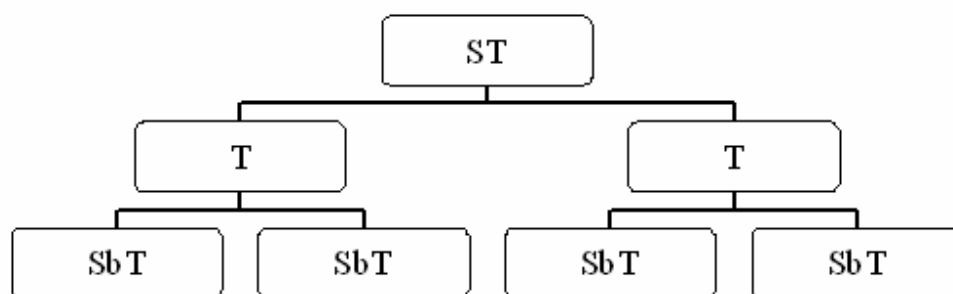


Figura 2- Fávero (1993 *apud* Rezende, 2006,p.74)

Em Fávero (1993 *apud* Rezende, 2006, p.74) teríamos uma noção de verticalidade mais impositiva ou hermética, cuja escala tópica varia de acordo com a maior ou menor abrangência do assunto, indo dos super-tópicos ao subtópicos, constituintes do quadro tópico, conceito mais abrangente desta proposta. Já em Koch (1992 *apud* Rezende, 2006, p.74), o conceito mais amplo é o de supertópico, ao qual - simultaneamente - mais de um quadro tópico pode estar relacionado.

Uma terceira proposta é a de Jubran *et al* (2002 *apud* Rezende, 2006, p.73), para quem “o quadro tópico é caracterizado em termos especificamente relacionais: trata-se de um procedimento metodológico de que se vale o analista para indicar quais são os tópicos subordinadores e quais são subordinados” Concebidos como componentes de uma escala móvel, os tópicos decorrem de um super-tópico, sendo que os subtópicos decorrem dos tópicos, cujas funções são redefinidas a depender do patamar em que se encontrem. Vejamos o modelo de Jubran *et al* (2002 *apud* Rezende, 2006, p.73):

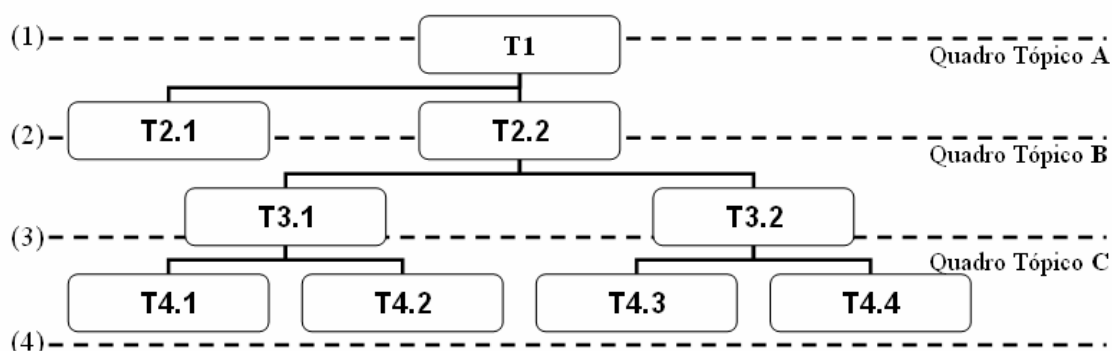


Figura 3- Fávero (2002 *apud* Rezende, 2006, p.73)

Deste modo, uma determinada unidade de análise pode representar o papel de sub-tópico discursivo em relação ao super-tópico, do qual se origina, tendo, ao mesmo tempo, a função de super-tópico, se considerada como

referência para os tópicos que dela decorrem e, assim, sucessivamente. No entendimento de Rezende (2006, p. 73), “[...] dentro desta proposta, o quadro temático funcionaria com o *locus* analítico e não propriamente como um patamar fixo, digamos, da organização hierárquica tópica”

Considerando-se a singularidade da organização tópica do gênero telejornal, encontramos algumas dificuldades em eleger um único modelo como fundamentação teórico-metodológica mais pertinente. No entanto, para dar conta da análise da centração tópica das unidades recortadas, mobilizaremos principalmente a proposta de Jubran *et al* (2002 *apud* Rezende, 2006).

Em relação ao arcabouço postulado por Van Dijk (1992), dedicado especificamente às estruturas temáticas do discurso da notícia, encontramos dificuldade em aplicar o modelo proposto pelo autor, sobretudo pelo fato da sua contribuição circunscrever-se ao universo da mídia impressa e não da audiovisual, como é o caso da televisão.

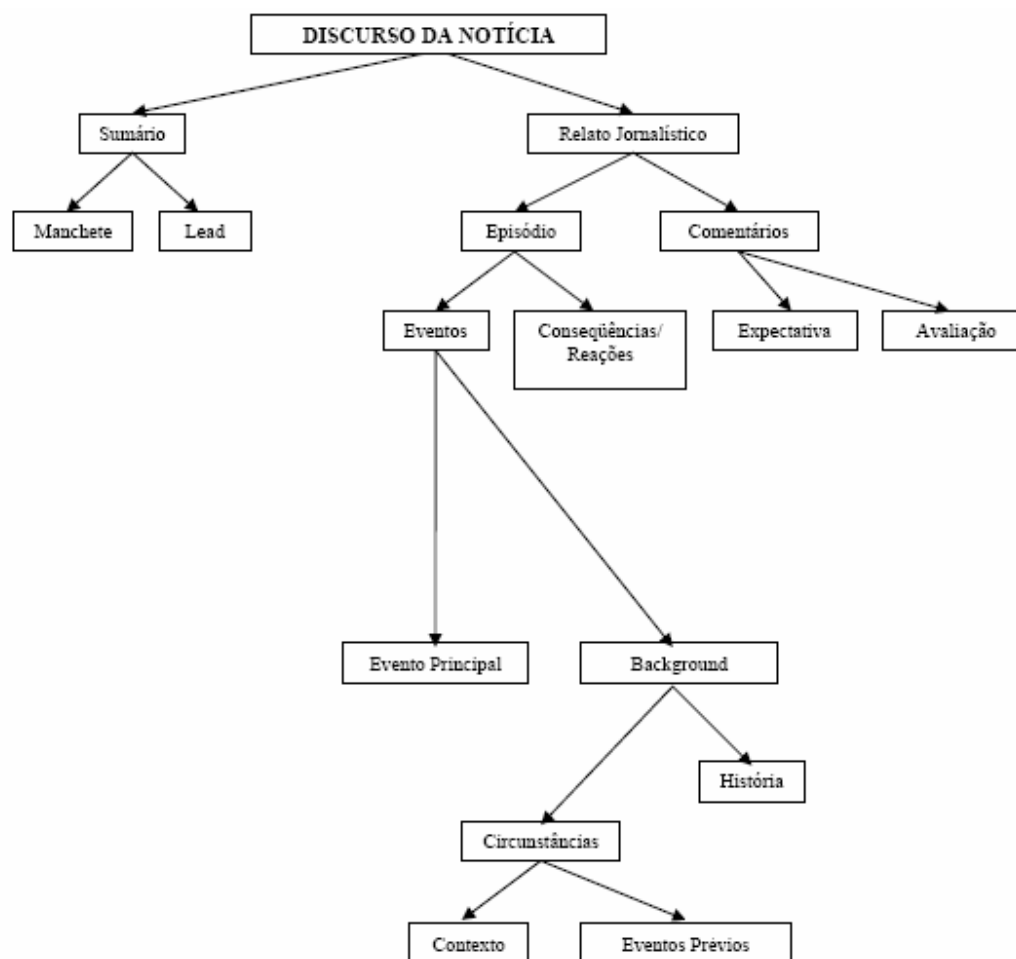


Figura 4- van Dijk(1992, p.147)

O papel de organização macroestrutural desempenhado pela *manchete* e pelo *lead* nas notícias de jornal e revista não acontece de forma semelhante na mídia televisiva, embora estas categorias possam contribuir para a inferência do tópico central da notícia. Tal constatação é decorrência de não haver, no gênero telejornal, um esquema fixo de categorias típicas do discurso da notícia, tal como propõe o citado autor para a mídia impressa, na qual pode-se verificar, além da

manchete e do *lead* (componentes do sumário), a presença do *evento principal*, dos *eventos prévios*, das *conseqüências* e, por fim, dos *comentários*.

Acontece sim, dentro de determinados exemplos analisados, a recorrência a procedimentos comuns tanto à mídia impressa quanto à audiovisual, como o deslocamento de tópicos particulares para a condição de tópico principal da notícia, conforme ocorre no exemplo analisado a seguir, em que o Jornal Nacional centra o foco no tumulto ocorrido no show dos Racionais, um dos episódios transcorridos na festa paulistana da virada cultural, evento este que para a emissora pública de televisão - a TV Cultura - foi concebido como tópico central.

Tais opções têm implicações conceituais e metodológicas para o fenômeno a ser observado. Conforme argumenta Marcuschi, “[...] cada gênero discursivo apresenta algumas características próprias em relação à condução tópica” (Marcuschi, 2006, p. 09).

Além disto, pretendemos fugir do determinismo técnico, pelo qual, numa leitura apriorística e superficial, poderíamos acreditar que reportagens estivessem mais propensas a apresentar traços de intertextualidade e polifonia, por serem produzidas a partir do trabalho investigativo do repórter, que sai às ruas e obtém os depoimentos de representantes do público, enquanto que as notas (principalmente as simples, sem imagem), estivessem menos expostas à ocorrência de tais fenômenos, pelo fato de serem elaboradas por um editor circunscrito ao ambiente físico da redação da emissora de TV, sem contato direto com a rua, de onde emanam as vozes sociais.

Porém, o fato de, tecnicamente, a primeira situação ser mais favorável não significa que no contexto das interações mediadas, fazendo uso do telefone e da Internet, um profissional de televisão não possa realizar entrevistas a partir de tais recursos e, em seguida, incorporar, no seu texto, os diversos pontos de vista obtidos! Portanto, o conhecimento da sistemática de produção técnica dos meios de comunicação social não é o suficiente para entendermos o discurso da mídia. Somente por meio da análise centrada no campo dos estudos da linguagem, com

categorias circunscritas a esta esfera e fundamentação teórica compatível a tais objetivos, podemos entender, no caso, os diversos gêneros de telejornal⁶⁸.

4.2. Apresentação geral dos supertópicos trabalhados nos telejornais JN e CN no período de 07 a 11/05/2007

Iniciando nossas análises sobre a questão das relações intertextuais de natureza temática entre o JN e o CN, temos por objetivo apresentar uma visão geral dos supertópicos trabalhados em todas as edições que compõem a amostra na sua íntegra.

No dia 07/05/07, ambas as emissoras priorizaram os temas que divulgam as ações do *Poder Político*. O JN referiu-se ao Governo Federal e ao governo francês, enquanto o telejornal CN referiu-se às gestões públicas no âmbito federal, como também às gestões no âmbito dos governos estadual e municipal de São Paulo, além de ter abordado questões relacionadas aos governos estrangeiros da França e da Bolívia.

Em seguida, os supertópicos mais recorrentes apareceram empatados em ambos os telejornais *Acidentes e catástrofes*, com a ressalva de que no Jornal Nacional a incidência foi menor.

Dos dezenove supertópicos discursivos presentes em cada um dos telejornais neste dia, nove (ou seja, um pouco menos da metade) foram recorrentes em ambos, sendo quatro de âmbito nacional: 1- Plano de Aceleração Econômica (PAC); 2- a violência no show da virada cultural, 3- o protesto pelo assassinato do jornalista Barbom e 4- o campeonato estadual de futebol; e cinco em âmbito internacional: 1- tornado nos EUA, 2 - erupção de vulcão na Itália, 3-

⁶⁸ Dizer isto pode parecer abusar do conhecimento pressuposto aos lingüistas e teóricos afins, mas faz-se necessário mediante às várias abordagens limitadas ou equivocadas em estudos da mídia, por parte de comunicadores embasados, tanto em termos teóricos quanto metodológicos, exclusivamente no campo da Comunicação Social.

negociações entre Brasil e Bolívia, 4- eleições na França e 5- a gafe do presidente Bush. De todos estes tópicos, apenas um, o relativo ao PAC, coincidiu de aparecer em ambas as escaladas do Jornal Nacional e do Cultura Noite.

Na dia 08/05/07, o Jornal Nacional manteve o número de supertópicos apresentados, 19, e o Cultura Noite, ultrapassou em duas unidades, divulgando 21 itens. Deste total, houve recorrência de sete supertópicos, entre os quais três são de âmbito internacional e cinco de âmbito nacional, dois dos quais aparecem em ambas as escaladas: a violência no Rio de Janeiro e a visita do Papa Bento XVI.

Com relação a esta última notícia, devemos ressaltar que, a rigor, não houve *intertextualidade temática*, por não ter ocorrido recorrência na *centração tópica* propriamente dita. O Jornal Nacional dedicou-se a mostrar os preparativos para a chegada do Papa e destacou a revelação de cenas inéditas dos bastidores do Vaticano, ao passo que o Cultura Noite ressaltou a ansiedade de Bento XVI para a visita ao Brasil.

No noticiário deste dia 08/05/07, afora o supertópico *a Vinda do Papa*, houve a referência aos seguintes super-tópicos: 2- transferência de Marcola, 3- CPI do apagão, 4- violência no Rio de Janeiro (sendo que no JN é noticiado o “Saldo de uma guerra sangrenta” e no CN “A manifestação dos moradores das favelas do Rio pela paz”), 5- acordo entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte, 6- descoberta da tumba do rei Herodes e 7- negociações entre Brasil e Bolívia. O telejornal da Cultura noticia que a Petrobrás suspendeu o investimento na Bolívia por falta de acordo, enquanto o Jornal Nacional informou a reabertura das negociações. Nos casos dos itens 4 e 7, o procedimento de *centração tópica* traz à tona interpretações conflitantes do episódio.

No dia 09/08/07, em função desta edição situar-se no meio da semana, coincidindo com o dia da chegada do Papa, começa a haver, daqui por diante, não só um previsível aumento na atenção dada a este supertópico (a *Visita do Papa*), como também uma inusitada mudança no formato da produção e veiculação dos telejornais, sobretudo no caso do Jornal Nacional.

Especificamente neste dia, o Jornal Nacional abre sua edição mencionando a data: ‘*Nove de maio de dois mil e sete*’. Obviamente a intenção não era a de informar qual o dia do ano, mas a de ressaltar que se tratava de um dia marcante por representar a primeira visita do Papa Bento XVI ao Brasil. Na seqüência, em vez das habituais manchetes que costumam integrar a escalada, aparece a apresentadora Fátima Bernardes, numa *entrada ao vivo*, de São Paulo, trazendo vários tópicos discursivos decorrentes do supertópico *Visita do papa ao Brasil*.

Além das referências a estes vários tópicos, apenas uma manchete sobre outro assunto constou na abertura deste telejornal: a informação sobre o indiciamento dos pilotos do Legacy, por parte da Polícia Federal, transmitida pelo apresentador Wiliam Bonner do estúdio da emissora, no Rio de Janeiro.

Ao contrário do ocorre diariamente, no dia da chegada do Papa ao Brasil, o JN iniciou seu telejornal com uma significativa mudança no seu formato. No lugar das manchetes (em média, cerca de sete) sobre diferentes temas, entraram um enunciado com a data daquele dia e o texto (ao vivo), anunciando os principais tópicos do primeiro dia de visita do Pontífice (a serem abordados no decorrer daquela edição) e, por fim, uma manchete, propriamente dita, sobre outro assunto.

Enquanto esta última informação reporta-se a um fato ocorrido no ano anterior, dando seqüência às notícias sobre as implicações do acidente com o avião da empresa Gol, ocorrido no dia 29 de setembro de 2006, as relativas ao Papa inauguraram⁶⁹ uma seqüência que estava por vir.

Este aspecto evidencia o modo pelo qual o telejornalismo redimensiona, no presente, as referências de tempo e espaço, dialogando *intertextualmente* com as notícias que já se passaram, assim como com aquelas, ora anunciadas, que estão por vir.

⁶⁹ O verbo “inaugurar” é aqui usado no sentido de deflagrar uma tônica que, *circunstancialmente* (é importante frisar), se instaura naquele momento, mas que a rigor, em termos discursivos, não tem início nem fim. Adiante, inclusive, comentaremos uma retrospectiva apresentada pelo JN sobre todas as visitas papais, no ensejo da vinda de Bento XVI.

O telejornal Cultura Noite alterou apenas o formato da escalada, na qual apresentou oito manchetes sobre a visita do Papa e apenas uma relativa a outro fato, o estado de alerta na Califórnia, com a destruição de um parque, em Los Angeles, devido a um incêndio. No conjunto da sua edição, o CN equilibrou melhor a atenção dada à chegada do Papa e aos demais assuntos do dia. Os editores optaram por manter o formato geral do telejornalismo, contextualizando algumas unidades àquele momento. Por exemplo, desde o dia anterior, a entrevista de estúdio voltou-se ao supertópico *religião*. Nesta edição, da quarta-feira, o entrevistado foi o professor de teologia, Pedro Lima Vasconcellos que tratou de tópicos ainda considerados polêmicos, como a Teologia da Libertação.

De modo geral, na cobertura da visita do Papa, ambos os telejornais mencionaram outros tópicos relacionados ao supertópico *religião*, tais como crescimento da religião evangélica e a ameaça de excomunhão dos autores da lei do aborto, no México, assim como trataram do super-tópico *meio ambiente*, do qual decorreram os tópicos *aquecimento global* e *uso do biodiesel*.

A exemplo do que ocorrera no dia anterior, no dia 10/05/07, o Jornal Nacional mantém as inovações na abertura do seu noticiário e traz, numa manchete, o supertópico “*Uma quinta-feira repleta de compromissos para o Papa*” e, em seguida, numa entrada ao vivo, divulga em três tópicos os compromissos da agenda do dia de Bento XVI. Por fim, traz também uma manchete internacional, e o supertópico *anúncio da saída de Toni Blair do cargo de primeiro ministro da Grã Bretanha*.

O jornal Cultura Noite traz em sua escalada seis tópicos relativos aos compromissos do Papa e um supertópico referente ao aumento salarial de 28,5%, para cargos dos poder executivo e do próprio legislativo, aprovado na Câmara dos Deputados, em Brasília. Aliás, ambos os telejornais abordaram este assunto, mas houve uma certa diversidade na *centração tópica*.

Enquanto o JN noticiou, de início, apenas o reajuste, a ele se referindo na maior parte das vezes, sem maiores ênfases, como se se tratasse de uma

simples *correção*, o CN iniciou sua abordagem já mencionando tanto as críticas ao *reajuste* (assim referido), quanto as possíveis conseqüências por ele geradas, tais como o ônus na folha de pagamento da união e no conjunto da economia.

Embora ambos os noticiários tenham dedicado um tópico à comparação dos salários atuais com aqueles previstos, com base nos novos valores reajustados, procederam diferentemente no que tange à sondagem das vozes sociais implicadas.

Assim, apesar de ter apresentado uma grande quantidade de informações, por meio de discurso indireto, trazendo a voz daqueles que fizeram a crítica ao reajuste, o jornal CN só entrevistou parlamentares que respondiam pelos respectivos cargos de presidência do poder legislativo, na Câmara e no Senado. Considerando-se a teoria polifônica da enunciação, tais representantes do Governo, do lugar de onde falavam, não se pronunciariam explicitamente contra uma medida apresentada pelos próprios partidos da situação.

Em contra-partida, o JN que não associou as críticas a qualquer um dos pólos (situação ou oposição), ouviu os dois segmentos, veiculando, assim, na sua edição, tanto os pontos de vista contrários, quanto aqueles favoráveis a tal medida.

Ainda nesta edição, houve discrepância na *centração tópica* referente ao fato da estatização de refinarias brasileiras pelo governo da Bolívia. O jornal Cultura Noite demonstrou defasagem na informação apresentada, quando noticiou que acabava naquele dia o prazo para o Governo da Bolívia pagar a indenização das refinarias brasileiras estatizadas. O noticiário acrescentou que caso este compromisso não fosse efetivado, o Governo brasileiro recorreria a uma arbitragem internacional, mediada pela Holanda, com quem a Bolívia teria um acordo, não explicado na reportagem. A propósito, outra informação sem esclarecimento, é passada pelo apresentador, que exclama em tom irônico: “É bom você saber que a Petrobrás na Bolívia tem uma sede na Holanda e não no Brasil”.

Enquanto isso, (tomado-se como referência o horário de veiculação), menos de uma hora depois, no Jornal Nacional, o apresentador anuncia que Petrobrás acabara de vender as refinarias e, em seguida, a repórter Zileide Silva entra, ao vivo, comentando o teor da negociação e divulgando os valores, considerados inferiores diante daqueles estipulados pelo governo brasileiro, porém satisfatórios, do ponto de vista político, segundo a avaliação do presidente Lula, indiretamente citado. A repórter também mencionou que se não tivesse ocorrido o acordo, a Petrobrás estava disposta a recorrer à *justiça internacional*, assim referida. Durante a semana que integra o nosso corpus, por duas vezes, as reportagens, sobre este assunto, aqui entendido como um supertópico, desenvolveram-no a partir de diferentes (e até conflitantes) pontos de vista.

Neste dia 10/05/07, a terceira recorrência temática foi sobre o anúncio de Toni Blair de sua saída do cargo de Primeiro Ministro da Grã Bretanha. Neste caso, houve coincidência na apresentação do supertópico e na *centração* de alguns tópicos, tais como a referência ao fato de Blair não ter divulgado o nome do provável substituto. No entanto, mais uma vez antecipando elementos da análise polifônica, percebemos que, novamente, os demais tópicos diferiram em função da forma de lidar com o discurso reportado.

O CN recorre à citação direta trazendo como tópico principal a avaliação do próprio Blair sobre o seu mandato, exemplificando-o com o combate aos terroristas no Iraque e no Afeganistão.

Por sua vez, no JN, é o próprio locutor (neste caso, o repórter Marcos Losekann) que apresenta um balanço da gestão do primeiro ministro, destacando os motivos pelos quais Blair será reconhecido: pela modernização da Grã Bretanha, que foi mais integrada à União Européia, por defender a ajuda à África, o combate à pobreza, por perdoar a dívida dos países pobres, e, principalmente, pelo apoio a George Bush na guerra do Iraque e, ainda, por ter arquitetado o acordo entre católicos e protestante na Irlanda do Norte. Com relação a este aspecto, a referência a este último tópico, por si só, já evidencia a

intertextualidade temática, se lembrarmos e considerarmos que este foi abordado por, ambos os telejornais, na edição do dia anterior.

No último dia da semana, 11/05/07, tanto o Cultura Noite quanto o Jornal Nacional trouxeram o super tópico “Quartas de final da Libertadores”, apresentando tópicos semelhantes com relação às notícias dos jogos.

Nas duas últimas edições dos dois telejornais (do dia 11/05/07) integrantes da nossa amostra, além das esperadas recorrências às notícias sobre os compromissos do Papa Bento XVI, novamente aconteceram outras recorrências com relação a demais *supertópicos*, na abordagem dos quais também observamos diferenças no estabelecimento da *centração tópica*.

O Jornal Nacional repetiu a inovação de abrir seu noticiário apenas fazendo menção à data daquele dia em que o Papa havia canonizado o primeiro santo brasileiro, razão da referência ao “Onze de maio de dois e sete”, com a função de primeira manchete da escalada daquela edição. Somente em seguida, no lugar da segunda manchete, é dada a notícia: “O Papa canoniza o primeiro santo no Brasil”. Dos seis tópicos apresentados no primeiro bloco do JN, cinco são sobre questões relativas à agenda e às pregações de Bento XVI, sendo uma delas recorrente na escalada do noticiário do telejornal Cultura Noite, que se referia ao encontro com os bispos, no qual o pontífice cobrara empenho na evangelização e vigilância na defesa do celibato.

Com relação ao tópico *encontro do Papa com 400 bispos*, percebemos algumas variações na *centração tópica* dos temas decorrentes. Enquanto o JN destacava que Bento XVI fez apelo à preservação da família, o CN se referia ao fato do pontífice ter mencionado ser contra o divórcio. O mesmo ocorreu com uma notícia sobre o julgamento dos acusados da morte do brasileiro Jean Charles de Menezes, confundido com um muçulmano, no metrô de Londres, em 2003. Enquanto o telejornal CN noticiou simplesmente que onze policiais britânicos envolvidos na morte do brasileiro foram absolvidos, o JN informou que a embaixada de Londres, no Brasil, manifestaria o desagravo do governo brasileiro

à absolvição dos condenados pela morte de Jean Charles, ou seja, centra a abordagem no tópico “*desagravo*”, decorrente do *supertópico absolvição dos policiais britânicos* no que diz respeito à morte de Jean Charles.

Outro exemplo a ser comentado do tratamento temático dos dois telejornais deste dia é a notícia sobre a manifestação, no centro da cidade do Rio de Janeiro, de mães que perderam seus filhos, vítimas da violência urbana. Ambos os telejornais apresentam a notícia de forma semelhante, por meio de *nota coberta*, mas com uma *centração tópica* diferente.

O JN, a partir do supertópico *mães protestam contra a violência*, mostra, como único tópico decorrente, uma manifestação chamada “Anjos da paz”, por meio da qual estas mulheres fazem uma exposição, montando um coração de flores, com fotos dos filhos assassinados.

O CN, por sua vez, divide a sua atenção entre dois supertópicos, iniciando pela manifestação destas mães, prosseguindo com a notícia da ocupação da favela da Vila Cruzeiro por policiais que, estando no local há dez dias, apreenderam armas e drogas ligadas ao Comando Vermelho, retornando para o protesto das mães que, segundo esta edição, também estiveram na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro.

Com relação a fatos noticiados especificamente em cada um dos telejornais, consideramos relevante mencionar que, nesta edição do dia 11/05/07, apenas o JN referiu-se a um pronunciamento da Petrobrás, que nega ter tido prejuízo com a venda das refinarias, prejuízo este anunciado na edição do dia anterior. Observamos a *intertextualidade temática* entre estas duas edições distintas do telejornal da mesma emissora. Porém, esta ocorrência não se configura tão somente pela prática habitual do jornalismo em acompanhar os possíveis desdobramentos da notícia que, em princípio, envolve apenas os sujeitos e instituições nela implicados, mas pelo fato de a próxima emissora ter vindo a público “dar voz à Petrobrás”, para que esta se justificasse acerca do que a reportagem, deste mesmo telejornal, no dia anterior, disse implicitamente,

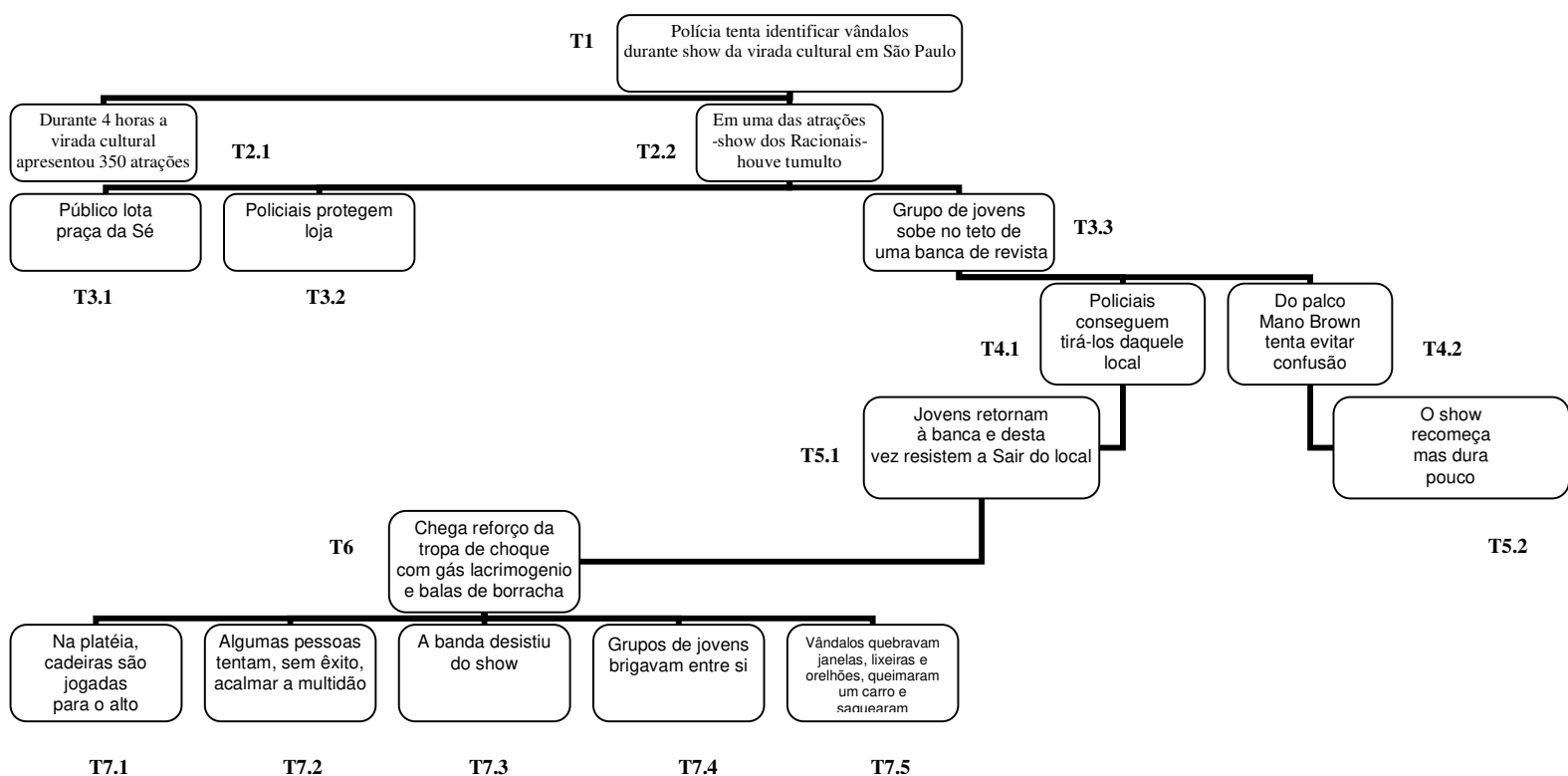
quando comentou que o preço considerado justo pelo Governo brasileiro era o de 160 milhões, mas que este teria concordado em vender por 112. “Para o governo brasileiro, mais que o valor, o importante foi o gesto político, o compromisso do governo boliviano em cobrir pelo menos parte dos investimentos da Petrobrás naquele país”, dizia o texto da repórter Zileide Silva.

Ainda no que diz respeito à *intertextualidade temática*, entre edições da mesma emissora, no caso do CN, observamos que um comentário feito pelo apresentador deste telejornal, em forma de uma nota simples, sobre a postura polêmica do Ministro da Saúde José Gomes Temporão, na verdade, dava continuidade à temática abordada durante aquela semana, na qual o ministro tivera uma divergência de opinião, sobre o aborto, com o presidente da CNBB, divergência esta noticiada também por este telejornal em edição anterior.

Como diferencial da cobertura do Cultura Noite, afora a entrevista de estúdio com o prof^o de teologia, Pedro Lima Vasconcelos, sobre o tópico *canonização*, destacamos uma longa reportagem veiculada neste telejornal a respeito do I Fórum nacional das TVs Públicas, realizado em Brasília, na mesma semana em que o Papa visitou o Brasil.

4.3 Análise da *centração tópica* nos dois telejornais sobre a *Virada Cultural*: um recorte sincrônico

Levando em conta as análises desenvolvidas acima, iniciaremos um outro tipo de análise, a saber, a comparativa, do tratamento dado para o evento da virada cultural em São Paulo, na edição da 2^a feira, dia 05/05/07. Na tentativa de aplicar os modelos apresentados na primeira seção deste capítulo, de forma a contribuir para a compreensão da organização tópica dos gênero telejornal, produzimos a seguinte representação do esquema da notícia sobre a virada cultural veiculada no JN (05/05/07), em forma de reportagem:



- Consequência (resultado): 7 pessoas foram presas
6 pessoas ficaram feridas
4 policiais ficaram feridos

- Contexto (flashback):

Foi nesta banca que começou a confusão / devido à destruição o dono arrancou o teto / Ele presenciou quando os jovens subiram no teto / agora permanece o local para guardar o que restou do ataque / Lembra com medo o que viu:

- Encerramento: (depoimento do dono da banca comentando o comportamento alterado do público; bagunça e violência)

Vejamos agora a visualização da organização tópica da primeira nota coberta do CN sobre a Virada Cultural com base no modelo de análise de Koch (1992 *apud* Rezende, 2006, p.76):

Supertópico	Quadros Tópicos	Subtópicos
Sucesso da III Virada Cultural em São Paulo	Música	Música eletrônica
		MPB-Fernanda Porto
		MPB-Zélia Duncam
		MPB-Língua de Trapo
		MPB-Rap Rud
		Rock-Serguey
		Mangue beat pernambucano
	Teatro	Bichano Brasil
		Shakespeare
	Dança	Grupo Milágrimas
		Trombone jazzístico de Raul de Souza

Vejamos também a visualização da organização tópica da segunda nota coberta do CN sobre a Virada Cultural, ainda com base no modelo de análise de Koch (1992 *apud* Rezende, 2006, p.76):

Supertópico	Quadros Tópicos	Subtópicos	Segmentos Tópicos
		350 atividades em 4 horas	1.
			2.

Violência no show dos Racionais	Tranquilidade da virada cultural		3.
			4.
			6.
			8.
			9.
			10.
			11.
			13.
	Tumulto no show dos Racionais	Comportamento do público	14. jovens sobem no teto de uma banca de revista
		Presença da polícia	16. PM pedem que desçam da banca de revista
			17. Jovens cedem num 1º momento.
		Conflito entre grupo de jovens e PM	20. jovens sobem novamente e resistem em sair.
			21. tentativa de resolução
			22. interrupção do show
			23. acirramento do conflito
		Consequência	24. 7 presos e 6 feridos

No telejornal Cultura Noite observamos as seguintes hierarquias tópicas na veiculação de duas notas cobertas: a primeira trouxe um balanço geral do evento principal e segunda centrou-se no episódio do tumulto no show dos Racionais.

Por meio deste breve contra-ponto entre as abordagens de telejornais da TV Globo e da TV Cultura, percebemos diferenças significativas que demonstram, respectivamente, tendenciosidade e tensão, conforme argumenta Dijk (1992). Como não nos interessa a identificação pura e simplesmente do formato, se reportagem ou nota coberta, (objeto de estudo de alguns autores que se atêm a tal classificação, seguida da marcação do tempo das notícias veiculadas), destacamos os procedimentos da organização tópica com o intuito de evidenciar que eles não se confundem com a definição temática, mas ordenam a sua abordagem.

Deste modo, no caso da reportagem veiculada no JN, observamos um tópico do evento, o tumulto, alçado à condição de evento principal, o que para Dijk evidencia a tendenciosidade. No início do texto, há apenas uma breve

menção ao fato de durante quatro horas os paulistanos terem usufruído cerca de trezentas e cinquenta atrações culturais. A partir de tal referência, todas as atenções voltam-se exclusivamente para o incidente do tumulto no show dos Racionais.

Já no caso da notícia no telejornal Cultura Noite, primeiro foi veiculada uma nota coberta destacando com ênfase (“...três milhões de pessoas nas mais de trezentas e cinquenta atividades em oitenta pontos da cidade...”) e até entusiasmo (“...nenhuma cobrança de ingresso e tempo bom em toda a cidade...é duro esperar mais um ano para ver essa maravilha toda de novo...”) o sucesso da terceira Virada Cultural.

Na seqüência, vem a exibição da segunda nota coberta, cujo texto de abertura admitia que “...nem tudo foi festa e alegria...”. A partir de tal abordagem, o tópico central passa ser o tumulto ocorrido no show dos Racionais. Dele decorrem todos os sub-tópicos que descrevem linearmente a seqüência de ações que marcaram o confronto entre público e policiais. Aliás, a este respeito, Dijk (1992, p.140) ressalta com acuidade que “tão logo as narrativas noticiosas imitem esse padrão narrativo em que a linearidade da realização temática é igual à linearidade dos eventos, já não é mais o critério da relevância que desempenha o papel principal, mas um outro princípio estético, persuasivo ou de outro tipo, como a criação dramática da “tensão”.

Tal constatação é pertinente, inclusive, por vir ao encontro da tese defendida por Brandão (2002) quanto à tendência à espetacularização da notícia nos telejornais portugueses. Com relação ao nosso *corpus*, paradoxalmente, a emissora pública, cuja função social é educar e formar consciência crítica (conforme vimos anteriormente quando abordamos a missão e visão de cada um dos dois modelos de televisão), encontramos na unidade de análise em questão não só a tensão, mas também a tendenciosidade. O interessante é perceber que embora o telejornal da TV Cultura tenha mostrado tanto o sucesso do evento da Virada Cultural, quanto o incidente nela ocorrido, apenas a conotação deste último

é destacada na manchete integrante da escalada da edição deste dia do telejornal Cultura Noite: “Polícia pode convocar integrantes do grupo de rap Racionais para depor sobre o tumulto durante a Virada Cultural em São Paulo”.

Para Dijk (1992,p.135), “a razão para esse “viés” na assimilação de tópicos através de manchetes não precisa ser ideológica ou política, mas parece determinada por uma regra jornalística implícita de organização: os últimos eventos principais são mais importantes”. Na concepção do citado autor, esta regra baseia-se no princípio da atualidade da imprensa. De certa forma, reconhecemos que, na prática, alguns procedimentos sejam comuns a ambas as televisões (conforme evidencia a análise empírica), independentemente dos seus respectivos modelos de gestão. Porém, entendemos que – pelo menos em princípio - este ou qualquer outro procedimento adotado, por qualquer uma das emissoras, devesse estar alinhado sim a sua política editorial.

Dizer isto nos parece imprescindível para fugirmos à simplificação na condução da análise comparativa, evitando concluir precipitadamente que somente a TV Globo tenha sido sensacionalista no destaque dado apenas ao tumulto no show dos Racionais, ao tratar da Virada Cultural. Percebemos, por outro lado, que embora a TV Cultura tenha dimensionado a organização dos tópicos de forma mais equilibrada, abordando tanto os aspectos positivos quanto os negativos, alçou estes últimos à condição de supertópico no momento da abertura do telejornal. Deste modo, o incidente no show, que era um dos tópicos na sua primeira nota coberta sobre a programação geral do evento, foi reordenado hierarquicamente, passando a integrar a escalada do telejornal, onde constam todas as manchetes integrantes dos assuntos tidos como mais importantes naquele dia. Neste aspecto, o Jornal Nacional, apesar de não ter destacado a notícia na sua escalada, abordou o evento enfocando fundamentalmente o tumulto no show dos Racionais.

A partir de agora, com base na fundamentação já exposta, analisaremos o modo pelo qual as imagens selecionadas na edição das notícias

foram articuladas com o texto verbal, no processo constitutivo deste gênero multimodal. Consideraremos tanto a questão do tipo da imagem, quanto a sua função para observar em que medida estas contribuíram para a maneira como se deu a centração tópica e o discurso reportado.

Tomaremos, então, como exemplo, a primeira notícia analisada, a referente à Virada Cultural, abordada por meio de uma reportagem no **JN** e de duas notas cobertas no **CN**. Na abordagem do **JN**, percebemos uma diversidade maior na origem das imagens, assim como o maior uso do movimento de câmera, tornando o gênero telejornal mais dinâmico e a reportagem mais caracterizada pela centração indicial: ícones visuais x signos linguísticos.

O **JN** usou para constituição e veiculação, além de imagens captadas durante a gravação, cenas captadas pelo sistema de vigilância da Prefeitura de São Paulo, o que nos remete ao esquema de panóptico, abordado no primeiro capítulo, quando tratamos dos sistemas que interferem no processo de comunicação, cujo alcance é ampliado quando associado ao poder de visibilidade da televisão.

Esta reportagem, em específico, traz na sua própria abertura uma referência ao fato de que a Prefeitura da cidade vai usar aquelas imagens para identificar os responsáveis pelo tumulto. Isto nos remete às funções da imagem (Aumont, 1993), notadamente à epistêmica, que busca “dar conhecimento”, ou seja, comprovar. O registro visual desta imagens, ocorrido inicialmente no contexto das *interações mediadas* pelo aparato eletrônico do sistema de vigilância, foi reelaborado no contexto da *intereção quase mediada*, na medida em que um telejornal de uma televisão aberta utilizou estas cenas para elaborar uma reportagem, por meio da qual torna visível ao grande público o que, segundo sua versão, teria havido acontecido no evento da Virada Cultural. (Thompson, 1998),

Evidentemente, do ponto de vista da construção da linguagem, esta pretensa comprovação acontece por meio da relação entre o que se diz, no texto verbal, e o que se mostra na imagem exibida na tela da televisão. E, no que diz

respeito a esta relação entre linguagem verbal e visual, uma das questões interessantes é perceber de que modo ocorre a sintonia entre ambas. Normalmente, na tentativa de eliminar possíveis ambigüidades e esclarecer inevitáveis polissemias, o áudio (texto alverbal interfere na significação da imagem, por vezes, delimitando-a demasiadamente.

Retomando a questão da *centração indicial* na reportagem sobre o tumulto ocorrido no evento da Virada Cultural em São Paulo, de modo geral, a relação entre o verbal e o visual foi bem estabelecida, exceto em determinados momentos, quando, por exemplo, o repórter menciona que a o grupo de rap desistiu do show e a imagem mostrada, como sendo referente, é genérica: uma cena, tomada num plano geral, do público disperso. Em contra partida, ao se referirem à ação do público que, revoltado depredou janelas, lixeiras e orelhões; cada um desses objetos, mencionados verbalmente, tiveram as suas respectivas imagens mostradas, uma a uma.

E por fim, quando atribuímos o valor de dinamismo foi considerando o movimento de câmera que se mostrou criativo, tanto na gravação da passagem do repórter, quanto nas tomadas da banca de revista depredada. No primeiro caso, o do enquadramento do repórter, a câmara derivou para outras imagens relativas ao texto e, depois, retornou para o repórter cujo texto ainda estava sendo narrado. Este movimento do ir e vir, gravado em seqüência, difere do estilo mais comum das reportagens do telejornalismo diário, que mostram com mais freqüência, separadamente, o movimento unilateral, ou seja, ora em uma direção, ora em outra. Da mesma forma, com relação às imagens da banca de revista, encontramos um olhar que foge do habitual pelo fato da tomada ter sido obtida de cima, possivelmente de um dos andares mais elevados do prédio ao lado.

No caso das duas notas cobertas veiculadas no **CN**, imagens pontuais de cada uma das expressões artísticas referidas, bem como do público presente, mostram uma certa sintonia entre o verbal e o visual. Foram mostradas cenas de dança, teatro, música, manifestações indígenas, e ainda àquelas relativas a cada

um dos cantores que se apresentaram no palco. O processo de edição desta nota coberta dedicou uma significativa atenção à questão do som, por vezes, superposto à fala. No caso, o som ambiente era a própria música; assim, quando o texto verbal comentava a presença no palco de determinado cantor, tal referência era superposta a sua imagem, que perdurava na tela, enquanto, o que se seguia não era mais o texto do repórter e sim a própria música que estava sendo cantada.

Na nota coberta exclusivamente dedicada a narrar o tumulto ocorrido no show dos Racionais, encontramos as habituais imagens culturais (Santaella, 1998), ou seja, com valor autoral por terem sido gravadas e editadas no contexto jornalístico, sem o recurso de imagens de outra procedência, a exemplo das que foram usadas pelo Jornal Nacional. Notamos falha na associação entre o objeto mostrado e o referido, talvez por escassez no acervo de imagem, o que possivelmente interferiu, fazendo com que orelhões e banheiros fossem citados, mas só os primeiros mostrados. No mais, as tomadas acerca do palco, do público e dos PM's foram mostradas, com o diferencial de terem sido exibidas em seqüências e não tão fragmentadas quanto no **JN**.

4.4. Análise da centração tópica sobre *aborto* e das formas de citação do discurso reportado, no noticiário da visita do Papa Bento XVI ao Brasil, nos dois telejornais: um recorte diacrônico

Decorrente do supertópico *Visita do Papa*, o tópico discursivo *aborto* aparece de maneira recorrente por sua relevância social e enunciativa no interior do debate instaurado com a Visita do Papa. No tratamento desta questão, ambos os telejornais mencionaram este tópico polêmico, já na abertura dos seus respectivos noticiários, apresentando algumas diferenças, a começar pelo modo de iniciar a abordagem do supertópico *chegada do Papa*.

O **JN** centrou o foco no roteiro da chegada do Pontífice e nos momentos vivenciados neste percurso: *“desceu do avião.....foi recebido pelo presidente lula e dona Marisa...recebeu a chave da cidade do prefeito de São Paulo e...abençoou milhares de fiéis”*. Por outro ângulo, sem se referir ao conjunto da população presente ao evento, o **CN** abre sua edição destacando os *“...católicos brasileiros em festa”*.

A partir deste ponto, ainda nesta fase inicial de apresentação das notícias do dia, os dois telejornais utilizam, de forma semelhante, o procedimento de citação indireta para se reportar à polêmica do tópico aborto. O **JN** assim ressaltou o pronunciamento do Papa sobre este tópico polêmico: *“...numa entrevista dentro do avião e no discurso de chegada...Bento XVI condenou o aborto”*, enquanto o **CN** mencionou que *“...ainda durante a viagem para o Brasil o Papa voltou a condenar o aborto e disse que a igreja faz a defesa da vida*.

Observamos algumas diferenças na ocorrência da intertextualidade temática, em função de especificidades no nível da enunciação polifônica. No **JN** é dito que o Papa teria se pronunciado em dois diferentes contextos interativos, *na entrevista e no discurso de chegada* (ambos presencialmente). Ou seja, a partir desta notícia da interação quase-mediada ocorrida entre a autoridade e os jornalistas, tomamos conhecimento não só do que disse Bento XVI a respeito do aborto, mas do fato de o Papa ter se pronunciado duas vezes sobre este tópico.

Já no caso do telejornal **CN**, o fenômeno é percebido pelo uso do verbo na forma composta *voltar a condenar*, que gera o pressuposto da menção feita a este tópico, por Bento XVI, em situações anteriores. (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007, p.80) . O **JN** referiu-se às duas menções feitas pelo Papa, no mesmo dia da sua chega ao Brasil, em situações de comunicação diferentes, enquanto o **CN** mencionou somente um contexto interativo, porém ressaltando a referência anterior ao tópico sem especificá-la.

Na seqüência, o **JN** continua, afirmando: *“... ele disse que apóia a excomunhão de políticos que defendem a idéia [do aborto]”*, enquanto o **CN**

prossegue sua citação recorrendo, desta vez, apenas ao discurso indireto: “...*Bento XVI apoiou os bispos mexicanos que criticaram duramente a aprovação da lei do aborto no México...*”.

Feitas estas considerações iniciais sobre a abertura dos telejornais, antes de prosseguirmos a análise do modo pelo qual ambos procederam à *centração tópica* e à enunciação do discurso reportado, em cada uma das notícias relativas ao tópico *aborto*, comentaremos a forma pela qual foram estruturadas e inseridas no *script*, nesta edição, em conjunto com as demais notícias, aquelas referentes a outro tópico polêmico, *teologia da libertação*. Procederemos, assim, não só em função deste último tópico também ter sido mencionado pelos dois telejornais, mas principalmente devido ao fato de ele ter recebido igual atenção ao tópico *aborto* por parte do telejornal **CN**, enquanto que o **JN** focou bem mais o primeiro tópico *aborto*.

No **CN**, na seqüência da escalada, foram veiculadas uma reportagem sobre a chegada do Papa, uma nota coberta trazendo a sua agenda, uma reportagem sobre a recepção do Pontífice pelas autoridades brasileiras, uma entrada ao vivo sobre o percurso da viagem de Roma ao Brasil, na qual os temas polêmicos vieram à tona, a entrevista de estúdio com o professor de teologia Pedro Lima Vasconcellos, sobre novos paradigmas da igreja católica e o significado da herança da teologia da libertação e, por fim, uma nota sobre as críticas do Ministro da Saúde a respeito de seu posicionamento sobre o subtópico *legalização do aborto*.

No **JN**, a seqüência destes itens apresentou-se de modo semelhante, à exceção da entrevista de estúdio, que não se constitui num quadro fixo do *script* deste noticiário. Da mesma forma que no telejornal **CN**, a reportagem sobre as polêmicas declarações do Papa durante o vôo da comitiva da Itália ao Brasil foi exibida entre duas outras reportagens, a da chegada (em Guarulhos) e a da recepção em São Paulo. Coincidentemente, assim como ocorreu com o outro telejornal, no **JN** a matéria sobre a polêmica entre o Ministro da Saúde, José

Gomes Temporão, e uma autoridade da CNBB, encerrou a sequência da abordagem desta temática.

Dedicaremos-nos, então, à análise da primeira reportagem, em cada um dos telejornais, no primeiro dia da *Visita do Papa*. O **CN** abre seu texto referindo-se à alegria de *milhares de brasileiros*, destacando que um dos momentos mais esperados era a canonização do Frei Galvão. Após informar o horário em que a aeronave pousou o solo brasileiro, descreve com detalhes a cena da chegada e ressalta, como “deixa” para o depoimento que se segue, a importância dada pelo presidente Lula à temática da família no seu discurso.

O presidente, por sua vez, interrelaciona os conceitos de *igreja católica*, *sociedade* e *família*, ao afirmar que *“a igreja católica é portadora de valores que permeiam profundamente a sociedade brasileira ...uma sociedade que sempre teve como núcleo básico a referência primordial à família...esteja seguro santo padre de que compartilhamos a justa preocupação de resgatar e fortalecer a vida familiar”*.

Esta referência feita pelo enunciador presidente será retomada adiante, em outras ocasiões em que o próprio Lula distingue, na sua fala, o enunciador pai de família do enunciador presidente, revelando-se contra o aborto, porém (implicitamente) favorável a sua legalização, quando entendida como uma questão não só de fórum íntimo, mas de saúde pública.

Devemos entender o enunciador presidente, como um chefe de Estado que tem conhecimento acerca do ponto de vista de Bento XVI, enquanto chefe de Estado do Vaticano. Na condição de expoente máximo da igreja católica, o Papa é recorrente na defesa da vida, da família e, neste sentido, contra o aborto e o divórcio, entre outras questões. Portanto, o presidente Lula assume um determinado posicionamento frente ao Papa.

Neste primeiro momento, porém, o repórter destaca apenas que Bento XVI, ao saudar o povo brasileiro e autoridades presentes, lembrou do principal

motivo da sua visita ao Brasil: “... *já tive oportunidade de referir o motivo principal da minha viagem que tem um alcance latino-americano e um caráter essencialmente religioso.... estou muito feliz por poder passar alguns dias com os brasileiros, sei que a alma deste povo... bem como de toda a América Latina.. conserva valores radicalmente cristãos que jamais serão (cancelados).*”

Depois da veiculação de uma nota sobre a agenda do pontífice, durante os cinco dias de sua visita ao Brasil, a apresentadora (**CN**) anuncia a entrada ao vivo de um repórter que já estava no Mosteiro de São Bento, local em que o Papa se hospedava. Após uma breve alusão à resistência dos fiéis que, segundo informou, esperavam horas, debaixo da chuva e passando frio, para ver o Papa, a apresentadora Márcia Dutra (**CN**) menciona as controvérsias sobre a declaração de Bento XVI durante o voo para o Brasil.

Depois de mencionar a polêmica gerada pela declaração, a apresentadora do **CN** reporta-se, via discurso indireto, ao que o Papa teria dito em relação a o que os bispos e políticos mexicanos teriam feito: “....*Bento dezesseis defendeu a posição dos bispos mexicanos que acenaram com a possibilidade de excomunhão para os políticos do México que aprovaram recentemente a lei que permite o aborto*”. Em seguida, a jornalista do **CN** explica que a declaração do papa foi feita durante conversa com os jornalistas que o acompanham na viagem ao Brasil e comenta o efeito deste pronunciamento, entendido como uma proposta do Papa de ex-comunhão dos políticos mexicanos.

Daqui por diante, por meio do uso de um operador argumentativo (*mas*), a repórter do **CN** introduz uma contraposição ao depoimento do Papa, colocando em cena o *enunciador porta-voz do vaticano*, cuja função, conforme a própria locutora/enunciadora jornalista destaca, é a de esclarecer o que disse o *enunciador Bento XVI*:

Fragmento 1

“...mas... logo em seguida...o porta voz do vaticano...Frederico Lombardi entrou em cena para esclarecer que o papa não quis dizer que os deputados e senadores mexicanos devem ser excomungados...o que ele disse... esclareceu o porta voz...é que os bispos estavam certos ao lembrar o direito canônico que prevê a excomunhão imediata para quem pratica ou participa do aborto...Lombardi explicou que isso não significa a excomunhão por parte da igreja...lembrando que os bispos não excomungaram nenhum político...e portanto...o papa também não pretende fazê-lo”.

Observando a presença do índice de polifonia *não*, cuja negação, conforme alegam Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p.80): “...pressupõe sempre um enunciado afirmativo de um outro enunciator”; neste caso, as negações acima evidenciam justamente a tentativa de reverter o que pareceu ter sido afirmado pelo Papa. Paralelamente percebemos, neste caso, também a intertextualidade temática, dado o fato que a apresentadora diz algo sobre o que o porta-voz do vaticano disse acerca do que o Papa teria dito.

Por fim, a apresentadora do **CN** reporta-se, novamente, via citação indireta, a mais um pronunciamento do Papa sobre este tópico, com o qual encerra seu texto: “...ainda durante o vôo para o Brasil...Bento dezesseis disse que a igreja sempre luta pela vida.. que é um dom de Deus”. Neste caso, a locutora, na condição de enunciativa **1**, entra em cena para reforçar o empenho do enunciator **2**, porta-voz do Papa, no sentido de frisar a idéia de que Bento XVI não tem nada contra quem quer que seja. Pelo contrário, simplesmente estaria zelando pelo bem maior que temos, a vida, cuja dádiva (para quem crê) provém de Deus.

Se não for ir longe demais no exercício da reflexão acerca do alcance da enunciação, por que não pensar que, além de um enunciator *chefe do Estado do Vaticano*, cuja voz institucional fala pela expressão máxima da Igreja Católica (o que não é pouco, no campo das relações sociais), na fala do Papa esteja

presente também um outro enunciador, cuja figura é comumente reconhecida pelos valores da onipresença, da onisciência e da onipotência, o próprio Deus Criador, não por acaso aludido por Bento XVI? Não devemos esquecer que no *ethos* religioso, o significado do *Deus vivo* é justo uma evocação a um Deus que fala.

Na seqüência, o telejornal **CN** mostra a cerimônia de recepção ao Papa, cuja chegada havia sido brevemente reportada até então. Após descrever os primeiros momentos de Bento XVI no país, o chefe de cerimônia dá a palavra ao presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, que assim se pronuncia:

Fragmento 2

“...sinto-me duplamente honrado como cristão e como presidente da república pelo privilégio de saudá-lo nesta sua primeira visita pastoral ao Brasil... que esperamos seja seguida por outras... no fecundo pontificado que (ao todo lhe auguramos)..o nosso país o recebe de braços abertos santo padre... porque muito espera de sua liderança espiritual e moral...imprescindível para que a humanidade enfrente e supere seus enormes desafios no alvorecer deste novo milênio”.

Percebemos que o locutor Lula tanto fala por meio do enunciador cristão, quanto por meio do enunciador Presidente da República, sendo que este último enunciador é o que predomina à medida que toma para si a tarefa de dizer que *“... o nosso país o recebe e braços abertos”.*

A respeito do tópico *aborto*, em uma nota lida pelo locutor, nesta edição do dia 09/05/07, o telejornal **CN** coloca em cena uma outra voz institucional, desta vez, a de um representante do Governo Federal, pronunciando-se a respeito. Diz o texto:

Fragmento 3

“O ministro da saúde José Gomes Temporão disse que (1) a discussão sobre a legalização do aborto no país está sendo conduzida de forma inadequada... (2) para o ministro esta é uma questão de saúde pública que não deve ter influência de aspectos religiosos...filosóficos...éticos ou fundamentalistas... o ministro lembra que (3) são realizados mais de duzentos mil abortos clandestinos no país anualmente e que (4) uma grande parte das mulheres procura o SUS depois de procedimentos mal feitos que põem em risco a saúde das pacientes”.

Com relação a este texto, podemos dizer que estabelece diálogo com os demais recorrentes nesta mesma edição do noticiário, em que o aborto vem sendo bastante mencionado, por envolver questões de diversas esferas, inclusive de natureza moral, tão cara à igreja católica. Como o subtópico *legalização do aborto* está sendo abordado, quase que exclusivamente, no âmbito da religião em função da presença do Papa no Brasil, o Ministro da Saúde considerou importante fazer algumas críticas e acrescentar informações acerca de uma problemática do conhecimento de todos.

Em (1) o apresentador, na condição de locutor que assume o papel do enunciador **1** reporta-se, via discurso indireto, à crítica feita pelo enunciador **2**, ministro da saúde, quanto à forma em que o tema vem sendo discutido. Em seguida, em (2) o locutor usa o mesmo procedimento de citação indireta para explicar melhor a crítica feita pelo ministro, para quem tal questão **não** deve ter a influência de aspectos religiosos e congêneres. Deste modo, faz uso do *marcador polifônico de negação*, a partir do qual pressupomos que de fato a legalização do aborto esteja sendo tratada dentro de tais parâmetros, pelos quais é criticada. Já em (3) e (4) na forma elíptica, temos um efeito polifônico por uso do discurso indireto livre, que põe em cena o enunciador ministro.

Consideremos, agora, o tratamento dado pelo **JN** à abordagem do tópico *aborto*. De início, devemos ressaltar a seqüência do material jornalístico:

uma breve reportagem sobre a chegada do Papa, outra sobre o percurso da sua viagem, durante o qual foram abordados os tais temas polêmicos, uma dedicada à recepção preparada para recebê-lo e, por fim, a última, a respeito do embate: ministro da saúde x presidente da CNBB.

A primeira, a mais breve entre todas, mencionaremos porque abre a sequência, narrando os primeiros gestos do Papa ao cumprimentar os fiéis e a forma acolhedora pela qual por eles foi recebido, mas não menciona qualquer um dos tópicos polêmicos, a não ser os motivos principais da visita: a canonização do frei Galvão e a participação na 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho.

Em seguida, numa entrada ao vivo, a apresentadora menciona indiretamente que, numa conversa com jornalistas, Bento XVI condenou o aborto e reconheceu o crescimento da igreja evangélica. Este texto de abertura tem a função de chamar a reportagem que se segue. Na reportagem, a locutora/enunciadora destaca que o futuro da igreja católica na América Latina começava a ser traçado e que esses quatro dias valeriam por uma década.

No que tange à sua progressão temática, o texto aborda vários subtópicos, deixando para adiante a referência aos itens polêmicos. A locutora, na condição de enunciador **1**, refere-se, indiretamente, ao que disse Bento XVI quando veio conversar com os jornalistas:

Fragmento 4

*"(1) Estamos sobrevoando o saara em direção ao continente da esperança...eu vou com muita alegria e esperança...**.disse** Bento dezesseis..."conhecemos os problemas da América Latina... (2) a igreja **não** faz política e respeita a laicidade...(3) **mas** oferece condições para que uma boa política social possa amadurecer"...((voz do papa ao fundo))*

A locutora inicia com uma citação indireta (1), conforme já referido, e nos enunciados (2) e (3) reproduz o uso do indicador polifônico de negação, cujo pressuposto, como já dissemos, é que exista uma voz, em outra perspectiva, dizendo o contrário. Daí em diante, a jornalista prossegue, na referência ao pronunciamento do enunciador **2**, Bento XVI, mencionando os tópicos tidos como polêmicos. Ressaltemos, aqui, uma característica técnica, peculiar dos textos dos gêneros multimodais (como a televisão) que incide na enunciação polifônica.

É que mediante a capacidade de registrar simultaneamente dois canais de áudio, a reportagem veicula o enunciador Papa, reportado pela locutora, na condição de enunciado **1** que incorpora o enunciador **2**; assim como, paralelamente, coloca em cena o próprio sujeito falante Bento XVI, cuja voz⁷⁰ é reservada, ao fundo, em baixo volume. Este procedimento, conhecido como *background* (BG) é habitual em entrevista com falantes de língua estrangeira. No primeiro procedimento, o sujeito falante desempenhado pela repórter, indiretamente, colocava em cena o enunciador Papa. Já no segundo, o próprio locutor Joseph Ratzinger incorporava o enunciador Bento XVI.

Fazendo uso, respectivamente, do discurso indireto e do direto, a repórter (locutora da enunciação) refere-se em (1) e em (2) aos tais tópicos polêmicos, conforme anunciamos anteriormente. Já em (3), a locutora faz uma referência à pergunta que, na condição de repórter, dirigiu ao Papa, colocando em cena, deste modo, a enunciadora-repórter, que neste caso especificamente não se refere de imediato ao enunciador Bento XVI, mas a ela própria enquanto sujeito falante e enunciadora **1**. Em seguida, via citação indireta, menciona o enunciador **2**, Bento XVI, em suas recomendações sobre como lidar com a violência:

⁷⁰ Aqui entendida no seu sentido literal, de som produzido pela fala, que na técnica de edição (BG) pode ter seu volume rebaixado.

Fragmento 5

*(1) Bento dezesseis **afirmou que** a teologia da libertação mudou profundamente com as transformações políticas **e que** prometer revolução e soluções rápidas foi um erro ...(2) a questão agora..**disse o papa...**é como a igreja pode ajudar em reformas que tragam uma vida melhor e justiça social...(3) perguntei como a igreja pode ajudar no combate à violência...que no Brasil chega a índices inaceitáveis....(4) o pontífice respondeu: "quem tem fé em cristo resiste à violência e mobiliza forças contra a violência"*

Na continuação, a repórter segue com a citação indireta, do pronunciamento do Pontífice, evocando em (1) o enunciador Papa, que admite o avanço de segmentos evangélicos, mas- ao mesmo tempo- o atribui a uma sede de Deus. Já em (2), a locutora incorpora a enunciadora **1** que aponta o objetivo da conferência de Aparecida:

Fragmento 6

(1) o papa admitiu o sucesso das igrejas pentecostais e reconheceu que existe uma sede de Deus e de religião.(2) a finalidade da conferência de Aparecida é matar essa sede``.

É a partir do trecho a seguir, que se inicia a reportagem indireta, em (1) e em (2) ao que de mais polêmico o Papa proferiu, antes de chegar ao Brasil.

Fragmento 7

(1) À Colômbia...Papa recomendou educação na fé para combater conflitos no país (2) ao México...manifestou apoio aos bispos que querem impedir a comunhão aos políticos que votaram a favor do aborto.

Assim procedendo, a repórter põe em cena o enunciador Bento XVI que fala à América Latina. Encontramos nesta situação de comunicação, uma rica

evidência do gênero telejornal como articulador de vozes sociais (Cf. Blommaert, 2005), a partir da qual constatamos, numa esfera mais ampla, o papel da mídia como sendo uma das instituições mais influentes no processo da (re)organização social (Cf. Thompson, 1998)

Uma vez tendo mencionado os tópicos mais polêmicos, a jornalista, na condição de locutora da enunciação, aparece em uma *passagem*, em (1), na qual põe em cena a enunciativa repórter que comenta o constrangimento criado pelas declarações do Papa e, em (2), explica a postura do enunciador porta-voz do Vaticano.

Fragmento 8

*(1) A questão do aborto criou um certo mal-estar no voo papal... depois da entrevista de Bento dezesseis... (2) o porta-voz do vaticano procurou os jornalistas para esclarecer que (3) o Papa **não** quis excomungar ninguém com as suas palavras..(4) **para Bento dezesseis...quem vota a favor do aborto deve auto-excluir-se da igreja...***

Em (3), sob o pretexto de prestar um esclarecimento sobre as polêmicas declarações do Papa, o enunciador porta-voz do vaticano apresenta uma versão de modo a poupar Bento XVI e a Igreja, instituição formal representada pelo pontífice, de serem vistos como inquisidores. Ainda em relação ao enunciador porta-voz do Vaticano, percebemos em (4) um apelo dirigido aos políticos e demais adeptos à legislação do aborto para que se auto-excluam da órbita católica. Mediante esta postura, o porta-voz do Vaticano deixa claro que o pontífice considera bem mais conveniente que os defensores do aborto tomem a iniciativa de se afastarem. Podemos perceber, nesta cena enunciativa, que este encaminhamento do enunciador porta voz tem por objetivo preservar a imagem do Papa e da Igreja de um desgaste maior, caso a ex-comunhão, propriamente dita, fosse publicamente assumida como recomendação do Vaticano.

Fragmento 9

(1) O padre Frederico Lombardi foi claro: "que fique longe da comunhão quem for favorável ao aborto".

Esta enunciação parece-nos peculiar, por trazer à tona a polissemia do termo comunhão. No nosso entendimento, neste trecho, em específico, o enunciador das vozes do Vaticano, o padre Frederico Lombardi, assume uma postura bastante incisiva, ao condicionar a comunhão católica, que no ethos religioso é associada ao recebimento do corpo de Cristo simbolizado na hóstia, à comunhão de pontos de vista sobre princípios, considerados dogmas para a igreja.

Daí a recomendação para que os adeptos à legalização do aborto fiquem longe. No processo enunciativo, vozes dissonantes parecem ter o tratamento compatível ao contexto histórico no qual ecoam. Na Idade Média, seus sujeitos falantes iam para fogueira, era preciso queimar o corpo, apagando assim qualquer vestígio. Hoje em dia, quem sabe ainda entendidas como hereges, essas vozes são convidadas a se manterem à distância, numa tentativa da igreja em não ouvi-las para não ter de "excomungá-las".

Finalizando, a jornalista encerra sua reportagem, repetindo a tônica do comentário anterior quanto à repercussão desse debate:

Fragmento 10

as declarações de Bento dezesseis agitaram o longo vôo de Roma a São Paulo...as quatro e dois...hora de Brasília...o avião do Papa pousou em Guarulhos...Joseph Ratzinger veio encontrar um outro Brasil..Lula...o ex-operário...hoje é o presidente da república e o esperava no aeroporto...

Dando prosseguimento, a apresentadora do **JN** anuncia, ao vivo, a reportagem que se seguirá sobre a recepção ao Papa, antecipando que Bento XVI

havia sido recebido pelo presidente Lula, ocasião em que abençoou o Brasil. Ela menciona ainda que, de forma indireta, o Papa voltara a condenar o aborto.

Na cerimônia de chegada, o locutor Presidente Lula fala da perspectiva do enunciador chefe de Estado, destacando a importância da visita do Papa, a quem se refere como *santo padre* e não como chefe do Estado Vaticano:

Fragmento 11

*“o **nosso país** o recebe de braços abertos o **santo padre**... porque muito espera de sua liderança espiritual e moral... imprescindível para que a humanidade enfrente e supere seus enormes desafios no alvorecer deste novo milênio.”*

Em seguida, via citação indireta, o enunciador repórter incorpora o enunciador presidente (1), mencionando as seguintes preocupações do governo brasileiro:

Fragmento 12

o presidente afirmou que (1) o governo está preocupado em fortalecer a vida familiar... em oferecer um futuro digno aos jovens e em investir na educação para gerar oportunidades

Ainda da condição do enunciador chefe de Estado, que fala em nome da nação, o Presidente Lula, prossegue saudando o Papa e, nesse processo de enunciação, põe em cena a voz do enunciador povo brasileiro...

Fragmento 13

*“a sua visita ao Brasil é **para todos nós** uma benção... **os brasileiros e brasileiras** hoje **lhes dizem a uma só voz**: seja bem vindo Papa Bento dezesseis.”*

Depois de mostrar, em dois segmentos, o pronunciamento do presidente Lula, a reportagem dá seqüência a três trechos consecutivos do pronunciamento de Bento XVI, intermediados pela participação do repórter que, antecipadamente à veiculação de cada um deles, comenta a sua tônica. No primeiro, por exemplo, refere-se à pronúncia do idioma português fluente do Papa: *“Bento dezesseis surpreendeu com português fluente...”*

Neste primeiro momento o pontífice agradece a receptividade ao povo brasileiro:

Fragmento 14

*“dirijo a minha afetuosa saudação **a todos** os brasileiros sem distinção...homens e mulheres...famílias...anciãos... enfermos...jovens e crianças...**a todos digo** de coração...muito obrigado pela vossa hospitalidade.”*

Por meio do discurso indireto livre, o repórter menciona as expectativas do Papa e afirma que o pontífice, indiretamente, voltara a falar dos temas polêmicos.

Fragmento 15

*(1) o papa **disse que espera** que a conferência do episcopado..que ele vai presidir em Aparecida...traga novo vigor e impulso missionário a América Latina...e (2) **voltou a falar** indiretamente de aborto...(3) **citou também** a eutanásia...a morte induzida de doentes.*

Assim em (1) temos um dos mais habituais marcadores de polifonia, por meio do uso de verbo *dicendi*, indicadores de informação, aqui na forma composta, em (2) o uso de um marcador de pressuposição, que no caso subentende o fato do Papa já ter se pronunciado sobre o tema, como testemunham os próprios telejornais e a mídia, em geral; e em (3) temos dupla ocorrência observada nos itens 1 e 2, devido ao uso tanto de um verbo introdutor

de citação, quanto ao acréscimo do advérbio, com função de marcador de pressuposição acerca dos outros tópicos sobre os quais Bento XVI já havia se referido.

A seguir, então, o segundo trecho do pronunciamento do Papa, no qual reporta-se, indiretamente, ao aborto, sem mencioná-lo de forma explícita:

Fragmento 16

*“estou certo que em Aparecida, durante a conferência geral do Episcopado, será reforçada a identidade ao promover o **respeito pela vida desde a sua concepção** até o seu natural declínio como exigência própria da natureza humana.”*

Na sua quinta participação, o repórter apenas intermedia o encerramento da programação do primeiro dia da visita do Papa, dizendo: *“por fim...a benção”*. Então, em seguida vem o terceiro e último recorte do pronunciamento de Bento XVI: *“Deus abençoe a América Latina...Deus abençoe o Brasil... muito obrigado..”*.

A reportagem encerra com o jornalista informando que o Papa seguiu de Garulhos para São Paulo, onde recebeu as chaves da cidade, ao som de um coral de adolescentes.

Na seqüência, ainda no primeiro bloco desta edição, a apresentadora Fátima Bernardes, que a exemplo do que ocorreu em outros eventos midiáticos (Copa, jogos panamericanos, etc...) passou a abrir as reportagens fora dos estúdios da emissora, anuncia a polêmica entre a Igreja e o Governo brasileiro.

Após serem veiculados o segundo e o terceiro blocos, nos quais cerca de dez supertópicos foram abordados, desde aqueles relacionados ao Papa até demais notícias nacionais e internacionais, novamente a apresentadora do **JN** entra ao vivo. Ela aparece em frente ao Mosteiro de São Bento, inicialmente comentando que mesmo com um frio de oito graus, os fiéis faziam vigília para ver

o Papa e, em seguida, via discurso indireto, ressalta que o tópico aborto, mencionado pelo Papa, está sendo mostrado pela mídia.

Fragmento 17

*Nós já mostramos no Jornal Nacional que **o papa se manifestou contra o aborto por duas vezes...** (1) **só hoje...e esse tema** que tem motivado divergência entre a igreja e o governo brasileiro **também foi discutido na assembléia geral da conferência nacional dos bispos do Brasil...**que terminou hoje em Indaiatuba no interior paulista.*

Em (1) podemos inferir a pressuposição de que já teria falado antes mais vezes. Em princípio, o supertópico desta reportagem é a conferência da CNBB que estava acontecendo durante o período em que ocorreu a visita do Papa. Esta seria uma das justificativas, do ponto de vista jornalístico, para que tal assunto entrasse em pauta, em função da sua relevância social ser acentuada naquele momento.

Observamos, porém, a ocorrência de outros aspectos. No que tange à progressão temática do telejornal, como um todo, esta reportagem é apresentada como um fórum de debates, no qual o tópico *aborto* seria discutido com o devido destaque.

No entanto, inicialmente, a reportagem menciona outros tópicos como sendo os de maior destaque na pauta da conferência: a Amazônia, a formação do clero e o papel da mulher na igreja e, em seguida, informa a mudança de cargo na presidência da referida entidade. Depois, refere-se ainda a um alerta divulgado pelos bispos, no qual constam outros tópicos, tais como: aquecimento global, pesquisas sobre etanol x desequilíbrio ecológico, reforma agrária, soberania alimentar, crise ética no congresso, indícios de corrupção no judiciário e reforma política.

Este último tópico, o da reforma política, parece o mais próximo do tópico seguinte, abordado pela reportagem, que foi o convite feito pelo presidente Lula, à nova diretoria da CNBB, para que se reúna com os ministros da área social do Governo. A partir daí, a repórter introduz o tópico *aborto*, retomando a discussão que já vinha acontecendo na sociedade e sendo noticiada pelos telejornais.

Fragmento 18

*“um dos assuntos tratados será o aborto...há alguns dias...autoridades do governo e da igreja **têm manifestado**..publicamente.. suas divergências sobre a questão...o ministro da saúde...José Gomes Temporão...**tem dito** ser a favor de um debate nacional sobre a legalização do aborto e... por isso...**tem sido** criticado pela igreja...**ontem**...o ministro **disse** à rádio CBN que a forma como **tem sido** tratado pelos bispos é distante daquilo que Jesus ensinou”.*

O tempo verbal evidencia um ato contínuo que indica, de certa forma, a intertextualidade temática por meio das discussões centradas no mesmo tópico discursivo.

Em seguida, vem o pronunciamento do próprio Ministro da Saúde, José Gomes Temporão, anteriormente mencionado como uma das vozes do Governo:

Fragmento 19

É um tema delicado... que portanto tem que ser tratado com delicadeza....delicadeza essa que eu não tenho percebido em alguns setores da Igreja...que fizeram declarações... na semana passada... muito agressivas... bastante distantes do que Jesus ensinou.

Na intermediação do debate, a locutora da enunciação, no caso a repórter, entra em cena novamente, comentando os conflitos entre as vozes sociais dissonantes:

Fragmento 20

*A declaração **provocou uma resposta dura** do bispo de Blumenau...:*

Fragmento 21

Eu gostaria que realmente o ministério da saúde estivesse a serviço da vida e não da morte...o ilustre ministro da saúde seja da saúde e não ministro da morte.

Sem tecer comentários em relação às provocações recíprocas entre o Ministro Temporão e o Bispo Dom Ângelo Sândalo Bernardino, no que tange ao questionamento das respectivas missões, cuidar da saúde e pregar os ensinamentos de Jesus, a repórter reordena a organização tópica. No texto que antecede a resposta do Ministro da Saúde ao Bispo de Blumenau, a repórter põe em cena dois enunciadores ao se referir ao pronunciamento do Presidente Lula, que também tratou deste tópico:

Fragmento 22

***Também** o presidente Lula tratou do tema...(1) **lembrou que** ao longo de sua vida política...**tem dito** ser contrário ao aborto...(2) **mas** ressaltou que o assunto deve ser tratado como uma questão de saúde pública.*

Entendemos que em (1) temos o enunciador cidadão comum e, em contra-partida, em (2) o enunciador presidente, estando o primeiro mais à vontade para tomar decisões baseadas nos próprios sentimentos ou nas suas convicções pessoais que, estrategicamente neste caso, coincidem com o ponto de vista de todos os enunciadores da igreja.

Porém, é interessante perceber que no segundo caso, o locutor Lula vê-se compelido à investidura do cargo público. Assim, vem à tona o enunciador presidente da República, ao qual todos os ministérios estão submetidos jurídica e politicamente, razão pela qual nesta perspectiva a discussão é situada no escopo das políticas públicas. Sob este prisma, o enunciador presidente da república entra em conflito com a voz maior do chefe do Estado Vaticano, o Papa Bento XVI.

Não sem razão os telejornais não deram trégua a este debate. Muito pelo contrário, auto-instituíram-se como o cenário mais visível do embate polifônico, ao vivo e em cores, do Brasil para o mundo.

Deflagrando um outro tópico, a repórter reafirmou a postura do Papa quanto à manifestação dos bispos mexicanos:

Fragmento 23

“Hoje...o papa Bento dezesseis apoiou a decisão de bispos mexicanos de indicar a excomunhão de políticos que legalizarem o aborto...”

Observamos que nem mesmo mediante as novas declarações do Papa a repórter posiciona-se no sentido de constatar que de nada adiantou a intervenção do porta-voz do Vaticano, quando tentou justificar que o Papa não havia dito o que disse. Ela apenas foca sua atenção em outro tópico, mencionando a provocação de uma colega jornalista que intimidou o Ministro da Saúde durante uma entrevista:

Fragmento 24

Uma repórter perguntou ao ministro Temporão se ele teme ser excomungado.

Em seguida, a repórter limita-se a reproduzir a resposta do ministro Temporão, que parece dirigir-se tanto à provocação recebida (1) quanto aos segmentos da Igreja contrários ao seu ponto de vista(2):

Fragmento 25

*“(1) Eu acho que a fé **não** pode ser excomungada né?. fé cada um professa a sua..sem nenhum problema...eu acho que (2) uma questão é que cada um possa se manifestar livremente sobre suas crenças..opiniões e filosofias..outra coisa é a decisão do governo...do Estado brasileiro...através do Congresso Nacional em relação a essas questões”.*

Encerrando a sua reportagem, a locutora/repórter anuncia a reposta dada por Dom Rocha ao Ministro Temporão, ocasião em que deixa transparecer o seu ponto de vista, enquanto enunciadora, à medida que se refere à igreja, como tendo postura **firme**:

Fragmento 26

*“O novo presidente da CNBB afirmou que está aberto ao diálogo..mesmo que a igreja tenha uma posição **firme** sobre o aborto”.*

O locutor Bispo, da perspectiva do enunciador presidente da CNBB, também fala em nome da igreja, enunciadora de um conjunto de vozes, circunscritas numa mesma esfera. Considerando o fato que este enunciador representa uma instituição de âmbito nacional, diferente da posição de onde fala o Bispo de Blumenau, Dom Rocha busca transparecer uma postura mais democrática, aberta ao diálogo, embora ressalte que isto não deva ser entendido como sinônimo de uma mudança de opinião. Em outras palavras, o Bispo pontua que a predisposição da CNBB em cooperar, conversando com vozes opositoras ou dissonantes, não implica em concordar com estes dissidentes ou aderir a tais perspectivas, contrárias a da Igreja.

Fragmento 27

“A Igreja está sempre aberta a dialogar com todos sobre tudo...dialogar...ouvir...não significa sempre concordar”.

Nas edições do dia seguinte, quinta-feira 10 de maio de 2007, os dois telejornais procederam de modo significativamente diferente quanto à centração tópica. O **CN** mencionou que tópicos polêmicos, como o do aborto e o do uso de preservativo, não tinham sido tratados nas solenidades daquele dia, nas audiências do Papa com o governador de São Paulo e com o presidente Lula. Por outro lado, considerando-se as delimitações que os formatos das reportagens costumam apresentar em uma emissora comercial, o **JN** trouxe uma significativa pluralidade de vozes, apresentado-as como femininas, na abordagem do tópico aborto.

Já no seu texto de abertura, o **JN** estabeleceu uma *intertextualidade temática* com a edição do dia anterior, quando o tema foi tratado mediante a mesma centração tópica. O apresentador Wiliam Bonner assim anunciou:

Fragmento 28

*“O tema aborto está em evidência **o que reacendeu o debate foi a colocação da questão como um caso de saúde pública ... o jornal nacional ouviu opiniões femininas a respeito**”.*

A reportagem iniciou, com o texto (*off*) da repórter, destacando o paradoxo do perfil desta primeira mulher entrevistada:

Fragmento 29

*A fé da secretária Edclênia se renova com as orações... católica...**ela diz que** tem uma religiosidade sintonizada com a igreja... **mas** quando o assunto é aborto... segue outro caminho...*

Em seguida, a secretária justifica seu ponto de vista:

Fragmento 30

“Na minha opinião.. pelo menos... o aborto pra mim teria que ser legalizado...mas pelo que nós vemos hoje em dia... meninas de treze...quatorze anos ficando grávidas e depois não podendo estudar mais...acho que a minha fé com Deus é uma e o que tão falando sobre aborto é outra”.

No texto que se segue, a locutora refere-se ao ponto de vista da igreja (1), mas em (2) não deixa claro se continua reportando-se ao que defende esta voz institucional ou se passa a emitir sua própria voz enunciativa ao tratar da contracepção. Além disto, observamos que a forma elíptica, ao não repetir **defende que**, permite uma ambigüidade. Deste modo, a repórter tanto pode ter limitado-se a enunciar a voz da igreja, quanto acrescentado seu comentário enquanto segunda voz enunciativa. No final do *off*, que dá seqüência à entrevista, em (3), a repórter antecipa a opinião da teóloga contrária ao aborto.

Fragmento 31

*(1) A igreja católica **defende que** a vida tem que ser preservada desde a concepção...(2) e o único método para se evitar a gravidez é o natural... a conhecida tabela do ciclo da menstruação...(3) para a teóloga ... este não é um conceito ultrapassado... ela diz que a vida moderna não pode ser uma desculpa para o que chama de crime contra a vida.*

E em seguida, a teóloga Clara Bingemer justifica seu ponto de vista, entoando um coro de vozes com pensamento semelhante e argumento idêntico.

Fragmento 32

É um ser humano tirar a vida de outro ser humano e mais grave ainda, de um ser humano que não pode se defender.

A seguir, encontramos um traço relevante, pelo qual a repórter assume explicitamente o seu papel na elaboração do *discurso reportado*, sobretudo na definição da *centração tópica*, quando interpreta o que seria o foco do debate na perspectiva da teóloga entrevistada.

Fragmento 33

*“De acordo com ela...o **foco do debate** deveria ser a educação”*

Em seguida, então, a teóloga discorre sobre o que pensa ser o cerne da questão

Fragmento 34

“Eu acho que tem que se começar por uma formação adequada das crianças e dos jovens sobre a vivência da sexualidade...A saída é uma formação consistente...madura...para o uso responsável da sexualidade”.

Na seqüência, por meio de texto de *passagem* em conjunto com um *off*, a repórter refere-se ao código penal, bem como às pesquisas acadêmicas:

Fragmento 35

“Pelo código penal brasileiro...o aborto só é permitido em duas situações: quando a mulher é vítima de violência sexual ou quando corre risco de vida durante a gestação... às mulheres que decidem interromper uma gravidez

considerada indesejada...só restam as clínicas de aborto clandestinas...um estudo da universidade do estado do rio estima que...por ano no Brasil... haja um milhão de abortos...a maioria das grávidas tem de vinte a vinte nove anos...entre dois mil e dois mil e quatro...morreram quase setecentas mulheres vítimas de complicações depois de fazerem abortos clandestinos...a presidente da sociedade de ginecologia e obstetrícia do rio diz que os maiores riscos são as infecções e as hemorragias”.

Por fim, ressaltamos outro procedimento singular da reportagem do **JN**, que foi o de ter “encerrado a discussão” (em termos do seu acabamento textual/discursivo), com uma opinião contundente, a da representante da Sociedade de Ginecologia do Rio de Janeiro, Vera Fonseca, favorável à polêmica legalização do aborto:

Fragmento 36

“Qualquer complicação dessa pode levar à morte..um dado importante é mostrar que hoje os abortos são a quarta causa de mortalidade materna dentro do nosso país”.

Quando nos referimos ao procedimento singular, queremos dizer que fica visível a relação existente entre as vozes enunciadoras favoráveis à legalização do aborto. Assim, identificamos a *centração tópica* entre os que comungam da idéia de que se trata de uma “questão de saúde pública”, conforme focaram as vozes do Governo, considerando os depoimentos anteriores, veiculados durante esta semana, tanto do ministro José Gomes Temporão, quanto do próprio presidente.

Concluindo a análise deste tópico, em ambos os telejornais, mencionaremos uma nota comentada pelo apresentador do telejornal **CN**, pela qual a *centração tópica*, até então voltada à polêmica do *aborto*, foi deslocada

para as “polêmicas declarações” do José Gomes Temporão, referidas desta forma genérica pelo citado noticiário. Vejamos:

Fragmento 37

*(1) e o ministro da saúde...José Gomes Temporão adora uma polêmica...(2) **primeiro** ele defendeu publicamente o aborto como forma de política pública...(3) **isso** fez desabar contra ele uma avalanche de críticas da igreja católica e de setores conservadores (4)..**agora** ele quer proibir gente famosa de fazer propaganda de cerveja....(5) **com isso** ele pode deixar de fora da tv modelos (6)**e até** o zeca pagodinho...os juristas consultados foram unânimes..(7) **isso** é inconstitucional..(8) **mas** temporão considera a participação de zeca pagodinho patética e constrangedora...o ministro (9) **disse até que** é fã do pagodinho sóbrio..(10) **mas** será que **ele** existe?*

Assim, temos em (1) uma referência superficial, à medida que desvia o foco relevante da discussão do *aborto*, seja ele moral (como quer o enunciador igreja) ou social (como pretende o enunciador governo) para atribuir, a uma autoridade, uma espécie de vocação nata pela polêmica, sentido este que pode ser percebido pela forma como o verbo *adorar*, junto ao artigo *uma* integram a expressão “*adora uma...*”.

No ponto (2), em específico, fica perceptível a intertextualidade, quando o locutor jornalista retoma a forma pela qual este tópico foi tratado em outras ocasiões pelo ministro. Em (3) condensa neste pronome referencial as enunciações anteriores acerca desta centração tópica. Em (4) o marcador de pressuposição *agora* dá a entender que, afora tudo que já disse a respeito deste tópico, o ministro deve ter achado pouco e vem com mais uma declaração polêmica, com o intuito de proibir gente famosa, reforçada em (6), na expressão *e até*, quando menciona Zeca Pagodinho, como se o cantor fosse intocável, e, necessariamente representasse, para todos os brasileiros, uma espécie de unanimidade nacional, a exemplo da cerveja ou do carnaval.

Em (7) temos novamente o uso de um pronome demonstrativo/dêitico para se referir às intenções do ministro que, segundo o telejornal, são inconstitucionais, dentro da perspectiva jurídica consultada pelo jornalista que se auto-atribui – indiretamente – a função de julgar e condenar a atitude de uma autoridade do governo federal. Como abordamos no capítulo relativo à contextualização da mídia, entre as chamadas coerções sociais é visível o embate entre segmentos dos poderes simbólico e político.

Dando continuidade, em (8) o locutor (jornalista), investido da voz jurídica, por meio do operador argumentativo *mas*, contrapõe-se à avaliação do ministro Temporão. Próximo a sua conclusão, em (9), via discurso indireto, introduz um marcador de polifonia, para se referir ao que o ministro teria acrescentado sobre o Zeca Pagodinho e, por fim, em (10), novamente por meio do uso do operador *mas*, contrapõe seu argumento, desta vez de forma irônica, visto que parece não acreditar no que disse o citado ministro, ao questionar: “*mas* será que *e/e* existe?” Supomos que o pronome pessoal, com função anafórica, refira-se ao compositor Zeca Pagodinho, porque se for entendido como referente ao ministro, o sentido se amplia sobremaneira, de modo a desacreditar totalmente a sua fala.

CONCLUSÕES

Quando iniciamos este trabalho com o propósito de entender alguns aspectos do funcionamento do telejornal, principalmente os relacionados ao estabelecimento de relações intertextuais de natureza temática e à emergência e ao tratamento das vozes da sociedade no seu interior, consideramos imprescindível situá-los no contexto social no qual são geradas as chamadas condições de produção e das quais advém, conseqüentemente, as coerções de ordem social que incidem sobre o nível textual-discursivo.

Por esta razão, embasamo-nos em teorias da linguagem que, a partir do princípio da mútua constitutividade entre linguagem e contexto, concebem os gêneros como práticas sociais capazes de constituir visões de mundo sendo, ao mesmo tempo, por elas influenciadas.

A propósito, foi a partir desta perspectiva teórica e opção metodológica de análise que encontramos referências para entender o gênero da forma como ele se apresenta e não como, *a priori*, poderia ser (e que para determinadas correntes da Comunicação Social e da Semiótica ainda é) entendido.

Assim, optamos por não nos basear em arcabouços que entendessem o telejornal como mero sub-gênero noticioso, dentro da gama de gêneros audiovisuais, tais como filmes, documentários, vídeo-reportagens e congêneres.

De fato, não nos ativemos a este conceito que se baseia na similaridade pressuposta em congêneres, porque não tínhamos o interesse de adotar postura classificatória, por meio da qual simplesmente identificaríamos determinadas características definidoras de um dado gênero.

Reconhecemos, sim, com base nos autores adotados, que a presença dos traços constitutivos dos gêneros é inegável e, ainda, que é a partir dela que costumamos reconhecer os gêneros. No entanto, duas questões relevantes e interrelacionadas surgem daí. Primeiro, se nos predispuséssemos apenas ao

reconhecimento dos gêneros, é porque não estaríamos dispostos a produzir novos conceitos acerca dessas produções discursivas ou mesmo redimensionar aqueles já adquiridos e, conseqüentemente, em segundo lugar, assim procedendo estaríamos nos baseando em uma concepção de estrutura fixa, refratária às mudanças.

Relacionando esta discussão com a análise do nosso *corpus*, queremos dizer, por exemplo, que o fato de um telejornal alterar algumas características do seu formato habitual, apresentando as manchetes, relativas às notícias mais importantes, por meio de entradas ao vivo, gravadas na rua, ao invés de apresentar as manchetes geradas a partir do estúdio da emissora, não seria motivo para que este deixasse de ser concebido como um telejornal.

Embora o modo de estruturar a notícia tenha alguma relevância, mais do que o lugar no qual a notícia foi produzida, no sentido estritamente tópico, dentro da perspectiva polifônica da enunciação, consideramos importante analisar *de onde* falavam as vozes postas em cena, por cada um dos dois telejornais, e, ainda, sobre *o que* se pronunciavam.

Ressaltamos que o nosso interesse não era verificar, tão somente, o *conteúdo* destes pronunciamentos. Por esta razão, buscamos entender o *procedimento* pelo qual estas vozes sociais relacionavam-se com o fenômeno da *centração tópica*, aqui entendido como sendo aquele responsável pela definição do foco relevante da notícia, por parte de cada uma dos telejornais. Deste modo, tivemos condições propícias à análise, por vezes concomitantemente, do caráter tanto polifônico, quanto intertextual dos telejornais analisados, das emissoras pública e privada.

Podemos dizer que, de certa forma, ao contrário do que pressupúnhamos, tais procedimentos - *centração e enunciação polifônica* - estão menos relacionados aos seus respectivos modelos de televisão. Conforme abordamos na discussão teórica, as distinções conceituais acerca da função social destas emissoras, em tese, pareciam suficientemente significativas para imprimir

Digamos que, no nível macroestrutural, isto ocorre e, foi observado na análise do *corpus*. As emissoras TV Globo e TV Cultura apresentaram significativas diferenças quanto as suas respectivas missões e visões perceptíveis desde o modelo de gestão até as grades de programação. É próprio das emissoras comerciais terem mais programas dedicados ao entretenimento que à informação, à educação e à cultura, tônica esta predominante nas tvs educativas, culturais, universitárias ou ainda comunitárias. Este contra-ponto é perceptível no exemplo que se segue: *Big Brother Brasil* (TV Globo) x *Doc Brasil* (TV Cultura), que não por acaso denotam olhares significativamente diferentes sobre a identidade nacional brasileira.

As duas emissoras demonstram também formas distintas de articulação e de apresentação dos elementos constitutivos do gênero telejornal, que são agrupados nos blocos de seus respectivos noticiários, ao longo da veiculação. Um bom exemplo está no comentado quadro especial “*Eu vou ver o Papa*”, veiculado pelo Jornal Nacional *versus* às entrevistas de estúdio, acerca de tópicos relacionados ao supertópico *visita do Papa* ao Brasil, realizadas pelo telejornal Cultura Noite.

No primeiro caso, observamos a tônica das emissoras comerciais, com maior vocação a agradar aos diversos segmentos do público e a dar vazão a apelos emocionais. Já no segundo, encontramos a vocação educativa, das emissoras públicas, para estabelecer diálogos, com determinados segmentos da sociedade, com o propósito de debater os temas considerados de maior relevância social.

Com relação ao patamar textual-discursivo, devemos reconhecer, no entanto, que no ato de se reportar aos acontecimentos, do ponto de vista enunciativo, o telejornal da emissora TV Globo apresentou mais características que evidenciam a polifonia. Quando anunciou, por exemplo, que para tratar da legalização do aborto, tinha se preocupado em ouvir vozes femininas, de fato

elaborou uma reportagem na qual mulheres de diversas formações, de advogada à teóloga, manifestaram seus diferentes pontos de vista.

Por outro lado, em que pese a TV Cultura ter dado igual atenção a outros tópicos discursivos, decorrentes do supertópico *visita do Papa*, igualmente relevantes ao da *legalização do aborto*, por diversas vezes limitou-se ao discurso reportado indireto, sem trazer à tona a diversidade de opiniões a respeito de tais temas.

Vale ressaltarmos que a simples realização de uma reportagem, para a qual - incondicionalmente- são gravadas entrevistas, não é garantia de *polifonia*, ou seja, de pluralidade de perspectivas enunciativas. Do mesmo modo, o fato de uma nota ser redigida e lida por um único locutor, sem a citação direta da opinião dos entrevistados, não significa que o ponto de vista enunciado seja única e exclusivamente do sujeito falante, porque necessariamente a enunciação põe em cena mais de um enunciador, com um dos quais o locutor se identificará

Mais especificamente, no que diz respeito às categorias de análise, na emissora educativa, cuja missão é respeitar a diversidade sociocultural, não verificamos a mobilização de uma gama de vozes sociais que contemple os diversos segmentos da sociedade. Em contrapartida, a emissora comercial, apesar de situada no contexto da iniciativa privada, no universo das unidades analisadas mobiliza, de forma mais evidente, os diversos segmentos sociais.

Consideramos relevante destacar que o JN tem como patrocinador uma voz enunciativa de uma instituição financeira, que diz explicitamente: “*O Unibanco oferece o Jornal Nacional*”. Falando ainda deste lugar enunciativo, implicitamente, esta voz sugere que este banco tenha valores diferentes daqueles relacionados aos das demais empresas do ramo, cujas atividades são eminentemente lucrativas, quando diz: “*Unibanco nem parece banco*”. Este aspecto, porém, não se torna impositivo no sentido de levar a emissora a se alinhar com este segmento social, em específico, a ponto de descartar as demais vozes sociais no conjunto do seu noticiário.

Ainda que resguardada pela chancela de pública, a TV Cultura não está refratária aos enunciadores representantes do setor privado. Em função da já mencionada abertura na legislação pertinente à veiculação de anúncios, sob o pretexto de apoio cultural ou patrocínio, a emissora exhibe, por exemplo, um anúncio do *Ford Fusion* que, num tom de justificativa, conclui o seguinte: “ *Para poder falar, você precisa ter ouvido. Para poder acertar, você precisa ter tentado. Para poder liderar, você precisa ter obedecido*”, até sentenciar, no slogan, que :” “*Quem dirige um Ford Fusion fez por merecer*”.

Parece bastante evidente que o produto esteja direcionado a um patamar do público-consumidor e não ao público-cidadão ao qual, em tese, as emissoras culturais e educativas deveriam se referir. Afinal, trata-se de um carro considerado *top* de linha da montadora americana, cujo modelo considerado básico custa R\$ 83.620,00.

Devemos lembrar que ambas as emissoras são concessões públicas. Ou seja, se em princípio a TV educativa, de gestão pública, deve ter um compromisso maior com o público, razão pelo qual enaltece, nas suas chamadas, o slogan: “TV Cultura cada vez mais pública!” ou, ainda, “Cultura: modelo público de televisão”, por outro lado, a emissora comercial, mesmo administrada por uma organização privada, sabe da contingência de fazer um gênero de jornalismo que se configure como prestação de um serviço público.

Com relação à intertextualidade temática, esta é bem menos evidente do que afirmam os estudos da comunicação social, fundados na teoria do agendamento que observam, de modo geral, a coincidência dos temas pautados.

Considerando o critério da centração tópica, mais especificamente os traços de concernência, relevância e foco, vimos que, mesmo diante da referência a supertópicos semelhantes, este procedimento é diferente, na maior parte das vezes, por ressaltar aspectos não coincidentes. No caso da visita do Papa Bento XVI, por exemplo, a organização tópica nas notícias relativas à legalização do aborto foi conduzida de forma distinta.

Na referência, especificamente, às polêmicas declarações das autoridades, religiosas e governamentais, não houve coincidência no foco ressaltado, bem como no modo de estabelecer a sua relevância. O JN interpreta o pronunciamento do porta-voz do Vaticano como sendo este contrário às vozes dissonantes. Já no CN, as declarações foram atenuadas diante da ressalva, feita pela apresentadora, de que o Papa teria dito apenas que os bispos estariam certos em lembrar um direito canônico que prevê a excomunhão, e que isto não significaria que a Igreja estivesse defendendo tal medida. Deste modo, a locutora alinha-se ao enunciador porta-voz do Vaticano sobre as enunciações do pontífice

Assim sendo, esperamos, com esta análise circunscrita a este corpus, demarcado pelo contra-ponto gênero telejornal em uma televisão comercial *versus* o mesmo gênero em uma emissora educativa, termos apresentado uma contribuição relevante para a reflexão acadêmica de objetos difíceis de serem analisados, como são tanto a televisão quanto os gêneros, intrinsecamente relacionados no conceito de gênero multimodal (telejornal).

Temos consciência da amplitude teórico-metodológica das categorias adotadas, mas não conseguimos conceber de outra forma a análise deste universo audiovisual, comumente estudado no campo a comunicação social de forma superficial, com aportes teóricos voltados bem mais para a mídia enquanto sistema do que enquanto linguagem produzida dentro de determinados sistemas.

Esta questão teórico-metodológica, por sua vez, tem um impacto na atividade de ensino, visto que estas pesquisas costumam fundamentar o plano de curso de docentes à frente de disciplinas ligadas à televisão e, conseqüentemente, interferem na formação discente, sobretudo dos alunos de telejornalismo, que são levados a ter uma visão tecnicista da linguagem que, particularmente, nesta mídia já é marcada por todo um aparato técnico de produção e veiculação.

Por fim, diante da extensão do *corpus* e da amplitude do tema estudado, sabemos que sua abordagem foi forçosamente circunscrita tanto em termos metodológicos, quanto analíticos, razão pela qual não se esgota aqui.

Considerando que a construção do conhecimento é um processo e o saber nunca é absoluto e sim transitório, cremos na validade deste estudo.

Mediante a complexidade do corpus de um gênero *multimodal*, como são os telejornais aqui apresentados, achamos por bem tecer algumas considerações a respeito das inúmeras abordagens possíveis, além daquela a qual nos predispomos. Além das diversas propostas que poderiam advir da análise textual e/ou discursiva, várias outras poderiam ser desenvolvidas a partir da leitura das imagens, afora aquelas que também podem articular ambas as linguagens.

Sendo a televisão uma mídia que chega ao público pela oralidade, o estudo da modalidade falada da língua, baseado no campo da sociolingüística, para verificar como os dialetos regionais são editados em telejornais de caráter nacional, representa uma possibilidade extremamente rica. Este universo poderia receber outra abordagem, tanto da semântica quanto da pragmática, sem falar nos diversos estudos fonético-fonológicos se, por ventura, o objeto escolhido fosse o padrão entoacional das emissoras locais e daqueles repórteres que, eventualmente, entram em rede nacional.

Se nos voltássemos, por outro lado, para os processos de retextualização, fundamentados na lingüística textual e na análise da conversação, teríamos outro manancial, considerando que o texto de TV é, na sua origem, tanto escrito para ser lido como espontaneamente falado, e que neste processo passa por transformações bastante significativas. A se considerar as várias abordagens da análise do discurso ou, ainda, das análises críticas do discurso, inúmeras outras delimitações seriam possíveis, inter-relacionando o texto ao contexto, o discurso à sociedade.

Assim sendo, dentro do que nos propomos, consideramos ter havido uma contribuição, em termos da relevância teórica da discussão proposta, quanto à pertinência de determinados conceitos para a compreensão de um corpus desta natureza, levando-se em conta, conforme já foi dito, que este objeto de estudo,

oriundo do campo da comunicação social, comumente é analisado de modo superficial, em função do desconhecimento, por boa parte destes autores, de teorias lingüísticas (e afins) adequadas à investigação da linguagem, seja ela a interpessoal ou midiática, até porque a segunda contempla a primeira. Aliás, provavelmente, advém daí alguns dos graves equívocos cometidos por pesquisadores da mídia que, paradoxalmente, tomam por suficientes as teorias dos meios de comunicação e, quando se auxiliam de teorias da linguagem, o fazem ainda com um ranço sistêmico do estruturalismo e do formalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA PEREIRA, R. Gêneros Multimodais: uma discussão sobre letramento visual, ensino e práticas sociais.(S/ R) Universidade Federal de Santa Catarina. Acessado em 12.01.08

ARNT, R. A desordem no mundo e a ordem do jornal *in* NOVAES, Adauto (org).Rede Imaginária:Televisão e Democracia. São Paulo: Cia das Letras,1991.

AROUCHE DE SOUZA, J.C.Gêneros e formatos da televisão brasileira. São Paulo: Summus,2004.

AUMONT, J.A Imagem. Campinas,SP:Papirus,1993.

BAKHTIN,M. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BAZERMAN, Charles. Gêneros textuais, tipificação e interação.Trad.de Judith Chambliss Hoffnagel. Orgs.Ângela Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo:Cortez,2006.

BEZERRA,P.Palavra.*In*:Brait,B.(Org).Bakhtin:conceitos-chave.São Paulo:Contexto,2005.

BISTANE, Luciana. Jornalismo de TV. São Paulo:Contexto,2005.

BLOMMAERT, J. Dicourse- A Critical Introduction. Cambridge university Press:2005.

BONINI, Adair. Gêneros textuais e cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos. Florianópolis:Insular,2002.

BOURDIEU, P. Sobre a Televisão: Rio de Janeiro; Zahar, 1997.

BRAIT, Beth. Bakhtin: conceitos-chave. (Org). Beth Brait. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido. (Org). Beth Brait. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

BRANDÃO, H H.N. Introdução à análise do discurso. Campinas; SP, Editora da Unicamp, 2004.

BRANDÃO, N G. O Espetáculo das Notícias-A televisão generalista e a abertura dos telejornais. Lisboa; Editorial Notícias, 2002.

BRASIL, A.C. A Revolução das Imagens- uma nova proposta para o telejornalismo na era digital. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.

BRIGGS, A. Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet. Trad.de M^a Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BUCCI, E. A TV aos 50 Anos-Criticando a TV brasileira no seu cinquentenário São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000

_____. Brasil em tempo de TV. São Paulo: Boitempo, 2000.

_____. A TV pública não faz, não deveria dizer que faz e, pensando bem, deveria declarar abertamente que não faz entretenimento. *in* Caderno de Debates. Vol 1. Diagnóstico do campo público de televisão. I Fórum nacional de TV's Públicas. Brasília, 2007.

BURKE, P. Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet.Trad.de M^a Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro:Jorge Zahar,2004.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura. Trad. Roneide Majer.Vol São Paulo:Paz e Terra,1999.

CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: Fapesp,1986, Vol I – Elocuções Formais.

CEREJA, W. Significação e tema *in*. Brait.B.(Org).Bakhtin:conceitos-chave.São Paulo:Contexto,2005.

CHARAUDEAU.P.Discurso das mídias. Trad. de Angela Corrêa.São Paulo:Contexto,2006.

CURADO, O. A notícia na TV. O dia-a-dia de quem faz telejornalismo. São Paulo:Alegro,2002.

DEMO,P.Metodologia do Conhecimento Científico.São Paulo:Editora Atlas,1989.

DIJK, T. A van. Cognição, Discurso e Interação.(org.e apresentação de Ingedore G.Villaça Kock).São Paulo:Contexto,1992.

DONDIS, D.A.Sintaxe da Linguagem Visual.São Paulo:Martins Fontes,1997.

DUARTE, E B.Televisão:ensaios metodológicos. Porto Alegre:Sulina,2004.

DUCROT, O. Le dire et le dit. Paris:Les Éditions de Minuit,1984.

_____. O dizer e o dito. Trad.de Eduardo Guimarães.Campinas,SP: Pontes,1987.

FAÏTA, D. A Noção de “Gênero Discursivo” em Bakhtin: uma Mudança de Paradigma *in* Brait. Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido. (Org).Beth Brait. Campinas,SP: Editora da Unicamp,2005.

FARACO, C A .Oficina do Texto. Petrópolis,RJ:Vozes,2003.

GAYDECZKA, B. A multimodalidade na reportagem impressa. Disponível em www.ronaldomartins.pro.br/metodologia/textospararesenha.htm. Acessado em 10/01/08.

GUIMARÃES, E. Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas,SP:Pontes,1995.

HANKS, W F. Os gêneros do discurso em uma teoria da prática. In: HANKS, William F. Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Organização e apresentação: Anna Christina Bentes; Renato C. Rezende; Marco Antônio R. Machado. São Paulo: Cortez, 2008 [no prelo]

HERNANDES, N. A mídia e seus truques: o que jornal, revista,TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo;Contexto,2006.

INTERTEXTUALIDADES. Poéticas.Revista de teoria e análises literárias. Coimbra-Livraria Almedina-1979.

JOLY, M. Introdução à Análise da Imagem. Trad. De Marina Appenzeller. Campinas,SP:Papirus,1996.

JUBRAN,C.C.S. Revisitando a noção de tópico discursivo *in*. Cadernos de Estudos Lingüísticos.Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem-Campinas,SP,nº 48 (1),2006.

KILPP, Suzana. Ethicidades Televisivas- sentidos identitários na TV: moldurações homológicas e tensionamento. São Leopoldo:Ediora Unisinos,2003.

KOCH, Ingedore G. V. A Inter-ação pela linguagem. São Paulo:Contexto,1992.

_____ A Coesão textual. SP-Contexto-1993

_____ A Coerência textual. SP-Contexto-1995

_____ Desvendando os segredos do texto. São Paulo:Cortez-2002

_____ O Texto e a construção dos sentidos. São Paulo:Contexto,2002.

_____.Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas. São Paulo:Martins Fontes,2004.

KOCH, I. G.V; BENTES, A.C; CAVANCANTE, M. Intertextualidade: diálogos possíveis. São Paulo:Cortez,2007.

KOVACH,B. Os Elementos do jornalismo. (Trad. De Wladir Dupont). São Paulo:Geração Editorial, 2004.

LAGE, N. Teoria e técnica do texto jornalístico. Rio de Janeiro:Elsevier, 2005.

MACHADO, A. A Televisão levada a sério. São Paulo:Editora Senac,2000.

MACHADO, I. Gêneros discursivos *in* Brait. Beth (Org).Bakhtin:conceitos-chave. São Paulo:Contexto,2005.

MACIEL, Pedro. Jornalismo de televisão: normas práticas. Porto Alegre:Sagra,1995.

MAINGUENEAU, D. Elementos de lingüística para o texto literário. Trad.de M^aAugusta Bastos de Mattos.São Paulo:Martins Fontes,1996.

_____ Pragmática para o discurso literário. Trad.de Marina Appenzeller. São Paulo:Martins Fontes,1996.

MARCUSCHI, L A. Da fala para a escrita:atividades de retextualização. São Paulo:Cortez,2001

_____ Fala e Escrita na grade dos Gêneros Textuais.(mimeo)

MEMÓRIA GLOBO. Jornal Nacional: a notícia faz história.Rio de Janeiro:Jorge Zahar,2004.

MILLER, J-A. A Máquina Panóptica de Jeremy Benthan (Trad. de M.D Magno) *in* O Panóptico (Org. Tomaz Tadeu da Silva). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MINC. Caderno de Debates. Vol 1. Diagnóstico do campo público de televisão. I Fórum nacional de TV's Públicas:Brasília,2007.

_____. Cadernos de Debates. Vol 2.Relatórios dos grupos temáticos de trabalho. I Fórum nacional de TV's Públicas:Brasília,2007.

MONETA, A. Segredos da Rua-A vida real do repórter da Rede Globo-Projeto Experimental:PUC-Campinas,1996.

MÜLLER, Mary Stela. Normas e Padrões para teses, dissertações e monografias. Londrina:Eduel,2007.

MUSSALIM,F.e BENTES, A.C (orgs) Introdução à lingüística:domínios e fronteiras. Vol I São Paulo:Cortez,2001.

MUSSALIM,F.e BENTES, A.C (orgs) Introdução à lingüística:domínios e fronteiras Vol II SP-Cortez-2001

NEIVA Jr. E. A Imagem. São Paulo:Editora Ática,1986.

NOVAES, Adauto (org).Rede Imaginária:Televisão e Democracia. São Paulo: Cia das Letras,1991.

PATERNOSTRO, V.Í. O Texto na TV- Manual de Telejornalismo.São Paulo: Brasiliense,1987.

PENA. Felipe. O repórter de TV foi atropelado.Discurso, mediação e construção da notícia. (mimeo)

PEREIRA Jr. A. E. V. As Rotinas Produtivas dos Editores de Texto no Telejornalismo: decidindo o que é notícia (mimeo)

PRADO, F. Ponto Eletrônico-Dicas para fazer TJ c/ qualidade. São Paulo: Publisher,1996.

PRETI, Dino. Sociolingüística- Os níveis da Fala: Um estudo Sociolingüístico do diálogo na Literatura brasileira.São Paulo:Editora.da Universidade de São Paulo: 1997.

REZENDE, G.J. Telejornalismo no Brasil -um perfil editorial. São Paulo:Summus,2000.

REZENDE, R.C. O Tópico discursivo em questão: considerações teóricas e análises de uma narrativa literária. *In* Cadernos de Estudos Lingüísticos.Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem-Campinas,SP,nº 48 (1),2006.

RITTES, A.Máquina de fazer doido: reflexões sobre a televisão na era da absolutização da imagem. Santos,São Paulo:Editora Iporanga,2000.

ROSE, D. Análise de imagens em Movimento *in* Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Bauer, M.W Gaskell,G.(editores),Trad. De Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis,RJ:Vozes,2002.

RUIZ,V.Introdução ao Projeto de Pesquisa. Petrópolis,RJ:Vozes,1991.

SANTAELLA, L.& NÖTH, W. Imagem: Cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Editora Iluminuras, 1998.

SCORSIM, E M. Estatuto dos Serviços de TV por Radiodifusão. Tese de Doutorado. Faculdade de Direito da Universidade da USP,2007.

SILVERSTONE, R. Por que estudar a mídia? Trad.de Milton Camargo Mota. São Paulo:Edições Loyola,2002.

SOUSA, J P. Teorias da Notícia e do Jornalismo. Chapecó,SC:Argos,2002.

SQUIRRA,S.Aprender Telejornalismo: Produção e Técnica.São Paulo:Brasiliense,1990.

TEIXEIRA de CASTRO,A; PRETI,D. (org.) A linguagem falada culta na cidade de são Paulo: materiais para seu estudo. São Paulo: Fapesp,1986.

TEZZA, Cristóvão.Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo.Rio Janeiro:Rocco,2003.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade - uma teoria social da mídia. Petrópolis,RJ:Vozes,1998.

WOLTON, D. Elogio do Grande Público. Uma Teoria Crítica da TV. São Paulo: Ática,1996.

_____Pensar a comunicação.Brasília:Editora UNB,2004.

ANEXOS E APENDICE

ANEXO A- Normas do NURC

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Interrogação	?
Exclamação	!
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do pesquisador	((minúscula))
Citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura de textos	" "
Uso de maiúsculas para os textos narrados ao vivo; bem como nomes próprios em q/q situação.	LOC (v) Maceió
Caixa baixa para as siglas	pt prn
Números e percentuais por extenso	

Fáticos, expressões de ênfase ou murmúrios	ih ah
---	----------

Fonte de Referência: Castilho, A. T.; Preti, D. (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: Fapesp, 1986, Vol I – Elocuções Formais.

ANEXO B- Glossário de Telejornalismo

Ao vivo: Transmissão de um fato. A notícia na hora em que ela acontece. A transmissão pode ser feita dentro do estúdio ou no local do acontecimento.

Arte: Ilustração visual computadorizada, utilizada para facilitar a compreensão do telespectador. Costuma-se usar em matérias que têm gráficos, tabelas e/ou números.

Áudio: O som da reportagem.

Áudio ambiente: Som gravado na hora e no local em que a reportagem é feita. O som ambiente, além de ilustrar a matéria, pode conter informações importantes.

Audiotape: Termo técnico que indica a gravação de um texto do repórter via telefone.

Background ou BG: Som do ambiente ou música de fundo que acompanha a fala do repórter (off).

Bloco: Um telejornal é dividido em partes que chamamos de blocos.

Boletim: Resumo do fato. É gravado pelo próprio repórter no local dos fatos. Dá origem ao stand-up.

Break: intervalo comercial entre blocos

Briefing: resumo da informação. Termo técnico usado com frequência na reunião de pauta.

Cabeça da matéria ou cabeça do vt: É o lide da matéria. Quem lê é sempre o apresentador que introduz o assunto da matéria feita pelo repórter.

Chamada de bloco: Texto sobre os principais destaques do telejornal, transmitido dentro da programação normal da emissora. Tem como objetivo atrair o telespectador.

Contraplano: Recurso usado na edição da matéria. Quando o entrevistado aparece calado, olhando para o repórter, ou o repórter aparece fazendo uma pergunta para o entrevistado.

Deadline: Termo usado para definir o prazo final de qualquer procedimento.

Decupagem: É quando o editor marca a minutagem das melhores cenas e sonoras feitas pela equipe de reportagem na rua.

Deixa: Indicação para o Diretor de TV de onde ele deve cortar.

Edição: Montagem de uma matéria unindo áudio e vídeo.

Entrevista: Diálogo entre o repórter e o personagem fonte da informação.

Entrevista coletiva: Repórteres de vários veículos de comunicação participam da mesma entrevista.

Escalada: São as manchetes do telejornal, sempre no início de cada edição. Serve para atrair a atenção do telespectador no início do jornal e informar quais serão as principais notícias daquela edição.

Espelho: É o cronograma de como o telejornal irá se desenrolar. Prevê a entrada de matérias, notas, blocos, chamadas e encerramento do telejornal.

Fade: É um escurecimento na tela. Fade in é o aparecimento, e fade out, o desaparecimento gradual da imagem na tela.

Fechamento: Momento de fechar o espelho e montar o script do jornal

Flash: Resumo da notícia gravada pelo repórter de rua.

Frisar: Efeito de congelamento de uma imagem

Fusão: Recurso de edição. Desaparecimento e aparecimento simultâneo da imagem, que chegam a ficar sobrepostas. Usada em matérias mais elaboradas.

GC: termo técnico que indica os créditos de uma matéria na lauda

Inserção em crawl ou roll: Entrada de legendas no rodapé da tela, da direita para a esquerda (crawl), ou de baixo para cima (roll).

Insert: Colocar imagem ou áudio na matéria através de edição eletrônica.

Lauda: Papel com marcações especiais, em que o jornalista escreve os textos.

Lead: Invariavelmente está na abertura da matéria ou a cabeça da matéria lida pelo apresentador.

Link: Termo técnico que indica entrada ao vivo do repórter, do local onde acontece a notícia.

Locutor ou apresentador: Profissional que faz a apresentação das notícias no telejornal.

Manchete: Frase de impacto com informação forte.

Matéria: O mesmo que reportagem. É o que é publicado no veículo de comunicação.

Matéria bruta: fita não editada.

Nota ao vivo/pelada: Notícia lida pelo apresentador do telejornal, sem qualquer imagem de ilustração.

Nota pé: Nota ao vivo, lida ao final da matéria, com informações complementares.

Nota coberta: Nota cuja a cabeça é lida pelo apresentador e o texto seguinte é coberto com imagens. Esta nota pode ser gravada ou ao vivo.

Notícia: Acontecimento relevante para o público do telejornal ou qualquer veículo de comunicação.

Off the records ou Off: Informação que o jornalista não pode divulgar.

Passagem: Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações a serem usadas no meio da matéria. É o momento em que o repórter aparece na matéria para destacar um aspecto da matéria.

Plano: Angulação da câmera. Pode ser plano geral, médio, americano, primeiro plano ou primeiríssimo plano.

Povo fala: Também chamado de fala-povo, é a entrevista feita com várias pessoas – uma de cada vez –, que repercutem determinado assunto.

Retranca: Identificação da matéria. É o nome que a reportagem tem. É usado apenas internamente e destaca apenas duas palavras do VT (Ex: INFLAÇÃO/COMÉRCIO)

Relatório de Reportagem: texto do repórter. Nela ele prevê a cabeça da matéria, os offs, passagem, sonora. É um roteiro para o editor de texto montar a matéria.

Script: O mesmo que lauda.

Sobe som do VT: Marcação técnica na lauda. Indica ao sonoplasta o momento em que deve ser colocado determinado som.

Som ambiente: O mesmo que áudio ambiente.

Sonora: É a fala do entrevistado na matéria.

Stand-up: Quando o repórter faz uma gravação no local do acontecimento para transmitir informações do fato. É usado quando a notícia que o repórter tem que dar é tão importante que, mesmo sem imagem, vale a pena.

Teaser: Pequena chamada gravada pelo repórter com a manchete da notícia. Entra durante a escalada do jornal.

Texto em off, ou off: Texto gravado pelo repórter – normalmente após a gravação da matéria. É a narração da notícia, colocada durante a matéria.

Time code: Relógio digital que conta o tempo de frames, usado para decupagem e edição de fitas.

Travelling: Movimento de câmera para acompanhar um objeto em movimento.

Videotape ou VT: Equipamento eletrônico que grava o sinal de áudio e vídeo gerado por uma câmera.

Vinheta: É o que marca a abertura ou intervalo do telejornal. Alguns eventos importantes também merecem vinheta.

Fonte: Profa. Heidy Vargas. Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas. Universidade Metodista de São Paulo.

**ANEXO C- Espelhos dos Telejornais CN e JN entre os dias 07 e 11/05/07
(Encarte do CD)**

APENDICE - Painéis dos telejornais CN e JN entre os dias 07 e 11/05/07
PAINEL DOS TJ'S: Jornal Nacional e Cultura Noite
Síntese dos espelhos das edições de 07/05/07

Formato	RETRANCA JN	Formato	RETRANCA CN
Escalada	Chacina em SP eleva p/ 52 o número de vítimas este ano	Escalada	Balanço positivo do PAC
	Seqüestro e tortura no interior da BA. Bandidos aterrorizam o lugar aonde caiu avião com dinheiro.		Metrô encomenda 16 novos trens e faz viagem experimental num trecho da linha verde na região sul de SP
	Pesquisa mostra dificuldade de leitura e escrita de metade dos brasileiros com mais de 60 anos		Crianças sem escola devido a tiroteio entre policiais e traficantes na Vila Cruzeiro na zona norte do RJ
	Governo reconhece atraso em quase 40% do PAC		Polícia pode convocar Racionais a explicar tumulto no show na Virada Cultural em SP
	Brasil ameaça ir às cortes internacionais contra a Bolívia de Evo Morales		Bolívia delimita Petrobrás à condição de prestadora de serviço
	Anunciado acordo para tornar acesso à Internet mais barato		Bush comete gafe com rainha Elizabeth II ao insinuar que ela teria 200 anos de idade
	Segunda feliz para torcedores dos clubes campeões estaduais de 2007		Controle de emissão de gases nos veículos
			Cinegrafista amador registra quando tornado atinge o meio-oeste nos EUA
VT	Chacina em SP	VT	PAC
VT	Violência no show dos Racionais na Virada Cultural em SP	Comentário ao vivo	Avaliação do andamento os projetos econômicos e sociais no Brasil
VT	Transferência de Marcola do RDD p/ presídio de segurança máxima	VT	Novo trecho da linha verde do metrô em SP
VT	Protesto da sociedade civil ao assassinato do jornalista Barbom Filho	VT	Lei de inspeção veicular antes do licenciamento
VT	Paradeiro de R\$ 5 milhões sumidos com a queda de um avião na BA	Nota pé	Meio ambiente: catalizador e hidroelétricas do Rio Madeira
Ch de bloco	Pesquisa aponta dificuldade de brasileiros com mais de 60 anos para ler e escrever	NC	Gafe de bush na visita da Rainha Elizabeth II aos EUA
Ch de bloco	Sobreviventes do tornado nos EUA	Ch de bloco	Crianças impedidas de ir à escola devido a tiroteio na zona norte do RJ
Intervalo	Comercial Lojas Liliane: Gente!/ pára tudo...você ainda não comprou?	Ch de bloco	OAB cobra punição do assassinato de um jornalista no interior de SP
	Comercial da Som Livre: CD The best o far – Toni Brexton	Intervalo	Institucional Jornal da Manhã da Redesat
	Comercial Baymeg Prolong-um capeão no ganho de peso...		Comercial das lojas Economia
NC	República dos Camarões anuncia que não há sobreviventes na queda do avião		Comercial da TIM..Feliz TIM das mães.

NC	Encontrado um sobrevivente ao tornado no meio-oeste norte-americano		Clip Rádio Palmas-Redesat
NC	Nasa anuncia descoberta da maior explosão estelar		Comercial Fookos Cabelo e Pele
NC	Quarta erupção do vulcão Etna na ilha italiana da Sicília		Institucional do Fala Tocantins da Redesat
Vivo-arte cromaki	Previsão do tempo		Vinheta TV Cultura
VT	Esquema de segurança para visita do Papa Bento XVI	NC	Crianças sem aula devido à violência na zona norte do RJ
VT	A arte dos santeiros em Ibimirim no sertão de PE	NC	Bicampeonato paulista/ mineiro/ carioca.
NS c/arte no vídeo	Perfil psico-sócio-demográfico da 3ª idade	NC	Bicampeonato no norte/ nordeste e centro-oeste
Ch de bloco	Nova medida torna a Internet mais acessível	NS	Presidente da OAB classifica de crime de Leso à Democracia o assassinato do jornalista Barbom filho no interior de SP
Ch de bloco	Governo reconhece o atraso em 40% do PAC	Ch de bloco	Eleições na França
Ch de bloco	Brasil ameaça ir às cortes internacionais contra a Bolívia	Intervalo	Institucional do Redesat Agora
Intervalo	Comercial da Avom do perfume Midnight- o momento perfeito que tudo pode acontecer.		Promocional do Sindicato Rural de Barrolândia anunciando um rodeio.
	Comercial das Lojas Novo Mundo- Novo Mundo/ o melhor jeito de dizer: te amo mamãe/ Novo mundo/ o nosso mundo gira pelas mães.		Clip Rádio Palmas-Redesat
	Comercial da TIM..Feliz TIM das mães.		Institucional do MINC chamando p/ I Fórum das TV's Públicas
Ch da novela	Paraíso Tropical: Paula encontra Daniel		Institucional Rancho Raízes-Redesat
NC	Governo e empresas de telefonia reduzem custos da Internet para população de baixa renda		Institucional do MIC e da TV Cultura Projeto DOC TV
NS c/ arte no vídeo	O Ministério do Planejamento vai bloquear 330 beneficiados pelo Bolsa Família	NC	Quarta erupção em um mês do vulcão Etna na Itália

VT	PAC	NC	Eleições na França
VT	Petrobrás ameaça recorrer às cortes internacionais contra governo da Bolívia	Vivo-arte cromaki	Previsão do tempo
VT	Eleições na França	Entrevista de estúdio	Jogo patológico e sua relação com o TOC-transtorno obsessivo compulsivo.
NC	Gafe de bush na visita da Rainha Elizabeth II aos EUA	NC	Avaliação do projeto do prefeito Gilberto Kassab para controle dos gastos na Câmara Municipal de SP
Ch de bloco	Campeonato estadual	Ch de bloco	Balanço positivo da Virada Cultural em SP
Intervalo	Propaganda política-institucional do PT-TO	Ch de bloco	Bolívia afasta Petrobrás
	Comercial do supermercado Caçulinha	Intervalo	Institucional Roda Viva c/ apoio cultural dos seguintes anunciantes:
	Propaganda política-institucional da Prefeitura de Palmas.		Bradesco/ Bandog Truck Service/ Internacional Paper e Blue Life.
VT	Campeonato estadual		Propaganda política-institucional do PPP-TO
V	Encerramento:Boa noite e despedida		Clip Rádio Palmas-Redesat
			Institucional Jornal da Manhã da Redesat
			Vinheta TV Cultura
			Propaganda política-institucional do PDT-TO
			Institucional do programa Planeta Cidade
		NC	Buscas de resgate após passagem do tornado no meio-oeste norte-americano
		NC	Sucesso da Virada Cultural de SP
		NC	Tumulto no show dos racionais, um dos eventos da Virada Cultural.
		NC	Jogos do PAN
		NC	Presidente Evo Morales delimita às estatais bolivianas comercialização do hidrocarboneto
		V	Encerramento do noticiário
		V	Síntese da escalada do TJ
		V	Despedida - Boa noite

PAINEL DOS TJ'S: Jornal Nacional e Cultura Noite
Síntese dos espelhos das edições de 08/05/07

Formato	RETRANCA JN	Formato	RETRANCA CN
Escalada	Juíza sob suspeita de suborno junto à máfia dos bingos	Escalada	Em revide à proposta boliviana de pagar 1/3 do valor das refinarias nacionalizadas. Petrobrás anuncia a suspensão de todos os investimentos na Bolívia.
	Sete mortos e trinta e dois feridos numa guerra sangrenta no RJ		CPI do apagão aéreo vai ouvir os responsáveis pelo inquérito do acidente com Boeing da Gol.
	Dia histórico para paz entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte		Milhares de pessoas podem perder tarifa social de energia se não houver mudança na legislação
	Descoberta da Tumba do Rei Herodes no Oriente Médio		Governo brasileiro ainda acredita em novas negociações com a Bolívia para resolver as pendências com a Petrobrás. E você também acredita ?
	Preparativos em SP para a chegada da visita do Papa Bento XVI		Liberada a pista auxiliar do aeroporto de Congonhas. A reforma na pista principal começa na próxima semana.
	Cenas inéditas dos bastidores do Vaticano: o dia a dia do Papa Ratzinger		Moradores da Vila Cruzeiro, na zona norte do RJ, ocupada há uma semana pela polícia, pedem paz e o fim dos tiroteios.
			Papa Bento XVI aguarda com ansiedade visita ao Brasil e afirma que América Latina é o continente da esperança.
VT	Preparativos em SP na véspera da chegada do Papa		Vinheta
VT	Soldados do exército chegam a cidade de Aparecida do Norte onde Bento XVI estará na sexta-feira	NC	Visita do papa Bento XVI
VT	Polícia Federal vistoria papamóvel	LinK	Mudanças no tráfego em SP devido à visita do Papa.
Vt-Arte	<i>Quadro especial</i> :eu vou ver o Papa	NC	Petrobrás suspende investimentos na Bolívia
VT	A correspondente Ilze Scamparini traz imagens inéditas e exclusivas da rotina e da intimidade do Papa	Nota pé	Jornalista comenta depoimento do Assessor da Presidência sobre política externa brasileira.
NC	Católicos e evangélicos fazem passeata contra o aborto e entregam manifesto ao vice-presidente contra a sua legalização.	NC	Reabertura da pista auxiliar do aeroporto de Congonhas/ na zona sul da capital paulista.
Nota pé	Lula afirma que aborto é questão de saúde pública e antecipa que não discutirá assunto com o Papa	VT	Dez casas de Bingo fechadas na zona sul de SP
NS	Documento da CNBB pede mais atenção da sociedade para preservação ambiental da Amazônia e atendimento da população.	VT	Entidades de defesa do consumidor protestam pedindo alteração no prazo e mudanças nas regras de tarifa social de energia.
Ch de bl	Conversa telefônica muito suspeita de uma juíza...	Nota pé	Comentário refere-se às incumbências do Min.do Desenvolvimento social, das

			prefeituras e ao esclarecimento da ANEL
Ch de bl	...e uma guerra completa sete dias no RJ	NC	Acordo reuni católicos e protestantes na Irlanda do Norte/ num mandato de 5 anos autônomo em relação a Inglaterra.
Intervalo	Vinheta JN	Ch de bl	CPI do apagão aéreo vai ouvir responsáveis pelo inquérito do acidente do avião da GOL.
	Comercial do BB -promoção Ourocard para o Dia das mães	Ch de bl	
	Institucional Prefeitura de Palmas	Intervalo	vinheta
VT	Criminoso acusado da autoria do ataque a SP sai do RDD, em Presidente Bernardes para penitenciária em Presidente Venceslau.		Institucional- DOCTV-TV Cultura e Secretaria do audiovisual do Minc
VT	Mulher foi ferida em tiroteio entre policiais e traficantes ao proteger a filha de bala perdida		Institucional-Governo do TO (habitação)
Nota pé	A secretaria da administração penitenciária do Rio desconhece anotações dos detentos e afirma que tem feito vistorias nos presídios.		Institucional-Governo do TO (agronegócio)
VT	Tribunal de Justiça no Rio abre investigação interna para apurar acusações contra a juíza Sônia Garcia flagrada em escuta da Polícia Federal...		Comercial- Rodocar centro automotivo
Nota pé	A juíza Sônia afirma não ter ligação com as investigações da operação Furacão		Institucional- programa fala Tocantins-Redesat
NC	CPI do apagão aéreo tem sua 1ª sessão. Relator quer investigar 1º acidente da Gol e depois as denúncias na Infraero		Vinheta- Radiopalmas-Redesat.
NS	TSE questiona doações em conta do então candidato à presidência Geraldo Alckmin e PSDB aguarda intimação para se pronunciar		Vinheta da Tv Cultura
VT	Câmara dos deputados, a Associação nacional dos jornais e a Unesco debatem Liberdade de Imprensa	NC	CPI do apagão aéreo quer aprovar convocação do delegado da polícia Federal/Renato Sayão/ e do coronel Rufino Ferreira.
Ch de bl	Reabertura de negociações entre a Petrobrás e o Governo Boliviano...	Entrevista de estúdio	Comentário questionando o porque do tema mais polêmico- a Infraero- ter ficado para depois do caso do avião da GOL.
	...e um tesouro descoberto no Oriente Médio.	VT	I Fórum Nacional das TV's públicas inicia a discussão sobre os desafios e as estratégias destas emissoras tratando do tema financiamento e modelo de gestão.
Intervalo	Comercial- Caixa Econômica Federal	Entrevista de estúdio	Heródoto Barbeiro entrevista o Bispo auxiliar da Arquidiocese de SP/Don Pedro Luís Stringhini/ sobre o significado da visita do Papa.
	Institucional	NC	Descoberta tumba de Herodes nas proximidades da atual Jerusalém

	Prêmio Tim de música.	Ch de bl	Moradores de favela ocupada no RJ pedem sossego e o fim dos tiroteios
	Ch da novela Paraíso Tropical	Ch de bl	Acerto na Câmara para votação do aumento do salário dos deputados.
	Ch para estréia da novela Eterna Magia.	Vinheta	Jornal Cultura Noite
	Vinheta do JN		Institucional do Jornal da Manhã-Redesat.
VT	Governo da Bolívia e a Petrobrás reabriram negociações sobre refinarias		Comercial do Fookos cabelo e pele
VT	França comemorou aniversário da vitória contra nazistas enquanto se prepara para troca no poder.		Institucional site arquidiocese de Palmas
NC	Depois de 30 anos de conflitos, protestantes e católicos dividem o poder na Irlanda do Norte.		Institucional do programa Futuro em Pauta da Redesat.
Vivo-arte cromaki	Descoberta Tumba do Rei Horodes no Oriente Médio	Vinheta	TV Cultura-Modelo de TV Pública no Brasil Institucional DOCTV...
VT	Previsão do tempo		
Ch de bl	Quadro especial: <i>eu vou ver o Papa</i> Reaparecimento de Maradona	VT VT	Programa de desburocratização de SP Marcos Camacho saiu do RDD para Penitenciária II/ de Presidente Venceslau/ que também no interior de SP Heródoto Barbeiro conversa com Renato Lombardi sobre a transferência de Marcola
Ch de bl	O que pode muda com as normas que regem a escrita do português?	Entrevista de estúdio	Moradores da Vila cruzeiro/zona norte do RJ/fazem manifestação para pedir paz e Secretaria de segurança do estado diz que operação de combate ao tráfico vai continuar
Intervalo	Clip musical-institucional da Prefeitura de Palmas	NC	Previsão do tempo
	Comercial de ofertas-Quarteto Supermercado	Vídeo-arte	
	Propaganda-Vestibular Faculdade Cidade João Pinheiro	NS	Câmara aprovará aumento de salário dos deputados. O custo anual de cada um subirá de cem para cento e vinte seis mil reais por mês.
	Institucional-Tocantins/dez anos sem aftosa Vinheta JN	Ch de bl	Os melhores do campeonato paulista
NC	Maradona reaparece publicamente após hospitalização	Intervalo	Cristo redentor frustra expectativa do Brasil na disputa das sete maravilhas do mundo Programa provocações da TV Cultura
VT	Acordo ortográfico entre países de língua portuguesa		Institucional prêmio Bunge-empendedorismo em panificação. Propaganda político-partidária do PSB
V-nota pé	Brasil/Cabo Verdeq São Tomé e Príncipe já ratificaram o acordo// Como Portugal não se posicionou/ mudança ainda não vale//		
V	Despedida/ seguida de apresentação da programação subsequente//		Comercial da Sky-TV a cabo
V	Boa noite//	vinheta	Jornal Cultura Noite Propaganda político-partidária do PSB Institucional DOCTV ...

		NC	Premiação dos destaques do campeonato paulista de futebol
		NS	Notícias dos jogos panamericanos
		NS	O cristo redentor não ficou entre as dez mais votadas das sete maravilhas do mundo
		V	Síntese da escalada
		V	Despedida: boa noite

PAINEL DOS TJS: Jornal Nacional e Cultura Noite
Síntese dos espelhos das edições de 09/05/07

Formato	RETRANCA JN	Formato	RETRANCA CN
Escalada	Nove de Maio de dois mil e sete.	Escalada	Católicos brasileiros em festa.
Link F.B	Papa inicia viagem de cinco dias ao Brasil.		Durante a viagem, Papa voltou a condenar o aborto.
	Pilotos do Legacy são indiciados pela Polícia Federal.		Papa apóia Bispos mexicanos que criticaram a aprovação da lei do aborto.
	Saudação - chama link		Alerta na Califórnia: incêndio destrói parque em Los Angeles.
Link F.B	Saudação - chama VT		Presença Papal reabre polêmicas, entre elas o aborto e sexo antes do casamento.
			Bento 16 chega a São Paulo para visita de cinco dias e participará da canonização de Frei Galvão.
			Em pronunciamento, Papa fala da importância da evangelização da Igreja e da abertura da Conferência Episcopal Latino-Americana.
			Papa já está no mosteiro de São Bento, onde falou de improviso em português e saudou os brasileiros. ((discurso papa))
VT/4	Papa agradece a acolhida e diz que viagem ao Brasil o permite realizar a canonização de Frei Galvão e Conferência do Episcopado Latino- Americano que serão marcos p/ a Igreja.	VT	Papa diz que visita ao Brasil é de caráter essencialmente religioso e de alcance Latino-Americano.
VT/4	Viagem traça diretrizes da Igreja na América Latina p/ os próximos 10 anos.	NC	Papa realizará a canonização de Frei Galvão e abertura da quinta Conferência do Episcopado Latino-Americano.
VT/4	Lula faz discurso de recepção e Bento 16 volta a condenar o aborto.	Link NC	Polêmica: Papa, defende posição dos bispos mexicanos.
Link F.B	Teaser - Polêmica entre Igreja e Governo. ((chama link repórter rua))	NS	Papa manda recado aos políticos italianos.
Link C.T	((chama VT))	VT	Papa recebe as boas-vindas, faz discurso em português e fala sobre evasão de fiéis p/ Igrejas Evangélicas.
VT/14	Sacrifícios e recompensas p/ quem viu o Papa de perto.	Nota pé	Segundo estudiosos do vaticano, a politização da Igreja Católica teria causado “vazio espiritual” que teria sido aproveitado por evangélicos.
Link F.B Ch de bloco	Romeiros em Aparecida e os sons que embalam a visita do Papa ao Brasil.	Ch de bloco	O sociólogo Pedro Lima Vasconcelos, fala dos pontos polêmicos e importantes da visita do Papa ao Brasil.
Intervalo	Comercial: Rede Caçulinha de Supermercados	Intervalo	Institucional: Redesat
	Comercial: Lojas Novo Mundo		Prop. Político-partidária: Democratas
	Prop. Político-partidária: Democratas		Comercial : Revenda Tim

NC/4	Visita de Bento XVI é a quinta de um Papa ao Brasil as anteriores foram de João Paulo segundo. ((retrospectiva))		Prop. político-partidária: PP
VT/	Militares e Batedores testam esquema de segurança que levam à Aparecida, onde 500 mil pessoas devem assistir à missa.		Institucional Pref. Palmas: Clipe musical aniversário de Palmas.
VT	60 corais e canto gregoriano dão o tom à visita do Papa.		Vinheta: Tv Cultura
Link F.B Ch de bloco	Mais informações sobre o primeiro dia de visitas do papa	VT	No Campo de Marte, Papa é recebido pelo prefeito Gilberto Kassab que o entregou as chaves da cidade ao som do coral do Projeto Guri. De lá, Bento 16 seguiu de papamóvel pelas ruas de São Paulo até o Mosteiro de São Bento onde ficará hospedado pelos próximos dias.
Ch de bloco	O indiciamento dos pilotos do Legacy e a morte do ator diretor Herval Rossano.	VT	Pessoas de todo o Brasil enfrentam frio e chuva para ver o Papa. Para garantir a segurança dos fieis, além da Polícia e do Exército, a Guarda Civil Metropolitana impediu a ação de camelôs que vendiam artigos religiosos.
Intervalo	Comercial: Bom Brill.	Link - Ch entrevista	Imagens do Mosteiro de São Bento e chamada para entrevista de estúdio.
	Comercial de ofertas: Ponto Frio dia das mães.	Entrevista de estúdio	O convidado, professor Vasconcelos, fala sobre questões polêmicas que pautam a visita do Papa ao Brasil como a teologia da libertação e a deflexão de católicos no Brasil. Na opinião dele, diferente do que pregam os Vaticanistas, a falta da presença da Igreja nas periferias dos grandes Centros Metropolitanos, seria a oportunidade que evangélicos tiveram p/ se fazer solidários c/ o contingente e dramas dos menos favorecidos.
	Comercial: Residencial Maria Fernanda	NC	Antes de entrar para uma cerimônia reservada no Mosteiro de São Bento, o Papa saudou fieis que se espremiavam para vê-lo.
	Chamada para a novela Paraíso Tropical: Ana Luísa encontra Lucas.	Ch de bloco	Incêndio em parque deixa Los Angeles em estado de alerta.
	Chamada da novela das seis: Estréia dia seis, Eterna Magia.	Ch de bloco	Polícia Federal conclui inquérito e mantém indiciamento dos pilotos americanos.
NC	Vice-Presidente dos Estados Unidos faz visita surpresa ao Iraque.	Intervalo	Vinheta: Programa Doc Tv
NC	Caminhão-bomba mata 14 pessoas e fere 87 no norte do Iraque.		Prop. político-partidária: PP
NC	Ataques fizeram quatro jornalistas iraquianos capturados, torturados e mortos em Kirkuk.		Comercial: Lojas Economia
NC	Ataque aéreo no Afeganistão mata 21 civis.		Institucional: Programa Rancho Raízes
NC	Polícia Britânica prende suspeitos de atentados ao metrô, em julho de 2005. Entre os presos, a viúva de um dos homens-		Vinheta: Programa Doc Tv

	bomba.		
NC	Governo palestino cancela programa infantil de uma emissora do grupo islâmico Hamas.	NC	Chegada do Papa ao Mosteiro de São Bento emociona fiéis.
NS	Petrobras e Governo Boliviano não chegam a um acordo. Ministro Silas Rondeau diz que o Brasil tem um plano b para eventuais problemas no fornecimento de gás.	NC	Centenas de pessoas que enfrentam chuva e frio de São Paulo p/ aguardarem saudações e bênçãos.
NS c/ box	A decisão do Banco Central dos Estados Unidos faz o dólar cair e a Bovespa bate novo recorde.	NC	Rio Grande do Sul registrou na madrugada um vírgula um grau, a menor do ano e o planalto catarinense, ficou em zero vírgula quatro graus negativos.
VT	Justiça Federal do MT recebe inquérito do acidente do Legacy. Segundo a Polícia Federal, os americanos foram os responsáveis pela colisão, descarta possibilidade de problemas no transponder e sugere que a aeronáutica investigue os controladores que estavam no Cindacta um, no dia do acidente.	Previsão do tempo	Previsão do tempo
Nota pé	Advogado da Excel Air declara que a Polícia Federal brasileira responde de forma prematura às pressões da opinião pública.	NS	O Ministro da Saúde, José Temporão, disse que a legalização do aborto no país é uma questão de saúde pública e não deve ter influência religiosa, filosófica, ética ou fundamentalista.
NC	Morre o ator e diretor Herval Rossano.	NC	Além de manter o indiciamento dos pilotos o inquérito da Polícia Federal de MT sugere que instâncias competentes investiguem e punam os controladores de voo.
Previsão do tempo	Previsão do tempo	V comentário	Conflito de interesses na CPI do apagão: deputado Paisandim investiga empresa que financiou suas duas últimas campanhas.
NS	Supervisor do DENIT em Uberlândia, é preso por não cumprir ordem judicial.	NC	Incêndio destrói parque em Los Angeles e polícia investiga a possibilidade de incêndio criminoso.
NS	Polícia Federal descobre que a juíza Sônia Machado favoreceu integrantes da máfia dos bingos.	VT	Prazo para cadastramento de armas prestes a encerrar
Link F.B Ch de bloco	Primeiro dia de visita do Papa e duas manifestações de condenação ao aborto.	VT	Fundação Padre Anchieta assina parceria com Eletropaulo.
Intervalo	Comercial: Lojas Aqui Agora.	Ch de bloco	Roma surpreende e goleia Inter no primeiro jogo da final da Copa da Itália.
	Residencial: Maria Fernanda.	Ch de bloco	Receita Federal vai perdoar que clubes de futebol têm com o fisco.
	Comercial: Liliane (gente pára tudo! você ainda não comprou...)	Intervalo	Institucional: Programa Cultura Mundo apresenta: O Vaticano de Bento XVI.
	Prop. político- partidária: PP		Comercial: Redesat
VT	Governo e Igreja divergem a respeito da legalização do aborto.		Institucional: DVDs Doc Tv
VT	Trânsito ainda mais complicado, mas um dia inesquecível para muitos fiéis.		Comercial: Rádio Palmas FM
VT	Como será o segundo dia da visita. No		Comercial: Redesat

	Estádio do Pacaembu, tudo pronto para o último compromisso do papa, o encontro com os jovens.		
Link F.B	Encerramento e despedida.		Institucional: Programa Grande Teatro em Preto e Branco
V	Chamada para futebol e Jornal da Globo. Boa noite.	NC	Inter e Roma decidem a Copa da Itália.
		NC	Semifinais na Espanha, Sevilha versus La Corunha.
		NS	O leão vai perdoar as dividas que os clubes de futebol têm com o fisco.
		NS	Ministro dos Esportes e o Presidente do COB apresentam apartamentos da Vila Pan-Americana.
		Link NC	((Imagens do Mosteiro de São Bento)) Mais de cem mil se reuniram no Largo de São Bento para a benção do Papa.
		NS	Meio Ambiente na campanha da fraternidade. ((encerramento))
		V	Síntese da escalada do TJ
		V	Despedida – Boa noite.

PAINEL DOS TJS: Jornal Nacional e Cultura Noite
Síntese dos espelhos das edições de 10/05/07

Formato	RETRANCA JN	Formato	RETRANCA CN
Escalada	Quinta- feira repleta de compromissos para o Papa.	Escalada	Milhares de jovens estão no Estádio do Pacaembu para o encontro com o Papa.
Link F.B	Bento 16 começa o dia c/ atividades de Chefe de Estado.		Juventude Católica é representada por Brasileiros e Latinos Americano.
	Tony Blair marca data para deixar o cargo.		Em encontro com jovens, Bento 16 defende a castidade e o casamento.
	Bento 16 teve agenda cheia nesse segundo dia de visita ao Brasil. ((chama link))		Um milhão devem acompanhar a cerimônia de canonização de Frei Galvão.
			Aumento p/ deputados terá efeito cascata nas Assembléias e Câmaras Municipais.
			O Papa esteve com o Presidente Lula e com o Governador Jose Serra.
			Bento 16 sai quatro vezes na sacada do Mosteiro de São Bento e acena p/ fieis.
Link F.B	Papa participa de encontro c/ juventude católica. ((chama link repórter rua)).	V	No Palácio dos Bandeirantes, Lula deixa claro que mantém Estado e Igreja independentes e Serra entrega um pedido para apressar a beatificação de irmã Dulce
Link R.B	40 mil lotam o estádio do Pacaembu. O Papa acredita que os jovens são o presente e que a igreja precisa deles para o futuro.	Link E.K	40 mil lotam o estádio do Pacaembu, são jovens de 204 dioceses do Brasil e de sete países da América Latina. O esquema de segurança reúne 2800 homens do Exército, 12 mil policiais e mil Guardas Civis Metropolitanos.
VT	O Papa foi recebido por José Serra, que pediu o apressamento do processo de beatificação de irmã Dulce. E numa conversa reservada c/ o Presidente Lula os dois evitaram temas polêmicos, mas Lula demarca os poderes do estado e da igreja.	NC c/ imagens Link	Amanhã Frei Galvão será canonizado em missa a ser realizada pelo Papa no Campo de Marte. A expectativa é que um milhão de fieis acompanhe o ato religioso.
NP	O Papa manifesta a expectativa de que seja assinado, ainda em seu pontificado, acordo diplomático entre a Santa Sé e o Brasil.	NS	Desde o começo da noite o Papa Bento 16 está no Estádio do Pacaembu para um encontro com jovens católicos.
VT	O encontro do Papa com representantes de várias religiões foi reservado e fraterno. Dentre os convidados, o rabino Henry Sobel e o sheik Armando Hussein Saleh, que o presenteou c/ uma capa, símbolo do patriarcado Abrahâmico.	NS	A saída do Mosteiro de São Bento no centro da capital e todo o percurso até o estádio foi acompanhada por milhares de fieis.
VT	Bento 16 sai do roteiro por quatro vezes e saúda fieis calorosamente.	NC	No memorial da América latina, Papa abençoa escultura que simboliza a união das Américas.
Link F.B Ch de bloco	Voltaremos ainda nesta edição com outras informações sobre o segundo dia do Papa no Brasil.	NS	Termina hoje o prazo dado pela Petrobras p/ que a Bolívia pague pelas refinarias que foram nacionalizadas p/ Evo Morales

Ch de bloco	A seguir a polêmica do aborto.	Ch bloco	Jovens de todo o Brasil e da América Latina lotam o Pacaembu para ver Bento 16.
Intervalo	Comercial: Ofertas Ford	Ch bloco	Daqui a pouco, entrevista sobre os desafios do papa e da igreja no continente latino americano.
	Comercial:Ofertas Lojas Novo Mundo	Intervalo	Vinheta?
	Informe gov. Tocantins: Quite logo seu IPVA e evite transtornos.		Institucional pref. Palmas?
VT	A igreja Católica defende que a vida tem que ser preservada desde a concepção, mas um estudo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro estima que, por ano no Brasil, haja um milhão de abortos clandestinos.		Comercial :Shake Bioslim
Previsão do tempo	Previsão do tempo		Comercial: Lojas economia.
Link F.B Ch de bloco	O JN é interrompido pela propaganda partidária obrigatória. Na sequência, o esquema de segurança para o Papa.		Vinheta: Jornal da Noite, oferecimento Unidas Rent a Car
Intervalo	Prop. político- partidária: PT do B		Vinheta: Rádio Palmas FM
Link A.S	Expectativa de que bento 16 quebre mais uma vez o protocolo e apareça pela quinta vez no dia na sacada do mosteiro.	VT	Espalhar a boa nova entre os jovens que não crêem ainda é um desafio para a igreja e p/ jovens católicos.
VT	Operação arcanjo envolve 60 pessoas p/ a segurança de Bento 16.	Ch entrevista	Os desafios que esperam o Papa e a diminuição da influência da Igreja na sociedade são temas da entrevista.
VT	Mais do que as pílulas milagrosas a Igreja agora quer mostrar a outra face de Frei Galvão.	Entrevista de estúdio	O jornalista e historiador Mateus Soares de Azevedo acredita que a crise do catolicismo é a mudança do rito.
VT	No encontro do Pacaembu, seis jovens brasileiros levaram ao Papa Bento16 as preocupações da juventude católica	VT	Policia Federal desmantela quadrilha que desviava dinheiro do pedágio do Cristo Redentor no Rio de Janeiro.
Link F.B Ch de bloco	Repórteres mostram como foi encontro do Papa com os jovens.	NC	Tony Blair anuncia data p/ deixar o poder e já tem um favorito, Gordon Brown.
Ch de bloco	A seguir o entre a Petrobras e a Bolívia e o fim do governo de Tony Blair.	Link E.K	Bento 16 manda mensagem de paz e pede o fim da violência.
Intervalo	Comercial: Ourocard Banco do Brasil	Ch de bloco	A CPI do apagão pretende ouvir os pilotos americanos do jato Legacy.
	Comercial: Claro Celulares	Ch de bloco	Oposição considera inoportuno o reajuste salarial parlamentar.
	Comercial: Lojas Franco Eletro	Intervalo	Institucional: Redesat
	Institucional pref. Palmas: Clipe musical		Comercial: Fookos cabelo e pele.
	Chamada novela: Paraíso Tropical		Institucional pref. Palmas: Dia das Mães.
	Chamada novela: Eterna Magia		Institucional: Programa Olhar Digital na Construção Civil.
VT	Tony Blair anuncia que deixa o cargo no dia 27 de junho.		Institucional: Tv Cultura

NS Link Z.S	Governo brasileiro anuncia acordo p/ venda das refinarias da Petrobras na Bolívia.		Comercial: Claro Celulares
NS	A agência de classificação de risco, Fitch, elevou a nota do Brasil. O dólar hoje subiu aqui e a Bovespa caiu mais de dois por cento, acompanhando a queda das bolsas americanas.		Institucional: Programa Doc Tv
VT	Câmara aprova reajuste de 28,5% p/ parlamentares. Se aprovado no Senado, o impacto será de mais de 600 milhões de reais por ano nas contas públicas.	NS	Papa considera a Quinta Conferencia Geral do Episcopado e a canonização de Frei Galvão marcos históricos para a Igreja.
Link F.B NC	Bento 16 quebra protocolo e abençoa fiéis.	NC imagens Link	No Santuário Nacional de Aparecida são esperadas 500 mil pessoas.
NC	No Rio de Janeiro a guerra entre policiais e traficantes fizeram hoje mais cinco vítimas.	NS	A CPI do Apagão Aéreo vai convocar os pilotos norte americanos do jato legacy.
NC	Grêmio e Santos estão garantidos nas quartas-de-final da Libertadores.	VT	Reajuste de 28,5 % divide opiniões na câmara. A estimativa é que custe aos cofres públicos mais de 600 milhões de reais/ ano.
NS	Paraná Clube precisa vencer o Liberd em Assunção por dois gols de diferença.	V Comentário	Reajuste vai ter efeito cascata. O fato de o aumento ter ocorrido durante a visita do Papa é mera coincidência.
Link F.B Ch de bloco	A seguir o encontro de Bento 16 com os jovens em São Paulo.	NS	A madrugada mais fria do ano na capital teve 12 ° c/ sensação térmica de 4°.
Intervalo	Comercial: Residencial Maria Fernanda.	Previsão do tempo	Previsão do tempo
	Comercial: Teti Caminhões.	NC	Time gremista avança as quartas de final.
	Institucional pref. Palmas: Clipe musical	NC	Fluminense, brasiliense e figueirense são semifinalistas da copa do Brasil.
VT	Jovens peregrinos seguem o caminho da fé. ((corte na gravação))	Ch de bloco	Ex jogador colombiano Rincon é preso em São Paulo acusado de tráfico de drogas.
		Ch de bloco	Grandes empreiteiras forçam mão p/ combater o apagão até 2010
		Intervalo	Institucional: Redesat.
			Comercial: Revenda Tim.
			Prop. político- partidária: PSB
			Institucional: Imprensa Oficial
			Vinheta: Cultura Noite.
			Prop. político- partidária: Partido Socialista
			Institucional: Jornal Propaganda
			Prop. político- partidária PSB
		VT	Policia Federal prende Fred Rincón, acusado de envolvimento com o tráfico de drogas e lavagem de dinheiro.
		NS	Presidente do Vasco é condenado a 10 anos de prisão e multa, acusado de sonegação.
		NS	Consortio paralisa obra de parque aquático do Pan e alega falta de pagamento por parte da prefeitura carioca.
		V	A solução p/ não ter apagão em 2010 pode

		comentário	estar na economia da energia e não na construção de novas hidroelétricas que arruinam o meio ambiente.
		V	Síntese da escalada do TJ
		V	Despedida- boa noite ((link- discurso papa))

PAINEL DOS TJS: Jornal Nacional e Cultura Noite
Síntese dos espelhos das edições de 11/05/07

Formato	RETRANCA JN	Formato	RETRANCA CN
Escalada	Onze de maio de dois mil e sete.	Escalada	Papa cobra empenho na evangelização e vigilância na defesa do celibato.
Link F.B	Papa canoniza primeiro Santo nascido no Brasil		
	Mais de um milhão assistem à cerimônia em que Frei Galvão se tornou Santo.		
	Bento 16 defende a virgindade e o matrimônio em um encontro com Bispos.		
	Papa critica seitas, pede honestidade a políticos e empresários, defende o celibato e ataca o divórcio.		
	E o dia termina com a viagem à Aparecida onde fica até domingo.		
	Petrobrás nega prejuízo c/ refinarias da Bolívia.		
V	O Papa Bento 16 está na cidade onde tem o maior templo do mundo em homenagem à Virgem Maria.	V	Bento 16 chega à cidade, onde fica o Santuário Nacional de Nossa Senhora de Aparecida.
Link F.B	O Papa chegou agora pouco de São Paulo e foi direto para o seminário Bom Jesus. ((Chama link repórter rua))	Link Img	Imagens ao vivo da chegada de Bento 16 à Aparecida e descrição detalhada do locutor.
Link A.S	Essa será a residência do papa até domingo, o Seminário Bom Jesus começou a ser construído a mais de cem anos e também passou por uma reforma para receber Bento 16, ele vai ficar no mesmo quarto usado por João Paulo Segundo em 1980.	VT	Santo Antônio de Santana Galvão é assim que passa a ser conhecido o primeiro Santo brasileiro. Mais de um milhão de pessoas estiveram no Campo de Marte p/ assistir a canonização. O Papa afirmou que é preciso dizer não aos meios de comunicação que ridicularizam a o matrimônio e virgindade antes do casamento.
NC	Papa chega à Aparecida.	VT	A canonização de Antônio de Santana Galvão c/ benção de Bento 16, encerra um processo que começou em 1938.
Link A.S	Papa inaugura busto que fica ao lado do busto de João Paulo Segundo. ((Chama Link F.B))	NS	Clodovil será processado na Câmara dos Deputados p/ quebra de decoro. Se o caso evoluir é o Plenário que vota se cassa ou não o mandato. Até agora está engavetado o projeto que institui voto aberto, seria bom que senadores desengavetassem isso, p/ a gente acompanhar o que é feito no Congresso Nacional.
VT	As viagens de várias caravanas terminam no Campo de Marte p/ o mais aguardado dos compromissos de Bento 16, a canonização de Frei Galvão.	Ch de bloco	Mais de 14 mil detentos deixam a prisão por conta do indulto do dias das mães
VT	O brasileiro Antônio de Santana Galvão	Ch de bloco	Mães que tiveram filhos assassinados fazem

	tornou-se Santo na presença de milhões de pessoas, entre elas as duas que receberam as graças de seus milagres.		protesto no Rio de Janeiro.
VT	No Campo de Marte havia quem quisesse agradecer ao Frei Galvão e muitos pedidos de benção do Papa. Imagens de um país que espera muito de um conterrâneo santificado.	Intervalo	Institucional: Programa Regional “Fala Tocantins”
VT	Em Guaratinguetá, cerimônia de canonização é acompanhada p/ devotos na igreja dedicada a Frei Galvão.		Prop. político – partidária: Partido Progressista
Ch de bloco	Papa critica seitas e pede honestidade a empresários e políticos.		Institucional: Rádio 96 FM
Intervalo	Comercial: Ofertas Lojas Novo Mundo		Comercial: Lojas Economia
Comercial	Escola Adventista		Institucional: VI Exposição Agropecuária de Paraíso
Institucional	UNIRG		Institucional: Programa Futuro em Pauta
VT	Em encontro c/ 400 Bispos na Sé, Papa é contundente. Convoca os Bispos do Brasil a reforçarem a evangelização. Volta a criticar os ataques ao matrimônio e a família, diz que crimes contra a vida estão sendo cometidos em nome da liberdade individual e ressalta a importância do celibato.	VT	Em encontro c/ 400 Bispos na Sé, o Papa falou sobre a missão da igreja. Fez crítica indireta aos defensores da Teologia da Libertação, pediu combate à ferida do divórcio, defendeu o celibato e cuidado para evitar desvios sexuais no clero. O Papa cobrou mais empenho na evangelização.
VT	Religiosos ouvem do Papa que a Igreja hoje tem menos espaço p/ Bispos independentes. Bento quer reforçar missões p/ conquistar fiéis, as regras da nova evangelização serão ditadas na conferência de Aparecida.	NC	Mães de vítimas da violência no Rio fazem protesto na Cinelândia e pedem justiça. Já na favela da Vila Cruzeiro o clima continua tenso. Há dez dias o local está ocupado pela polícia, treze pessoas já morreram.
VT	Aparecida, local onde fiéis vão cumprir promessas, se preparou c/ nunca p/ a visita do Papa, mas o movimento ainda é menor que o esperado e aumenta a ansiedade dos que aguardam a chegada de mais romeiros.	V	Justiça libera em São Paulo mais de 14 mil no indulto do dia das mães. Detentos receberam o benefício e deixaram as prisões na quarta-feira. A volta está marcada p/ a próx. terça-feira até as cinco horas da tarde.
Link F.B	Aparecida está de braços abertos p/ receber os fiéis e ter um santo fim de semana.	Comentarista	Renato Lombardi comenta que indulto é parte do processo de ressocialização.
Ch de bloco	Papa vai reencontrar um amigo de juventude, aqui perto de Aparecida.	Ch de bloco	A próxima madrugada terá recordes de frio no rio de janeiro e em minas gerais.
Ch de bloco	Petrobrás nega prejuízos na Bolívia.	Ch de bloco	Treze pessoas são presas acusadas de desviar dinheiro de contas pela internet.
Intervalo	Comercial: Ofertas Ford	Intervalo	Institucional: Programa Olhar Digital
	Institucional: Bradesco		Comercial: Net Box
	Comercial: Liliane (gente pára tudo! você ainda não comprou...)		Prop. político- partidária: PTB
	Comercial: oba-oba		Comercial: Fookos cabelo e pele.
	Chamada novela: ?		Institucional: Rádio 96 FM
N?	Joé Ramos é o primeiro presidente eleito democraticamente em Timor Leste.		Comercial: Nossos Talentos?
VT	As duas refinarias da Petrobrás na Bolívia são vendidas para a estatal boliviana.		Vinheta: Tv Cultura
NC	Comissão que investiga o caso Jean Charles absolve onze policiais. O Ministério das Relações Exteriores protesta e a embaixada vai manifestar o desagrado do Governo	NC	Treze pessoas são presas no Rio Grande do Sul acusadas de desviar dinheiro de contas bancárias pela internet. A Polícia Federal crê que prejuízo seja de mais de um milhão

	Brasileiro c/ as autoridades britânicas.		de reais/ano. Presos podem ser indiciados p/furto qualificado e formação de quadrilha.
NC	No Rio de Janeiro, mulheres que perderam filhos assassinados, protestam contra a violência em manifestação “anjos da paz”	Previsão do tempo	Previsão do tempo
Link F.B	((chamada p/ teaser Globo Repórter))	NC	Ministério da Economia da Grã-Bretanha lança candidatura p/ substituir Tony Blair.
Teaser S.C	O infinito amor materno, um desafio p/ a ciência.	VT	Especialistas apresentam a Lula, documento que traça diretrizes p/ modelo de Tv Pública capaz de garantir entretenimento, educação e cultura com qualidade. Na próx. semana grupos de trabalho da Sec. de Comunicação Social e do Ministério da Cultura começam a discutir o modelo a ser implantado.
Previsão do tempo	Previsão do tempo	Ch de bloco	Inocentados os policiais ingleses envolvidos na morte do brasileiro Jean Charles.
NS	Alonso domina o primeiro dia de treinos p/ o GP da Espanha. Felipe Massa fez o quarto tempo e Barrichello décimo quarto.	Ch de bloco	Ministro da Saúde quer proibir pessoas famosas nas propagandas de cerveja.
Ch treino F1	O treino de classificação para o Grande Prêmio da Espanha ao vivo é amanhã às nove da manhã, horário de Brasília.	Intervalo	Institucional: Cine Brasil – A hora mágica
Ch de bloco	O amigo de juventude que o Papa vai encontrar amanhã de e a história da imagem de Nossa Senhora Aparecida.		Institucional: Jornal da Noite
Intervalo	Chamada: Fórmula 1		Prop. Político- partidária: PP
	Comercial: Scénic kids – Renault		Institucional: Site Arquidiocese de Palmas
	Institucional: Banco Real		Institucional: Programa Rancho Raízes
	Comercial: Nova Schin		Vinheta: Tv Cultura
	Institucional: Petrobrás	NC	Onze policiais britânicos envolvidos na morte de Jean Charles de Menezes são inocentados p/ comissão de investigação.
Link F.B	De volta ao vivo de Aparecida e vamos ver agora como será a agenda do Papa amanhã.	NC	No Maracanã Botafogo dois, Atlético Mineiro um.
VT	Papa vai conhecer o trabalho de um amigo de juventude. Frei Hans Stapel encontrou sua missão de no Brasil há 34 anos, resgatar jovens dependentes de drogas ou álcool.	NC	Confederação Brasileira de Judô divulga atletas que vão defender o país.
VT	Papa quer ver Santuário e fé que brasileiros dedicam a N.Senhora Aparecida. Amanhã reza o terço com os fiéis, em homenagem a Virgem e seus devotos.	NS	Temporão adora uma polêmica. Antes, defendeu o aborto c/ forma de política pública, agora quer proibir gente famosa de fazer propaganda de cerveja.
Ch de bloco	Emoção de quem pode dizer que viu o Papa de perto.	JD	O Cultura Noite termina por aqui.
Intervalo	Comercial: City Lar	MD	Uma boa noite para você.
	Comercial: oba-oba	HB	Boa noite.
	Institucional: UNIRG		
	Institucional: Sec. da comunicação do Estado		
Link F.B	Voltamos da Basílica de Aparecida e vamos falar c/ César Tralli que tem informações sobre o esquema de segurança do Papa. ((Chama Link repórter rua))		

Link C.T	Cinco mil homens entre soldados, Policiais Militares e Civis foram mobilizados p/ proteger o Papa e a multidão de romeiros.		
VT	Câmera de Tv do Vaticano acompanha cada gesto de Bento 16 na missa de canonização de Frei Galvão. O Papa estava visivelmente emocionado. ((corte na gravação))		